



Além do Estereótipo:

Explorando a Participação das Mulheres Muçulmanas no Desporto

Camila Alves Ferreira

Porto, 2023



Além do Estereótipo:

Explorando a Participação das Mulheres Muçulmanas no Desporto

Dissertação apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, com vista à obtenção do grau de Mestre em Gestão do desporto, de acordo com o Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março, na versão da última alteração do Decreto-Lei n.º 13/2022, de 12 de janeiro.

Orientador: Prof.^a Doutora Maria José Carvalho

Coorientador: Prof.^a Doutora Paula Batista

Camila Alves Ferreira

Porto, 2023

FICHA DE CATALOGAÇÃO

Ferreira, C.A. (2023). *Além do Estereótipo: Explorando a Participação das Mulheres Muçulmanas no Desporto*. Porto: C. Ferreira. Dissertação de Mestrado para a obtenção do grau de Mestre em Gestão do desporto, apresentado à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: ISLÃO; MULHER MUÇULMANA; IGUALDADE DE GÉNERO; GESTÃO DO DESPORTO; DESPORTO.

Agradecimentos

“Se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá acompanhado.” –

Provérbio africano

Pode soar como uma frase cliché, mas esse provérbio tem sido o meu mantra desde que saí de casa aos 18 anos para desbravar o mundo, com muitos sonhos na mala, e a certeza de que a minha carreira seria no desporto. Uma década e inúmeras reviravoltas depois, mais um sonho está prestes a se realizar: mestre em gestão do desporto. Quando embarquei para os Estados Unidos em busca da minha licenciatura, nunca imaginei que a FADEUP seria o meu próximo destino académico, mas olhando para os últimos dois anos, digo com toda a certeza: ainda bem que foi!

Nessa jornada, o meu caminho cruzou-se com pessoas extraordinárias, que moldaram a ser humano que sou hoje e essa conquista é tanto minha quanto deles. Embora seja impossível traduzir a minha gratidão, deixo aqui o meu agradecimento aos que trilharam esse percurso comigo.

Às minhas orientadoras, Professora Maria José Carvalho e Paula Batista. Por me guiarem e apoiarem nesse desafio. As suas contribuições foram fundamentais para alcançarmos o resultado deste trabalho.

Ao Professor Pedro Sarmento. Obrigada pelos conselhos e por compartilhar connosco os seus erros e acertos. Foi durante uma aula de eventos desportivos que você nos disse para aventurarmos e sermos voluntários nos eventos desportivos. Nesse mesmo dia, cheguei em casa e me inscrevi para ser voluntária na Copa do Mundo da FIFA no Catar. Nove meses depois, eu embarcava para viver a melhor experiência da minha vida no Catar como voluntária da FIFA.

Ao meu amigo, Antero Henrique, que sem a sua ajuda, a aventura no Catar não teria sido possível. Obrigada por todos os ensinamentos. É um privilégio poder “beber da fonte” quando se trata da gestão do desporto. Você foi um grande propulsor na minha decisão de mudança de carreira e reviveu sonhos que estavam adormecidos.

À minha base de apoio, Sarah Helen, Higor Allison, Afonso Vale, Santiago Guedes, João Espinhosa, Susana Costa e Pedro Mota. Obrigada por acreditarem em mim e pelo constante apoio durante todo esse processo.

Às minhas amigas, Mariana Freitas e Ana Gonçalves. Vocês viveram essa dissertação comigo e só tenho a agradecer por terem-me guiado e tranquilizado durante todo o processo. A ajuda de vocês foi primordial!

À minha família. Meus pais, Luis Ferreira e Solange Ferreira. Sem eles, nada disso seria possível. Foi o amor e o apoio incondicional de vocês que me trouxeram até aqui. Nunca existiu adversidade que a nossa união não fosse forte o suficiente para superar. “A minha equipe” é como eu os chamo. Espero que essa jornada tenha sido eletrizante para vocês como foi para mim. Minha irmã, Gabriela Ferreira, obrigada por todo o auxílio e por sempre se fazer presente. Meu irmão, Thiago Ferreira, mesmo estando longe, sei que estás sempre a torcer por mim. Vocês são meu ponto de conforto e motivação para buscar sempre mais.

Ao meu parceiro de vida, Rafael Machado. Conhecer-te assim que cheguei a Portugal foi um dos presentes mais lindos que a vida me deu. És aquele que me acompanha nos meus altos e baixos e me incentiva a todo o momento. Obrigada por ser o meu porto seguro!

À minha pessoa. O caminho até aqui foi de muita turbulência. Abdicar das pessoas que eu mais amo, lançar-me no mundo e ter que viver com uma saudade constante é definitivamente a coisa mais difícil que eu já fiz. Por isso agradeço a Camila Ferreira por nunca ter desistido, mesmo em meio a tantas dúvidas e adversidades. Temos muitos sonhos e esse mestrado é o trampolim para os alcançarmos.

A todos os amigos, familiares e pessoas que se fizeram presentes com um ombro amigo e mensagens de incentivo para a conclusão deste mestrado.

E não poderia deixar de agradecer a Deus. A Tua luz me guia a cada passo e me conforta a cada tribulação.

Índice Geral

Ficha de catalogação	II
Agradecimentos	III
Índice de figuras.....	VII
Índice de tabelas.....	IX
Lista de abreviaturas	XI
Resumo	13
Abstract	15
Introdução	17
CAPÍTULO I – Revisão da literatura	21
1. Evolução da participação das mulheres no desporto: Uma perspetiva global.....	23
1.1 Mulheres muçulmanas e o desporto.....	27
2. Megaeventos desportivos e a transformação da participação das mulheres muçulmanas	33
2.1 Definição de megaeventos e os seus legados	33
2.2 Participação das mulheres muçulmanas nos Jogos Olímpicos	34
3. O Médio Oriente como agente de mudança na participação das mulheres muçulmanas no desporto	40
3.1 A evolução do desporto moderno no Médio Oriente.....	40
3.2 Médio Oriente e o desporto feminino.....	41
4. Navegando pelas restrições: Mulheres muçulmanas e a evolução das políticas desportivas	48
4.1 <i>Hijab</i> , modéstia e o regulamento de vestimenta desportiva.....	49
5. Quebrando barreiras: Mulheres muçulmanas que redefiniram o jogo	53
5.1 O impacto das mulheres muçulmanas no desporto.....	58
CAPÍTULO II – Estudo concetual	63
ESTUDO I - Participação das mulheres muçulmanas no desporto: um estudo de revisão sistemática da literatura	65

Resumo	67
Abstract.....	69
1. Introdução.....	71
2. Metodologia	73
2.1. Pesquisa de Literatura e Processo de Seleção de Estudos	73
2.2. Estrutura analítica	76
3. Resultados	77
3.1. Análise descritiva	77
3.2. Análise temática.....	81
3.2.1. Participação das mulheres muçulmanas no desporto enquanto atletas	81
3.2.2. Participação das mulheres muçulmanas no desporto enquanto gestoras do desporto	85
3.2.3. Participação das mulheres muçulmanas no desporto enquanto praticantes de atividade física.....	87
4. Discussão	95
5. Conclusão.....	99
Considerações Finais	101
Bibliografia	105

Índice de Figuras

Figura 1 - Fluxograma da seleção dos artigos	75
Figura 2 - Distribuição de estudos por ano de publicação	78
Figura 3 - Número de artigos publicados por jornal	79
Figura 4 - Análise geográfica da publicação de artigos	80

Índice de Tabelas

Capítulo I

Tabela 1 - Tabela histórica dos Jogos Olímpicos desde 1896 até 2020.....	39
---	----

Capítulo II

Tabela 2 - Participação das mulheres muçulmanas no desporto enquanto atletas	82
---	----

Tabela 3 - Participação das mulheres muçulmanas no desporto enquanto praticantes de atividade física	87
---	----

Lista de Abreviaturas

<i>AFDP</i>	Asian Football Development Project
<i>COI</i>	Comité Olímpico Internacional
<i>CONs</i>	Comités Olímpicos Nacionais
<i>FA</i>	Football Association
<i>FFF</i>	Fédération Française de Football
<i>FIBA</i>	International Basketball Federation
<i>FIFA</i>	Fédération Internationale de Football Association
<i>FINA</i>	Federation Internationale de Natation
<i>FIVB</i>	Fédération Internationale de Volleyball
<i>IAAF</i>	International Association of Athletics Federations
<i>IAPESGW</i>	International Association of Physical Education and Sport for Girls and Women
<i>IFAB</i>	International Football Association Board
<i>IFWS</i>	Islamic Federation of Women's Sport
<i>ISU</i>	International Skating Union
<i>ITF</i>	International Tennis Federation
<i>ITF</i>	International Taekwondo Federation
<i>IWF</i>	International Weightlifting Federation
<i>MBE</i>	Member of the Order of the British Empire
<i>UAE</i>	United Arab Emirates
<i>UNESCO</i>	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
<i>WTA</i>	Women's Tennis Association

Resumo

Esta dissertação investiga a intrincada dinâmica que envolve tradição, religião, cultura, política e o envolvimento das mulheres muçulmanas no desporto contemporâneo. Aborda as barreiras culturais e religiosas, as disparidades históricas e a influência dos megaeventos desportivos, como os Jogos Olímpicos, no reforço da participação e visibilidade das mulheres muçulmanas no desporto. A análise comparativa das políticas em todas as regiões, em particular no Médio Oriente e no Ocidente, revela o impacto dos contextos culturais e políticos na inclusão das mulheres muçulmanas no desporto, destacando as iniciativas no Médio Oriente. Esta investigação documenta a evolução da participação feminina no desporto e sublinha as notáveis realizações das mulheres muçulmanas, reformulando as noções de igualdade de género no desporto e não só. Explora os paralelos e as distinções na participação desportiva das mulheres muçulmanas a nível mundial. Ao examinar as mudanças culturais, os movimentos sociais e as iniciativas governamentais, este estudo contribui para o discurso sobre o desporto, a igualdade de género e o potencial transformador das mulheres muçulmanas na arena competitiva. Os seus sucessos vão para além do desporto, tendo um impacto na sociedade em geral. A segunda parte desta dissertação compreende um estudo de revisão sistemática, mapeando às experiências das mulheres muçulmanas no desporto. Esta abordagem qualitativa aprofunda os seus desafios, enriquecendo a análise global. Explora também como os gestores do desporto podem promover a inclusão e a aceitação efetivas das mulheres muçulmanas no desporto mediante políticas e medidas. Ao reconhecer a diversidade entre as mulheres muçulmanas, a investigação fornece informações valiosas para os gestores do desporto que lutam pela inclusão e equidade no desporto.

PALAVRAS-CHAVE: ISLÃO; MULHER MUÇULMANA; IGUALDADE DE GÉNERO; GESTÃO DO DESPORTO; DESPORTO.

Abstract

This dissertation delves into the intricate dynamics involving tradition, religion, culture, politics, and the engagement of Muslim women in contemporary sports. It addresses cultural barriers, religious constraints, historical disparities, and the influence of mega-sporting events, such as the Olympic Games, in bolstering Muslim women's participation and visibility in sports. Comparative analysis of policies across regions, particularly the Middle East and the West, reveals the impact of cultural and political contexts on the inclusion of Muslim women in sports while highlighting initiatives in the Middle East. This research documents the evolution of female participation in sports and underscores the remarkable achievements of Muslim women, reshaping notions of gender equality in sports and beyond. It explores parallels and distinctions in Muslim women's sports participation globally. By examining cultural shifts, social movements, and government initiatives, this study contributes to the discourse on sport, gender equity, and the transformative potential of Muslim women in the competitive arena. Their successes extend beyond sports, impacting society at large. The second part of this dissertation comprises a systematic review study mapping the experiences of Muslim women in sports. This qualitative approach delves into their challenges, enriching the overall analysis. It explores how sports managers can drive effective inclusion and acceptance of Muslim women in sports through policies and practices. By acknowledging the diversity among Muslim women, the research provides valuable insights for sports managers striving for inclusivity and equity in sports.

KEYWORDS: ISLAM; MUSLIM WOMEN; GENDER EQUALITY; SPORTS MANAGEMENT; SPORT.

Introdução

No contexto do desporto moderno, uma esfera que transcende fronteiras geográficas e culturais, emerge uma questão que vai para além das linhas de partida e das arenas competitivas: a participação das mulheres, especialmente das mulheres muçulmanas, no cenário desportivo contemporâneo. No meio da constante busca pela igualdade de género e pelo empoderamento feminino, o desporto apresenta-se como um campo de batalha emblemático, onde estereótipos antiquados e barreiras de género são desafiados e redefinidos.

O desporto moderno, enraizado nas tradições atléticas das civilizações antigas e moldado pelas evoluções subsequentes, frequentemente negligenciou o potencial transformador e a presença das mulheres como protagonistas (Pfister, 2010). Entretanto, este paradigma está em constante mutação, à medida que as presenças das mulheres muçulmanas emergem como uma força propulsora no panorama desportivo global (Ahmed & Ali, 2021). Dessa forma, esta dissertação visa aprofundar a análise das complexas interações entre tradição, religião, cultura, política e a participação das mulheres muçulmanas do domínio desportivo contemporâneo.

Para além da análise das barreiras culturais, das perceções religiosas limitadoras e das desigualdades históricas que moldam a participação das mulheres muçulmanas no âmbito desportivo, ganha destaque a avaliação do impacto que os megaeventos desportivos, tais como os Jogos Olímpicos, exercem sobre a intensificação dessa participação. A investigação empreendida visa iluminar a maneira pela qual tais eventos fomentam uma visibilidade e aceitação para as mulheres muçulmanas, que emergem como atletas e impulsionadoras de mudanças sociais.

Ademais, esta pesquisa realizará uma análise comparativa das políticas e regulamentações em diferentes regiões, com ênfase nas abordagens distintas do Médio Oriente e do Ocidente. Esta análise permitirá compreender como contextos culturais e políticos distintos interferem na inclusão das mulheres muçulmanas no desporto. Além disso, explora-se o progresso e as iniciativas do Médio Oriente para fomentar a participação das mulheres

muçulmanas no desporto. Deste modo, busca-se não somente capturar o cenário dos avanços alcançados, mas também lançar luz sobre os desafios e as dificuldades singulares que permeiam a jornada dessas mulheres.

Para além de documentar e analisar a evolução da participação feminina no desporto; aspira, de maneira mais ampla, realçar as notáveis conquistas das mulheres muçulmanas e como isso contribui para a redefinição da própria conceção de igualdade de género no âmbito do desporto contemporâneo, delineando suas trajetórias como modelos inspiradores e examinando a reverberação das suas conquistas não somente no âmbito desportivo, mas nas esferas políticas e sociais (Ahmad & Thorpe, 2020; Pfister, 2010; Ziaee et al., 2023). Numa perspetiva de traçar paralelos e divergências entre a participação das mulheres muçulmanas no desporto relativamente a outras regiões e culturas, almeja-se apreender a complexidade subjacente e as nuances que delineiam este cenário multifacetado (Agergaard, 2016; Benn & Dagkas, 2013; Kay, 2006).

Por meio da análise de transformações culturais, movimentos sociais e iniciativas governamentais que remodelam o panorama desportivo, esta pesquisa anseia por contribuir para um diálogo mais abrangente acerca da relação entre desporto, equidade de género e a capacidade das mulheres muçulmanas de redefinir o terreno competitivo. Evidencia-se, assim, que os triunfos dessas mulheres reverberam não apenas na arena desportiva, mas também nas dimensões mais amplas da sociedade.

A segunda parte desta dissertação apresentará um estudo de revisão sistemática, o qual propõe mapear as experiências das mulheres muçulmanas, proporcionando um vislumbre das complexidades dos fatores que moldam a sua participação no desporto. Através desta abordagem qualitativa, busca-se obter uma compreensão profunda das experiências e desafios enfrentados pelas mulheres muçulmanas no contexto desportivo, enriquecendo, assim, a análise global. Adicionalmente, o estudo delineará como os gestores do desporto, enquanto agentes transformadores, podem contribuir para a inclusão efetiva dessas mulheres no cenário desportivo. Reconhecendo o desporto como uma plataforma inclusiva de valor ímpar, será examinado como as políticas e práticas

implementadas podem fomentar a acessibilidade e a aceitação das mulheres muçulmanas no desporto.

Impera salientar que o grupo das mulheres muçulmanas é inegavelmente diversificado e heterogéneo, fato que se expressa nas diversas realidades. Ao prover uma visão abrangente e específica dessas vivências, a pesquisa não apenas aprofunda a compreensão da participação feminina no desporto, mas também oferece percepções pertinentes para os gestores do desporto que almejam fomentar a inclusão e equidade no cenário desportivo.

CAPÍTULO I. REVISÃO DA LITERATURA

1. Evolução da participação das mulheres no desporto: Uma perspectiva global

A evolução da participação das mulheres no desporto é uma narrativa fascinante e inspiradora, que traça um arco histórico desde as primeiras barreiras enfrentadas até os avanços notáveis e as conquistas atuais. Ao longo da história, as mulheres enfrentaram obstáculos culturais, sociais e institucionais que as limitaram no acesso e na participação no mundo desportivo. No entanto, com o decorrer do tempo e com a consciencialização sobre a igualdade de género, as mulheres começaram a conquistar o seu espaço nos campos de jogo e nas arenas desportivas. Ao traçarmos essa trajetória, emerge um quadro complexo e multifacetado que reflete não apenas a jornada das mulheres em busca de igualdade, mas também a maneira pela qual o desporto se apresenta como um agente de mudança social e empoderamento feminino.

Desde os primórdios da história desportiva, as mulheres enfrentaram obstáculos significativos para participar de atividades atléticas. Sua participação nos Jogos Olímpicos espelha o desenvolvimento do desporto feminino e o papel da mulher na sociedade em geral. O Movimento Olímpico, fundado por Pierre de Coubertin, inicialmente resistiu à inclusão das mulheres nos Jogos Olímpicos. Durante toda a sua vida, Pierre de Coubertin estava convencido de que o evento deveria celebrar as proezas atléticas dos homens, enquanto as mulheres deveriam apenas admirar os atletas e coroar os vencedores (Pfister, 2000, p. 3). Entretanto, de Coubertin e seus seguidores no COI conseguiram a exclusão total das mulheres apenas uma vez, em 1896. Em 1900, as Olimpíadas foram realizadas como parte da Feira Mundial de Paris, e De Coubertin não teve nenhuma influência sobre o programa. Os organizadores do *Concours Internationaux d'Exercices Physiques et de Sports* (como os jogos foram oficialmente chamados) organizaram competições para mulheres em dois desportos: ténis e golfe (Pfister, 2010). Mesmo com a participação das mulheres em modalidades como vela, balonismo e hipismo, o desporto feminino continuava a ser um fenómeno marginal, que ainda não era oficialmente reconhecido pelo COI e as mulheres não tinham permissão para competir nos

desportos que envolviam esforço visível, força física ou contacto corporal (Pfister, 2000, p. 4).

Durante a era da Guerras Mundiais, as mulheres assumiram papéis mais ativos nas atividades desportivas, muitas vezes em contexto de apoio às forças militares. Isso desempenhou um papel importante em mostrar as capacidades atléticas das mulheres, quebrando algumas barreiras de género existentes. Após uma longa luta entre a IAAF (atualmente World Athletics¹) e o COI, de um lado, e a Federação Internacional de Desportos Femininos, de outro, as mulheres foram autorizadas a competir por metros e segundos no Estádio Olímpico pela primeira vez em 1928. Das modalidades incluídas no programa (salto em altura, disco, 100 metros, revezamento 4 × 100 metros e 800 metros) foram os 800 metros que causaram, de longe, a maior polémica (Pfister, 2010). Como algumas das corredoras pareciam exaustas na linha de chegada, esse evento foi retirado do programa olímpico (até 1960). Um exemplo icónico dessa evolução é a atleta americana Wilma Rudolph. Nos Jogos Olímpicos de Roma, em 1960, Rudolph conquistou três medalhas de ouro no atletismo e quebrou pelo menos três recordes mundiais. Rudolph tornou-se a primeira mulher americana a ganhar três medalhas de ouro no atletismo em um mesmo jogo olímpico. O seu desempenho também lhe rendeu o título de “a mulher mais rápida do mundo” (Norwood, 2017). Outro exemplo que representa essa evolução, embora fora do contexto Olímpico, é o de Kathrine Switzer, que em 1967 se tornou a primeira mulher a correr oficialmente a Maratona de Boston (Lopes, 2018), desafiando as expectativas e inspirando uma nova geração de atletas. A perceção de que o desporto feminino mudaria nos anos seguintes se concretizou. Em 1972, a Maratona de Boston oficializou a criação da categoria feminina e paralelamente, com a crescentes cobranças sobre o Comité Olímpico, a maratona olímpica começou a contar com a participação de mulheres nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984 (Lopes, 2018).

¹ A IAAF passou a chamar-se World Athletics em outubro de 2019, após o Mundial de Atletismo em Doha Sequeira, M. (2019). *IAAF vai mudar de nome para World Athletics a partir de outubro*. Retrieved 01/09/2023 from <https://revistaatletismo.com/iaaf-vai-mudar-de-nome-para-world-athletics-a-partir-de-outubro/>.

Fomentado pelo movimento feminista nos anos 60 e 70, a busca pela igualdade de género no desporto ganhou um impulso significativo com a implementação de legislações antidiscriminação em várias partes do mundo, impactando a igualdade de oportunidades. Em 1972, a promulgação do Título IX² nos Estados Unidos, teve um impacto profundo na expansão das oportunidades para as atletas femininas, proibindo a discriminação de género em programas educativos, incluindo o desporto. Escolas e universidades foram obrigadas a igualar o número de vagas de bolsas de estudos oferecidas para programas desportivos femininos e masculinos, e também proporcionar a mesma estrutura de treinamento e desenvolvimento (de Oliveira, 2020). Isso resultou num aumento significativo nas oportunidades para as atletas femininas em instituições de ensino superior, ajudando a pavimentar o caminho para o crescimento do desporto feminino. No panorama mundial, em 1978, durante 20ª sessão da Conferência Geral da UNESCO, a Carta Internacional da Educação Física e do Desporto foi adotada, sendo considerada inovadora na época, ao ser o primeiro documento baseado em direitos a declarar que “a prática da educação física e do desporto é um direito fundamental de todos” (UNESCO, 1978). Ainda na década de 70, outra figura primordial na luta pela igualdade de género foi a tenista Billie Jean King. Ela liderou a luta pela igualdade de prémios, evidenciando disparidades gritantes entre prémios concedidos a homens e mulheres nas competições desportivas. Em 1970, Billie Jean King e mais oito tenistas boicotaram o Aberto de Los Angeles, um dos mais importantes torneios da época, devido a diferença dos prémios pagos entre os géneros (Telles, 2019). Em 1973, com forte influência das ameaças de Billie Jean, O US Open³ se tornou o primeiro grande torneio a pagar a mesma quantia para homens e mulheres (Telles, 2019). No mesmo ano, Billie Jean disputou a primeira partida da história entre tenistas de sexos opostos, conhecida por “Batalha dos Sexos”. A ex-tenista

² O Título IX declara: Nenhuma pessoa nos Estados Unidos deverá, com base no sexo, ser excluída da participação, ter negados os benefícios ou ser submetida a discriminação em qualquer programa, ou atividade educacional que receba assistência financeira federal Title IX, Education Amendments of 1972, (1972). .

³ O US Open é um dos quatro torneios de Grand Slam do ténis, com o Aberto da Austrália, Roland e Wimbledon. Na edição de 2023, o torneio celebra 50 anos de igualdade dos prémios em dinheiro para homens e mulheres. Atualmente, os quatro torneios pagam a mesma prémio para ambos. O Aberto da Austrália igualou o prémio em 2001, e Roland Garros e Wimbledon apenas o fizeram em 2007.

não só ganhou o jogo contra o veterano e ex-número 1 do mundo e autodeclarado sexista, Bobby Riggs, mas também simbolizou a capacidade das mulheres de competir e desafiar as noções pré-concebidas sobre a habilidade atlética feminina. Aproximadamente 90 milhões de pessoas ao redor do mundo acompanharam à partida. ‘Batalha dos Sexos’ se tornou um símbolo na luta contra o machismo no desporto (Telles, 2019).

A consciencialização sobre a importância do desporto como uma ferramenta de igualdade continuou a crescer nas décadas seguintes. A ascensão de figuras notáveis, como Serena Williams (tênis), Marta Viera da Silva (futebol) e Simone Biles (ginástica artística), demonstra não apenas a excelência atlética, mas também a influência das mulheres no desporto. À medida que as atletas femininas ganham destaque, as necessidades de reformas no desporto se intensificam. A criação de ligas profissionais para mulheres em diferentes desportos, como futebol e basquetebol, demonstrou a demanda e o potencial de audiência do desporto feminino. A visibilidade dessas ligas não apenas inspirou jovens atletas, mas também continuou as discussões sobre equidade salarial e recursos para as mulheres no desporto.

A evolução da participação das mulheres no desporto é um testemunho marcante da resiliência, determinação e progresso social ao longo do tempo. Desde os primeiros passos dados nos Jogos Olímpicos até o surgimento de movimentos feministas e a implementação de legislações anti discriminatórias, as mulheres têm gradualmente conquistado o seu espaço e redefinido os limites do que é possível alcançar. Entretanto, esse avanço obscurece a realidade de que as hipóteses de as mulheres participarem e competirem em desporto de elite dependem, na maioria, das suas origens culturais e religiosas.

Não podemos esquecer que o desporto moderno, como conhecemos hoje, tem suas raízes na cultura ocidental. Tradicionalmente, a cultura Islâmica não atribui nenhuma importância ao desporto “moderno” e, portanto, o número de atletas masculinos e, principalmente, femininos de países islâmicos que competem nos Jogos Olímpicos continuam sendo relativamente baixos (Pfister, 2010). Nas últimas duas décadas, vários estudos em todo o mundo se concentraram nas experiências das mulheres muçulmanas com o desporto e a

atividade física (Ahmad et al., 2020; Benn & Dagkas, 2013; Benn, Dagkas, et al., 2011; Kay, 2006; Walseth & Fasting, 2003). A discussão central é como a evolução do papel da mulher não só desporto, mas em outros contextos, impactaram a mulher muçulmana e sua participação desportiva. Essa é uma discussão complexa e entesica. A percepção das meninas e mulheres muçulmanas como um grupo uniforme pode ser vista como parte de uma representação ocidental generalizada dessas mulheres como cidadãs cobertas por véus, oprimidas e politicamente invisíveis (Tagg, 2008). Porém, precisamos ir além dessa definição e entender os pilares que constituem a realidade dessas mulheres.

1.1 Mulheres muçulmanas e o desporto

A presença da mulher muçulmana no contexto desportivo é um tema que tem suscitado considerável debate e contestação ao longo dos anos, envolvendo questões religiosas, culturais e de género. Essa controvérsia é complexa e multifacetada, refletindo a diversidade de interpretações do Islão e as normas socioculturais que moldam a participação feminina no desporto.

Estudos destacam a ausência de consistência entre as prescrições nos textos fundamentais do Islão e a atividade física (Ahmad, 2011). Em primeiro lugar, é crucial reconhecer que o Islão, como religião, não proíbe a participação das mulheres em atividades desportivas. Sfeir (1985, p. 294) em seu estudo sobre os conflitos entre as tradições culturais islâmicas e a modernização argumentou que “A religião islâmica de forma alguma tenta depreciar, muito menos negar o desporto para as mulheres”. Pelo contrário, ela atribui grande importância e função à força física e às atividades desportivas. Os princípios islâmicos enfatizam a importância da saúde física e mental, bem como a moderação em todas as esferas da vida (Walseth & Fasting, 2003). Da mesma forma, as pesquisadoras que estudam o desporto dentro da estrutura islâmica discutem que o desenvolvimento de oportunidades iguais para as mulheres nos desportos é compatível com os valores islâmicos, apesar de se esperar que as mulheres sigam o "vestuário modesto" e suas normas culturais (Benn, Pfister, et

al., 2011). A interpretação desses princípios pode variar substancialmente entre diferentes grupos e comunidades muçulmanas e é frequentemente influenciada por considerações culturais, o que pode limitar a participação das mulheres no desporto (Benn, Dagkas, et al., 2011; Prouse, 2015).

As oportunidades que as mulheres dos países islâmicos têm de praticar desporto e subsequente, participar de competições dependem de vários fatores inter-relacionados (Pfister, 2010). O Islão, como uma religião amplamente praticada em todo o mundo, possui um conjunto de princípios e valores fundamentais que incluem a modéstia, a virtude e a obediência às leis divinas. No entanto, esses princípios podem ser interpretados de maneira variada, dependendo da interpretação das escrituras sagradas, como o Alcorão, e da tradição religiosa transmitida ao longo dos séculos (Benn, Pfister, et al., 2011). Portanto, enquanto alguns segmentos do Islão promovem uma visão mais liberal e igualitária, outros podem adotar interpretações mais conservadoras e tradicionais (Walseth & Fasting, 2003) que restringem a participação das mulheres em atividades públicas, incluindo o desporto.

As considerações culturais também desempenham um papel importante na limitação da participação das mulheres no desporto. Muitas comunidades muçulmanas estão imersas em tradições arraigadas, que podem ser mais restritivas relativamente às mulheres. As normas de vestimenta, por exemplo, variam amplamente entre diferentes culturas muçulmanas, desde aquelas que exigem o uso do *hijab*⁴ até aquelas que permitem um maior grau de liberdade na escolha de roupas desportiva. Essas diferenças culturais podem, por vezes, criar barreiras para as mulheres que desejam participar em atividades desportivas, uma vez que podem se sentir desencorajadas por normas sociais que não apoiam a sua presença em espaços públicos (Ahmad et al., 2020; Alamri, 2015; Yi et al., 2022).

⁴ *Hijab* é uma palavra de origem árabe, derivada do termo “hajaba”, que possui significados associados a “ocultar” ou “retirar do campo de visão”. No âmbito islâmico, o *hijab* é descrito pelo Alcorão como uma vestimenta que abrange o cabelo, as orelhas e o pescoço. Dentro desse contexto, existem quatro tipos principais de véus: *hijab*, chador, niqab e burqa. No contexto desta dissertação, o termo “*hijab*” se refere especificamente a um lenço que é envolto ao redor da cabeça, cobrindo o cabelo, o pescoço e as orelhas, mas mantendo o rosto visível Viggiano, G. (2021). *Entenda as diferenças entre os principais tipos de véu islâmico*. Retrieved 20/09/2023 from <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/08/entenda-diferencas-entre-os-principais-tipos-de-veu-islamico.html>.

É importante notar que a experiência das mulheres muçulmanas varia amplamente nas situações políticas, linguísticas, económicas e socioculturais assim, qualquer tentativa de generalização das vivências dessas mulheres seria inadequada. As experiências das mulheres muçulmanas que vivem em países seculares, como a Turquia, podem diferir daquelas que vivem em países sob a Lei da Sharia⁵, como o Irão e Omã, enquanto outras vivem como grupos minoritários, muitas vezes como parte da crescente diáspora global, em países ocidentais não muçulmanos, como a Europa (Benn & Dagkas, 2013). Cada situação pode trazer diferentes oportunidades e barreiras para muitos aspetos da vida, inclusive a participação desportiva.

A compreensão e o reconhecimento dessa diversidade são fundamentais para explicar as diferentes abordagens que essas mulheres adotam ao se envolverem no desporto, abrangendo desde os níveis recreativos até as competições olímpicas. Em primeiro lugar, é importante considerar as nuances culturais e religiosas que moldam as escolhas das mulheres muçulmanas relativamente ao desporto. Para algumas, o desporto pode ser uma forma de expressar a sua identidade cultural e religiosa (Abdul Razak et al., 2010; Hussain & Cunningham, 2021; Mitra, 2009; Walseth, 2006b), ao passo que, para outras, pode representar um desafio às normas tradicionais de género nas suas comunidades (Hussain et al., 2023; Walseth & Fasting, 2003). Essas motivações variadas influenciam a intensidade e o comprometimento com o desporto.

Estudos mostram, quanto aos níveis recreativos, que muitas mulheres muçulmanas, pertencentes a grupos minoritários na diáspora, utilizam o desporto como uma forma de manter a saúde física e mental, bem como de construir redes sociais e comunidades. Jiwani and Rail (2010) retratam que na comunidade de mulheres muçulmanas xiitas no Canadá a prática da atividade física é vista como algo relacionado ao bem-estar pessoal e ao controlo do peso. Lenneis et al. (2022) mostram que as mulheres muçulmanas na Dinamarca associaram a prática da natação ao seu bem-estar físico e psicológico, bem

⁵ A Sharia é o sistema jurídico do Islão. É um conjunto de normas derivado de orientações do Corão, falas e condutas do profeta Maomé e jurisprudência das fatwas — pronunciamentos legais de estudiosos do Islão News, B. (2021). *Afeganistão: o que é a Sharia, lei islâmica que o Talebã quer aplicar no país?* Retrieved 05/09/2023 from <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58251684>

como à prática de cuidar de si mesmas. Palmer (2009); Agergaard (2016); Abdul Razak et al. (2010); Rana (2022); Samie (2013); Walseth (2006a) destacaram a prática de desportos como futebol, basquete e kickboxing como uma via de construção de identidade e pertencimento, e desafiam ativamente a visão comum do Ocidente sobre as mulheres com véu, optando por enfrentar o "olhar" persistente através de abordagens criativas quanto ao vestuário, permitindo-lhes continuar a sua participação. Entretanto, a escolha das atividades desportivas muitas vezes é influenciada pelo acesso a instalações, recursos financeiros e apoio familiar. Em seu estudo sobre a participação das mulheres muçulmanas em atividades desportivas na Nova Zelândia, Ahmad et al. (2020) mostrou que para muitas mulheres, o espaço dedicado ao desporto e atividade física não é considerado um ambiente seguro e inclusivo, onde as suas identidades culturais, étnicas e religiosas são respeitadas. Os pais desempenham um papel crucial na participação das jovens muçulmanas em atividades físicas, tanto como facilitadores como entraves. Dagkas et al. (2011); Hamzeh and Oliver (2012); Knez et al. (2012) retratam que as influências dos pais na participação das filhas em atividades físicas variavam. Muitas vezes as opiniões eram relacionadas às experiências pessoais dos próprios pais, ao invés de uma compreensão profunda das dinâmicas das escolas e clubes. As escolhas do tipo de atividade física das jovens eram influenciadas pelas interpretações dos pais sobre o uso *hijab*. Em alguns casos, as jovens perceberam que as compreensões dos pais sobre o *hijab* eram diversas e passíveis de negociação. No entanto, a maioria das participantes permanecem fisicamente ativa em suas comunidades/escolas, desafiando a noção de que mulheres muçulmanas não podem ser ativas em público. Isso destaca a diversidade entre as jovens muçulmanas e desmistifica suposições preconcebidas. Quanto a religião, apesar de ela influenciar as opções de exercício em termos de formato e local, tal não afetou a motivação geral para a prática de atividades físicas (Abdul Razak et al., 2010; Agergaard, 2016; Dagkas & Benn, 2006; Laar et al., 2022; Summers et al., 2018; Walseth & Fasting, 2003). As mulheres concordaram que o Islão incentiva a participação delas no desporto.

À medida que avançamos para os níveis competitivos, como competições desportivas locais, regionais e até mesmo competições nacionais e internacionais, as considerações religiosas e culturais podem se tornar mais complexas. Embora a prática da atividade física seja incentivada pelo Islão, a situação da prática do desporto profissional é completamente diferente. O desporto moderno, em seus primórdios, foi desenvolvido com base nas características das sociedades ocidentais. No entanto, líderes religiosos têm adotado uma postura crítica em relação a certos aspetos dessas práticas desportivas, especialmente no que diz respeito às mulheres muçulmanas. Um ponto de destaque é a consideração de que as roupas desportivas em geral são consideradas imodestas para as mulheres muçulmanas, além de refletirem valores morais considerados corruptos, advindos do Ocidente (Pfister, 2010; Ziaee et al., 2023). As atletas muçulmanas de elite podem enfrentar questões relacionadas à vestimenta desportiva que correspondam com as suas crenças religiosas, enquanto ainda atendem aos regulamentos das federações e órgãos reguladores. O *hijab*, por exemplo, tem sido um ponto de discussão em muitos desportos. Essa peça de vestuário representa uma das áreas mais visíveis onde a religião, a cultura e o desporto se sobrepõem, gerando debates sobre a inclusão e a igualdade no mundo desportivo. Em diversos desportos, como o futebol, atletismo, badminton e vôlei de praia (Benn & Dagkas, 2013) atletas muçulmanas que usam *hijab* enfrentaram desafios relacionados à regulamentação das roupas desportivas. Em alguns casos, as regras estabelecidas por órgãos desportivos proibiam o uso do *hijab* durante a competição, alegando preocupações com a segurança ou a integridade do desporto. O caso mais conhecido foram as proibições imposta entre 2011-2014 e a desqualificação das jogadoras de futebol do Irão (Hamzeh, 2015) e da Jordânia (Hamzeh, 2017), como base no Artigo 4 das Leis de Jogo da FIFA que proibia o uso de peças "perigosas" de equipamento no campo, nesse caso, o *hijab* que as jogadoras usavam. Jogadoras e simpatizantes iniciaram campanhas mundiais defendendo a inclusão de pessoas muçulmanas que usam o *hijab* no desporto mundial. Reuniões e mesas-redondas organizadas por afiliados da FIFA, como o *Asian Football Development Project (AFDP)*, foram realizadas para

convencer o órgão regulador da FIFA, o *International Football Association Board* (IFAB), a reinterpretar as leis e incluir as jogadoras muçulmanas que usam uma cobertura especial na cabeça e/ou no pescoço (Hamzeh, 2015). Por fim, em maio de 2014, a IFAB alterou a Lei 4⁶ com critérios específicos para o uso de um equipamento de cabeça "protetor" no campo de futebol e, assim, revertendo a "proibição do *hijab*" (Hamzeh, 2017). Dois anos depois, em 2016, as jogadoras muçulmanas usaram véus durante um evento da FIFA pela primeira vez durante a Copa do Mundo Feminina Sub-17 na Jordânia (Pandey & Farooq, 2023). Essa mudança de políticas foi um passo importante em direção à inclusão de atletas de diferentes origens culturais e religiosas no mundo desportivo. Além disso, destacou a importância de se respeitar a diversidade no desporto, refletindo uma sociedade mais aberta e inclusiva.

Nesse contexto competitivo, a participação das mulheres muçulmanas em competições como os Jogos Olímpicos e em competições internacionais é uma parte vital dessa narrativa, uma vez que elas enfrentam desafios e oportunidades únicas. À medida que a consciencialização sobre a diversidade religiosa cresce, essas competições têm se tornado um palco para as mulheres muçulmanas demonstrarem as suas capacidades atléticas enquanto honram as suas comunidades e identidades religiosas. Temos como exemplo a esgrimista Ibtihaj Muhammad, que se tornou a primeira atleta norte-americana a competir nos Jogos Olímpicos do Rio 2016 usando o *hijab*, desafiando estereótipos e inspirando uma geração de jovens atletas muçulmanas (Ahmad & Thorpe, 2020; Ziaee et al., 2023). Também na edição do Rio 2016, Kimia Alizadeh ganhou destaque internacional ao se tornar a primeira mulher iraniana a ganhar uma medalha olímpica no taekwondo (Ziaee et al., 2023). Sua conquista foi um marco significativo na história desportiva do Irã e um símbolo de empoderamento das mulheres no país. Os Jogos Olímpicos de Londres 2012 exemplifica essa mudança gradual no Médio Oriente, com a Arábia Saudita incluindo duas atletas femininas na sua delegação pela primeira vez na história olímpica (atletismo e judo), Catar enviando quatro atletas (natação, atletismo, tênis de mesa e tiro ao

⁶ FIFA'S Law of the Game 2015/2016 FIFA. (2015). *Laws of the game 2015/2016*. Retrieved 06/09/2023 from <https://downloads.theifab.com/downloads/laws-of-the-game-2015-16?l=en> - <https://downloads.theifab.com/downloads/laws-of-the-game-2015-16?l=en>

alvo) e Brunei enviando uma atleta (atletismo) (Santos, 2012). Nessa ótica, os megaeventos desportivos, como os Jogos Olímpicos, desempenham um papel fundamental na inserção dessas mulheres no cenário desportivo global. A seguir, examinaremos de perto o impacto significativo que esses eventos têm tido na promoção da participação das mulheres muçulmanas no desporto.

2 Megaeventos desportivos e a transformação da participação das mulheres muçulmanas

2.1 Definição de megaeventos e seus legados

A definição de megaeventos desportivos é fundamental para compreender o contexto e a relevância desses fenómenos globais. Os megaeventos desportivos são definidos como eventos desportivos únicos de escala internacional organizados por uma “autoridade” especial e que geram níveis extremamente altos de cobertura da mídia e impactos (económicos, turísticos, de infraestrutura, etc.) para a comunidade anfitriã devido à importância e/ou ao tamanho do evento (Byers et al., 2012, p. 102). Nos últimos trinta anos, os megaeventos desportivos tornaram-se um veículo popular para a obtenção de benefícios políticos, culturais e económicos para a região anfitriã: os benefícios políticos incluem o aumento do reconhecimento internacional da região anfitriã e a propagação de determinados valores políticos defendidos pelo governo e/ou pela população local; os benefícios culturais incluem o possível fortalecimento das tradições e dos valores locais; e os benefícios económicos podem incluir o aumento das receitas e dos empregos na região (Ritchie, 1984). No contexto do desporto moderno, os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de futebol sobressaem como os principais expoentes nessa categoria de megaeventos desportivos. Esses dois eventos têm um impacto que transcende os limites do mundo desportivo, moldando a cultura global e desempenhando papéis cruciais em termos de união de nações, celebração da excelência atlética e promoção de valores universais.

O impacto dos megaeventos desportivos é um tema de extrema relevância na gestão do desporto, uma vez que esses eventos conseguem influenciar não apenas o cenário desportivo, mas também as transformações sociais, culturais e infraestruturais em países anfitriões e em todo o mundo. Primeiramente, esses eventos frequentemente provocam um aumento no interesse pelo desporto e uma maior valorização da atividade física. Isso pode levar a mudanças na cultura desportiva de um país, estimulando a participação no desporto de base e a adoção de estilos de vida mais saudáveis. Relativamente ao género, os megaeventos têm o potencial de desafiar estereótipos tradicionais e promover a igualdade de género no desporto. À medida que mais atletas femininas participam e alcançam sucesso em megaeventos, elas servem como modelos a serem seguidos, inspirando outras mulheres e meninas a entrar no mundo do desporto.

Outro aspeto crítico do impacto dos megaeventos é o desenvolvimento de infraestrutura desportiva de classe mundial. Países anfitriões geralmente investem significativamente na construção e modernização de instalações desportivas, como estádios, ginásios e centros de treino. Isso não apenas aprimora a qualidade das instalações desportivas disponíveis, mas também aumenta o acesso ao desporto, criando oportunidades para que minorias possam participar mais ativamente em atividades desportivas. Além disso, o legado dessas infraestruturas desportivas perdura após o término do megaevento, permitindo que as comunidades locais continuem a se beneficiar do investimento. Programas de desenvolvimento desportivo podem ser implementados, oferecendo a oportunidade de treino e competição em ambientes de classe mundial.

2.2 Participação das mulheres muçulmanas nos Jogos Olímpicos

O papel das mulheres em desportos competitivos em países islâmicos passou por uma notável transformação nas últimas décadas, e esse fenómeno tornou-se especialmente evidente a partir da década de 1980. Historicamente, as mulheres muçulmanas tiveram acesso limitado ao mundo do desporto competitivo, com a sua participação restrita a algumas disciplinas desportivas,

como natação, ginástica, atletismo e esgrima (Pfister, 2010). Essa restrição era frequentemente resultado das normas sociais e culturais que limitavam a participação das mulheres em atividades físicas e desportivas. No entanto, o cenário começou a mudar gradualmente durante a primeira metade do século XX, em países como o Egito e o Irão, onde governantes e governos progressistas começaram a promover a educação física, pelo menos em algumas escolas nas grandes cidades. A capacitação de professores de educação física nesses países seguiu o modelo europeu, permitindo a introdução de desportos mais variados e a expansão das oportunidades para as mulheres (Jahromi, 2011). Esse foi um passo significativo em direção à inclusão das mulheres muçulmanas no mundo desportivo.

Um dos marcos mais notáveis nessa jornada de mudança foi a conquista da medalha de ouro pela atleta marroquina Nawal El Moutawakel nos 400 metros com barreiras nos Jogos Olímpicos de 1984. Esse feito desportivo surpreendeu o mundo e chamou a atenção para a capacidade das mulheres muçulmanas de competir e destacar-se num nível global. Até então, a imagem estereotipada das “mulheres muçulmanas” frequentemente evocava ideias de mulheres isoladas e segregadas, usando véus pesados e com acesso limitado às oportunidades desportivas (Sfeir, 1985). A conquista de Nawal El Moutawakel desafiou esses estereótipos e demonstrou que as mulheres muçulmanas eram capazes não apenas de competir, mas também de vencer em desportos altamente competitivos.

Argumenta-se que, para as atletas femininas de países muçulmanos, a arena desportiva internacional tornou-se um espaço privilegiado onde elas podem recuperar o seu status de cidadãs plenas e modelos (Amara, 2012). Os Jogos Olímpicos desempenharam um papel crucial na mudança de perceções relativamente às mulheres muçulmanas no contexto desportivo. Isso é ilustrado na seguinte declaração da medalhista de ouro argelina Hassiba Boulmerka:

Quando ganhei em Tóquio, não me senti confortável em ser o centro das atenções... Gosto de manter as coisas simples, não quero ser uma estrela. Mas tornei-me uma representante de toda a Argélia e das mulheres jovens

em particular. Recebi muitas cartas desejando-me coragem... No atletismo, na pista, aprendi a sofrer, a amar o meu país, a concentrar-me, a assumir responsabilidades. Acredito que podemos nos expressar no desporto, talvez melhor do que em outras áreas. E, além disso, o desporto une todo o mundo (Moore, 1992).

A vitória de Boulmerka nos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992 e a coragem que ela demonstrou em desafiar as normas culturais e sociais na sua nação e região não são casos isolados. Um exemplo igualmente inspirador é a lutadora de taekwondo iraniana, Kimia Alizadeh. A sua história também ilustra vividamente como as atletas de países muçulmanos usam o desporto como uma plataforma para desafiar estereótipos e incentivar a nova geração de meninas. Em seu estudo para identificar as implicações sociais que a medalha de Alizadeh teve no Irão, Ziaee et al. (2023) mostrou que essa conquista trouxe esperança para as meninas e mulheres iranianas e orgulho quanto ao uso do *hijab*. Por exemplo, a agência de notícias Khabaronline (citado por Ziaee et al., 2023) escreveu que *“você reavivou a autoconfiança e a sensação de alcançar desejos inatingíveis no coração de muitas meninas iranianas. Elas ficarão mais motivadas do que nunca para seguir com os seus objetivos desportivos”*. Admirando como ela trouxe um senso de autoconfiança entre as mulheres iranianas, foi indicado que *“a partir de agora, fica claro o que você fez por suas colegas. Você deu-lhes confiança e as fez perceber que esse palco também pertence a elas”* (Tavaga citado por Ziaee et al., 2023). Dana (2016) outra agência de mídia on-line, descreveu a conquista de Alizadeh como um exemplo de superação das atitudes que consideram o *hijab* como um fator restritivo nas práticas desportivas: *Kimia Alizadeh mostrou ao mundo que os valores islâmicos não são um obstáculo para o progresso*.

Outro exemplo de como a participação nos Jogos Olímpicos reverberou e impactou outras esferas interligadas ao desporto, é o caso da esgrimista muçulmana norte-americana, Ibtihaj Muhammad. Como muçulmana praticante, a esgrima era um desporto em que ela não precisava renunciar a sua crença religiosa de se vestir com modéstia (Grubic, 2022). Foi através dele que

Muhammad garantiu um espaço para a emancipação dos estereótipos impostos as mulheres muçulmanas, sendo um deles a dependência financeira. Atualmente, um dos rostos da Nike, ela está imersa no mercado global, mas também promove o empoderamento das mulheres (Grubic, 2022). Muhammad foi uma das primeiras atletas a testar o Nike Pro-*Hijab*, a cobertura de cabeça para desportistas muçulmanas (Nike, 2017). Em 2014, ela lançou a sua marca de roupas *Louella* com as suas irmãs (Scott, 2015) com o propósito de oferecer uma visão nova, vibrante e acessível da moda modesta feminina (Louella, 2023). Em 2017, a grande marca internacional Mattel lançou uma nova linha de Barbies intitulado “Shero”, inspirada em personalidades internacionais. A imagem de Muhammad fez parte da coleção como a primeira Barbie *Hijabi* mostrada no seu uniforme de esgrima (Adely, 2017). No ano seguinte, ela lançou o seu livro de memórias, *Proud: My Fight for an Unlikely American Dream* sobre como ela desafiou as expectativas como muçulmana afro-americana para se tornar uma esgrimista olímpica (Muhammad & Tharps, 2018). Muhammad também usa o desporto como uma plataforma para defender o empoderamento das mulheres (Muhammad, 2021) e, em 2016, foi nomeada para a lista das 100 pessoas mais influentes da revista TIME (Ellison, 2016).

Certamente, os Jogos Olímpicos desempenharam um papel fundamental no destaque e reconhecimento internacional de atletas muçulmanas como Ibtihaj Muhammad, Hassiba Boulmerka e Kimia Alizadeh, embora muitas dessas atletas enfrentam represálias e desafios significativos devido à sua participação em competições internacionais. A história de Muhammad destaca de maneira marcante como as experiências e oportunidades das mulheres muçulmanas no mundo do desporto podem ser fortemente influenciadas pelo contexto geográfico em que vivem (Pfister, 2010). De facto, o lugar de residência e as políticas do país de origem desempenharam um papel fundamental na maneira como essas atletas puderam afirmar a sua identidade e expandir o seu alcance. Muhammad, vivendo nos Estados Unidos, encontrou um ambiente mais aberto e inclusivo em relação à sua identidade cultural e religiosa. Isso lhe proporcionou a liberdade de competir em alto nível enquanto usava o *hijab*, uma escolha que teria sido mais desafiadora ou até mesmo impossível em outros contextos geográficos. Por

outro lado, casos como o de Hassiba Boulmerka e Kimia Alizadeh ilustram a realidade desafiadora enfrentada por muitas mulheres muçulmanas em países com normas culturais e religiosas mais restritivas. Embora essas atletas tenham alcançado sucesso notável nos Jogos Olímpicos, as suas conquistas muitas vezes foram acompanhadas por pressões e restrições nos seus países de origem. Boulmerka, enfrentou oposição e críticas no seu próprio país devido ao seu traje e ao seu sucesso desportivo. Isso a levou a lutar não apenas por vitórias nas pistas, mas também por reconhecimento e respeito na sua própria sociedade (Arnold, 2012). Alizadeh, foi corajosa ao desertar do Irão em busca de liberdade desportiva e oportunidades. A sua busca por asilo na Europa foi uma resposta direta às restrições impostas pelo ambiente cultural e político no seu país de origem (Ziaee et al., 2023). Esses exemplos destacam a complexidade das experiências das mulheres muçulmanas no desporto e a influência significativa do contexto geográfico e político nas suas trajetórias. Embora muitas delas encontrem oportunidades para afirmar a sua identidade e sucesso desportivo, também enfrentam desafios únicos e, em alguns casos, a necessidade de tomar medidas drásticas para perseguir as suas paixões e objetivos desportivos.

Apesar dos avanços no diálogo, das histórias inspiradoras de sucesso mencionadas anteriormente e das políticas de inclusão, é notável que o número de atletas com origens islâmicas, em particular mulheres, que competem nos Jogos Olímpicos, permanece surpreendentemente baixo, como evidenciado na Tabela 1. Existem várias razões subjacentes para essa realidade. Primeiramente, é importante considerar as raízes históricas do desporto, profundamente enraizadas nas culturas ocidentais, como já mencionado. Além disso, muitos países islâmicos enfrentam uma escassez de tradições desportivas e infraestruturas subdesenvolvidas. Isso se deve, em parte, à situação económica de algumas regiões, onde a prioridade é garantir a sobrevivência básica da população. Nesse contexto, os recursos disponíveis são limitados e, frequentemente, não há capacidade para investir significativamente no desenvolvimento do desporto (Pfister, 2010). É importante notar que essa baixa participação de atletas de origens islâmicas não reflete a falta de interesse ou habilidade no desporto, mas sim os desafios estruturais e económicos que

muitos desses atletas enfrentam nos seus países de origem. A promoção do desporto em todas as regiões do mundo, independentemente das barreiras culturais e sociais, é um desafio constante e uma necessidade urgente para assegurar a igualdade de oportunidades e promover o desenvolvimento desportivo inclusivo.

Tabela 1 - Tabela histórica dos Jogos Olímpicos desde 1896 até 2020

Jogos Olímpicos		Total CONS	Nº total de atletas			Total de nações islâmicas	Atletas Muçulmanos		
Ano	Local		Masculino	Feminino	Total		Masculino	Feminino	Total
1896	Atenas	14	241	0	241	0	0	0	0
1900	Paris	24	975	22	997	0	1	0	1
1904	St.Louis	12	645	6	651	0	0	0	0
1908	Londres	22	1971	37	2008	1	1	0	1
1912	Estocolmo	28	2359	48	2407	2	3	0	3
1920	Antuérpia	29	2561	65	2626	1	19	0	19
1924	Paris	44	2954	135	3089	2	57	0	57
1928	Amsterdão	46	2606	277	2883	2	73	0	73
1932	Los Angeles	37	1206	126	1332	0	0	0	0
1936	Berlim	49	3632	331	3963	3	113	2	115
1948	Londres	59	3714	390	4104	7	253	1	254
1952	Helsinque	69	4436	519	4955	5	222	0	222
1956	Melbourne	72	2938	376	3314	6	115	2	117
1960	Roma	83	4727	611	5338	10	321	5	326
1964	Tóquio	93	4473	678	5151	12	261	4	265
1968	Cid. México	112	4735	781	5516	17	18	0	181
1972	Munique	121	6075	1059	7134	18	372	6	378
1976	Montreal	92	4824	1260	6084	7	209	5	214
1980	Moscou	80	4064	1115	5179	10	310	7	317
1984	Los Angeles	140	5263	1566	6829	24	565	22	587
1988	Seul	159	6203	2194	8397	30	500	28	528
1992	Barcelona	189	6652	2704	9356	30	495	43	538
1996	Atlanta	197	6806	3512	10318	39	501	77	578
2000	Sydney	199	6582	4069	10651	39	534	158	692
2004	Atenas	201	6296	4329	10625	39	593	162	755
2008	Beijing	204	6305	4637	10942	38	522	207	729
2012	Londres	204	5892	4676	10568	39	583	283	866
2016	Rio	207	6178	5059	11237	38	598	283	881
2020	Tóquio	206	5963	5457	11420	39	551	284	835

Fontes: The Status of Muslim Women in Sport (Sfeir, 1985), site do COI e das CONS.

Nesse cenário, o Médio Oriente, frequentemente envolto em estereótipos negativos, emerge de forma cada vez mais proeminente como um catalisador de

transformações na participação das mulheres muçulmanas no desporto. A seguir, realizaremos uma análise aprofundada dessas transformações.

3 O Médio Oriente como agente de mudança na participação das mulheres muçulmanas no desporto

3.1A evolução do desporto moderno no Médio Oriente

A relação do Médio Oriente com o desporto é uma narrativa rica em complexidade, influenciada pela interseção de diversos fatores culturais, históricos, religiosos e políticos. Esta vasta região, composta por países com tradições e contextos variados, possui uma herança desportiva que remonta a séculos, com atividades como corridas de camelos, falcoaria e tiro com arco sendo praticadas desde tempos ancestrais (Nawar, 2021). No entanto, a inserção dos desportos modernos na região ocorreu durante o período colonial, marcando o início de uma transformação significativa na abordagem do Médio Oriente ao desporto. Ao longo desses anos, a região testemunhou uma evolução notável na sua visão e influência no cenário global do desporto.

Durante o início do século XX, o futebol foi introduzido no Médio Oriente por potências europeias (Yildiz, 2019). O desporto rapidamente ganhou popularidade e tornou-se um importante elemento cultural e social em países como o Egito, Catar e a Turquia, proporcionando uma plataforma para a identidade nacional e a integração com a comunidade internacional (Dorsey, 2016). No entanto, foi nas décadas seguintes, após a independência de muitos países da região, que o Médio Oriente começou a participar ativamente de competições desportivas internacionais, incluindo os Jogos Olímpicos. A partir dos anos 1970 e 1980, os países do Golfo Pérsico, como Catar e Emirados Árabes Unidos, iniciaram investimentos significativos em infraestrutura desportiva e programas de desenvolvimento de atletas (Krug, 2022). Essas nações passaram a atrair eventos desportivos de renome internacional e a se tornar destinos importantes para atletas e entusiastas do desporto. Na década de 1990, a Arábia Saudita criou a *Saudi Professional League*, um marco

importante para o futebol da região, que atraiu talento estrangeiro e elevou o nível competitivo (Dorsey, 2016). O ano de 2002 marcou um ponto de viragem significativo quando o Catar foi selecionado como o país-sede da Copa do Mundo da FIFA de 2022, desencadeando um aumento substancial nos investimentos em infraestrutura desportiva e catapultando a região para o centro do palco global dos megaeventos desportivos (Krug, 2022). Em 2023, testemunhamos a ascensão da Arábia Saudita como um protagonista no cenário internacional do futebol, com investimentos que ultrapassaram impressionantes US\$ 875 milhões em aquisições de jogadores (Mattos, 2023).

Países como o Catar e a Arábia Saudita reconheceram o poder do desporto como uma ferramenta de *soft power* e uma oportunidade para fortalecer a sua presença no cenário mundial como Estados nacionais legítimos. Essas nações perceberam que o desporto pode ser uma plataforma eficaz para melhorar a sua imagem internacional, promover a coesão nacional e atrair investimentos e turismo. O Catar, por exemplo, usou a Copa do Mundo da FIFA de 2022 como uma vitrine para mostrar as suas capacidades de organização e infraestrutura de classe mundial. O evento não apenas atraiu a atenção global para o país, mas também trouxe líderes de diferentes partes do mundo para discutir questões desportivas e políticas. Da mesma forma, a Arábia Saudita investiu pesadamente em competições desportivas, como a Fórmula 1, golfe e futebol para fortalecer a sua presença no cenário internacional. No entanto, à medida que discutimos esses marcos notáveis no desporto do Médio Oriente, é fundamental refletir sobre como essas transformações impactaram o desporto feminino na região.

3.2 Médio Oriente e o desporto feminino

Na última década, testemunhamos um notável aumento nos esforços para promover e fortalecer a participação das mulheres no desporto do Médio Oriente. Esse movimento foi impulsionado principalmente por uma combinação de políticas governamentais progressistas e pela crescente pressão exercida por organizações internacionais, como o COI, comprometidas com a igualdade de género no contexto desportivo. Essas mudanças ocorrem em várias frentes e

vêm se traduzindo em avanços significativos na inclusão e no empoderamento das mulheres na região.

Um exemplo notável dessas transformações pode ser observado por meio da realização de megaeventos desportivos, como ocorreu no Catar, quando o país foi escolhido como sede da Copa do Mundo da FIFA. Esta escolha colocou o Catar no epicentro das atenções globais e, como resultado direto desse status, houve uma elevação significativa da visibilidade do desporto em todas as suas vertentes, incluindo o segmento do futebol feminino no emirado (Griffin, 2019). A seleção nacional feminina de futebol do Catar foi fundada em 2010 e a liga nacional de futebol feminino em 2012 (Griffin, 2019). No mesmo ano, na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Londres de 2012, a porta-bandeira da delegação do Catar era uma mulher, a campeã de tiro Bahiya Al Hamad (Olivereau, 2022). Outro marco importante no movimento desportivo feminino no Catar foi a criação do Comité de Desportos Femininos em 2001 por HH Sheik Tamim Bin Hamad Al-Thani (Q. O. Committee, 2021). O objetivo do comité é apoiar meninas e mulheres em todo o seu caminho rumo à excelência desportiva. A realidade é que, antes do anúncio da chegada da Copa do Mundo, o envolvimento das mulheres no desporto no Catar era mais uma aspiração do que uma prática regular. Hoje em dia, há investimentos direcionados ao desporto feminino, embora eles permaneçam num patamar inferior quando comparados aos investimentos no desporto masculino. Apesar do aumento da consciencialização sobre a importância da atividade física e do apoio da realeza à causa, as barreiras culturais continuam a ser o principal obstáculo para a ampliação da participação das mulheres muçulmanas.

Outro pilar fundamental é a mudança de mentalidade impulsionada pelas políticas governamentais. Países do Médio Oriente têm implementado políticas para promover a igualdade de género no desporto. Um exemplo notável é a Arábia Saudita, conhecida por suas políticas extremamente restritivas em relação às mulheres. No entanto, mesmo a passos lentos, o país avança rumo a uma maior inclusão das mulheres, não apenas no desporto, mas na sociedade em geral. Em 2018, um marco histórico ocorreu quando o príncipe herdeiro Mohammed bin Salman suspendeu a proibição de mulheres ao volante,

permitindo que elas dirigissem (Specia, 2019). Esse gesto simbólico representou um passo importante na mudança cultural e na promoção da igualdade de gênero na Arábia Saudita, ecoando positivamente em várias esferas da sociedade, incluindo o desporto. No mesmo ano, as mulheres sauditas puderam assistir a jogos de futebol pela primeira vez no país (News, 2019) e em novembro de 2020, a *Saudi Women's Premier League* foi fundada com 8 times, junto com a *Division One League*, que teve a participação de 17 times (News, 2022). Em março de 2023, a seleção feminina de futebol da Arábia Saudita entrou pela primeira vez no ranking da FIFA após vencer um torneio em janeiro (Farinha, 2023). As ligas de futebol feminino no Médio Oriente têm experimentado um crescimento significativo nos últimos anos, refletindo a tendência global de maior inclusão e apoio ao futebol feminino. Além das nações mencionadas anteriormente, outros países da região, como os Emirados Árabes Unidos, Jordânia, Irão e Líbano, já estabeleceram suas próprias ligas de futebol feminino. Em 2023, o desporto feminino na Arábia Saudita atingiu um novo marco quando o reino enviou sua primeira equipe feminina para um evento da Federação Internacional de Tênis (ITF) - o evento de pré-qualificação da Ásia/Oceânia da Billie Jean King Cup Juniors em Colombo, Sri Lanka (Venkataraman, 2023). Embora na ótica ocidental, essas mudanças possam parecer pequenas, para as mulheres que enfrentaram séculos de opressão, cada conquista representa um passo significativo em direção à igualdade e à inclusão.

Outro fator crucial que impulsionou o desenvolvimento do desporto feminino no Médio Oriente foi a crescente pressão exercida por organizações internacionais. O Comité Olímpico Internacional (COI) e a FIFA desempenham um papel importante na promoção da igualdade de gênero no desporto da região. A pressão para permitir a participação das mulheres em competições desportivas de renome internacional, como os Jogos Olímpicos, motivou diversos países a tomar medidas concretas para incluir e apoiar as suas atletas femininas. Um exemplo emblemático dessa pressão ocorreu durante os Jogos Olímpicos de Londres em 2012, quando tanto a Arábia Saudita quanto o Catar foram instados a permitir a participação de mulheres nas suas delegações.

Em 2019, frente a forte pressão de ativistas e ao clamor global por justiça e igualdade de gênero, foi a vez da FIFA atuar em um dos casos mais chocantes no mundo do desporto. O caso em questão envolvia uma proibição que remontava a 1979, após a revolução iraniana, que baniu as mulheres de frequentar os estádios. Essa proibição, que impediu as mulheres de assistir a eventos desportivos em locais públicos, foi profundamente controversa e gerou indignação tanto dentro quanto fora do Irão. No entanto, a proibição não conseguiu deter a determinação de muitas mulheres iranianas apaixonadas pelo futebol. Ao longo dos anos, algumas delas optaram por se disfarçar de homens para conseguir acesso aos estádios, arriscando detenções e consequências severas em nome da sua paixão pelo desporto (Santos et al., 2023). As imagens de mulheres sendo detidas e até mesmo presas por tentarem entrar em estádios geraram indignação global.

Foi em 2019 que a situação ganhou destaque internacional, quando Sahar Khodayari, uma jovem iraniana, conhecida como “Blue Girl” devido à cor do time de futebol pelo qual torcia, foi detida enquanto tentava entrar num estádio. Diante da possibilidade de condenação mesmo após o pagamento da fiança, Sahar, ateou fogo no próprio corpo e morreu aos 29 anos (Observatório, 2019). A FIFA foi pressionada a agir diante dessa tragédia e instou o governo iraniano a eliminar a proibição de mulheres nos estádios. Após mais de quatro décadas de proibição, finalmente, em 2023, foi anunciada a histórica decisão de permitir que as mulheres voltem a frequentar estádios no Irão. Essa significativa mudança de política foi anunciada pelo presidente da Federação Iraniana de Futebol, Mehdi Taaj, e ratificada pelo Conselho Supremo de Segurança do Irão, (Bayramli, 2023) marcando um marco importante na busca pela igualdade de gênero no desporto e nas liberdades individuais no país. Esses são apenas alguns exemplos do impacto positivo que as principais intervenientes têm na promoção da igualdade de gênero e na melhoria das condições de participação das mulheres no desporto. Essas mudanças demonstram como o engajamento ativo de instituições desportivas, líderes governamentais e organizações internacionais pode influenciar positivamente as políticas e práticas desportivas em todo o mundo.

Outra iniciativa fundamental para o desenvolvimento do desporto é a criação de comissões desportivas dedicadas às mulheres muçulmanas. A Federação Islâmica do Desporto Feminino (IFWS) teve um papel importante no fomento da participação feminina no desporto. Fundada em 1991, seu objetivo principal era a organização de eventos desportivos femininos e, ao mesmo tempo, manter as tradições religiosas (Harkness & Islam, 2011). Em 1993, aconteceu a primeira edição dos Jogos Islâmicos Femininos no Teerão, Irão, com a participação de dez países. Na sua quarta e última edição, em 2005, o evento reuniu 1,587 atletas muçulmanas (e pela primeira vez não muçulmanas) provenientes de 42 países muçulmanos e não muçulmanos, incluindo os Estados Unidos, Reino Unido, Japão e Rússia (Amara, 2008). O principal objetivo dos Jogos Islâmicos Femininos era oferecer uma oportunidade para as mulheres muçulmanas que não podiam participar de eventos realizados por fóruns internacionais devido à falta de atenção às normas islâmicas (por exemplo, código de vestimenta, modéstia, ambiente exclusivo para mulheres) e, ao mesmo tempo, fortalecer a solidariedade entre as mulheres muçulmanas (Amara, 2008). Os Jogos aumentaram a participação das mulheres muçulmanas no desporto, embora isso tenha ocorrido num contexto de eventos desportivos fechados para os homens e para a mídia. Infelizmente devido a falta de público feminino, pouca atenção da mídia e baixo nível competitivo, o evento não conseguiu manter seu legado após 2005.

Conforme mencionado anteriormente, existem diversas razões para a marginalização das mulheres muçulmanas no mundo do desporto. Isso se deve, em parte, às rígidas regras dos desportos modernos e à interpretação das leis e restrições islâmicas influenciadas pelas tradições culturais. Superar essa lacuna de compreensão entre os discursos e práticas de género nas culturas islâmica e ocidental requer a promoção de diálogos inter-religiosos e a cooperação intercultural. Nesse contexto, a Associação Internacional de Educação Física e Desporto para Meninas e Mulheres (IAPESGW) desempenha um papel crucial. Fundada em 1949, a associação visa apoiar o envolvimento de meninas e mulheres na educação física e no desporto. A partir de 1999, a IAPESGW intensificou os seus esforços, colaborando mais estreitamente com líderes e

membros para promover a participação das mulheres muçulmanas no campo da educação física e desporto (Kluka, 2011). Essas estratégias visavam, principalmente, o reconhecimento e o combate aos estereótipos negativos que frequentemente cercam as mulheres muçulmanas, como sendo oprimidas e invisíveis na arena desportiva. Esses estereótipos prevalecem não apenas no Ocidente, mas também em outras partes do mundo. Em 2008, a IAPESGW em parceria com a Universidade Sultan Qaboos, Omã, realizaram uma semana de estudo sobre como melhorar as oportunidades para meninas e mulheres muçulmanas na educação física e desporto. O resultado do intenso debate e discussão resultou na Declaração “*Accept and Respect*” (Aceitar e Respeitar) e no livro “*Muslim women and sport*” (Mulheres muçulmanas no desporto).

A Declaração tem o objetivo de persuadir os legisladores desportivos a serem flexíveis e reconhecerem as diversas necessidades das mulheres muçulmanas em diferentes situações internacionais (IAPESGW, 2021). “*Accept and Respect*” reconhece a importância da fé na vida das mulheres muçulmanas e a variedade de maneiras pelas quais a sua fé pode influenciar as preferências de participação no desporto (Benn & Dagkas, 2013). Ela se concentra no respeito às escolhas das mulheres num mundo em que tanto a política do Estado quanto a do desporto podem ser coercitivas. As cláusulas da declaração afirmam o seguinte:

1. O Islão é uma religião favorável que apoia a participação das mulheres em atividades físicas.
2. Afirmamos a importância da educação física e da atividade física na vida de todas as meninas e meninos, homens e mulheres.
3. Enfatizamos a importância de programas de boa qualidade de educação física e desporto dentro do currículo escolar, especialmente para as meninas.
4. Enfatizamos a conveniência, em locais onde muitas crianças têm acesso limitado à escola, de oferecer outras maneiras de ajudar as crianças a aprender as habilidades físicas e a confiança de que precisam para praticar desporto.

5. Recomendamos que as pessoas que trabalham nos sistemas desportivo e educacional aceitem e respeitem as diversas maneiras pelas quais as mulheres e meninas muçulmanas praticam a sua religião e participam de desportos e atividades físicas, por exemplo, escolhas de atividades, vestimentas e grupos de género.
6. Pedimos às federações desportivas internacionais que demonstrem o seu compromisso com a inclusão, garantindo que os seus códigos de vestimenta para competições contemplem os requisitos islâmicos, considerando os princípios de propriedade, segurança e integridade.
7. Recomendamos que os governos e as organizações nacionais incluam nas suas estratégias para o desenvolvimento do desporto e da educação física, estruturas e sistemas que incentivem as mulheres a assumir posições no ensino e na pesquisa, treino, administração e liderança.

Além da IAPESGW, vale ressaltar que há outras associações e organizações que também se envolvem na promoção dos direitos das mulheres muçulmanas no mundo do desporto. No entanto, é importante destacar que algumas dessas iniciativas adotam uma abordagem reativa e, por vezes, negam ou minimizam a importância do Islão como base da fé, a fé incorporada e a realidade de que algumas mulheres muçulmanas escolhem adotar práticas islâmicas como parte essencial da sua identidade desportiva. Um exemplo interessante desse tipo de abordagem é a Atlanta+. Esta organização, embora defenda os direitos das mulheres muçulmanas no desporto, às vezes acaba por não reconhecer plenamente a ligação entre a fé islâmica e as escolhas desportivas das mulheres muçulmanas (Benn & Dagkas, 2013). O Islão desempenha um papel significativo na vida de muitas mulheres muçulmanas, influenciando as suas decisões relativamente ao desporto e o seu envolvimento nele. Para algumas, a prática desportiva está intrinsecamente ligada à sua fé, e elas podem adotar práticas islâmicas como um pré-requisito para participar plenamente das atividades desportivas.

É imperativo estabelecer um diálogo eficaz entre as partes envolvidas no Médio Oriente e o resto do mundo, em especial no Ocidente, de modo a garantir

que as mulheres muçulmanas possam genuinamente conquistar o seu lugar no mundo do desporto sem comprometer os seus ideais. É crucial que as organizações atuantes nessa área compreendam e respeitem a ampla diversidade de experiências e motivações das mulheres muçulmanas no contexto desportivo. Isso implica em reconhecer a conexão intrínseca entre a sua fé e as suas escolhas desportivas, além de apoiar aquelas que escolhem adotar práticas islâmicas como parte integral da sua trajetória no desporto. É paradoxal que, por um lado, movimentos como o Movimento Olímpico defendam a inclusão de mulheres muçulmanas e a igualdade de direitos para todos, independentemente de raça e religião, enquanto, por outro lado, as regras estabelecidas por federações apoiadas por essa organização criam obstáculos para o acesso dessas mulheres ao mundo do esporte. É de suma importância harmonizar esses esforços e garantir que as políticas e regulamentações estabelecidas pelas federações desportivas promovam genuinamente a inclusão e a igualdade para todas as mulheres, independentemente das suas origens ou crenças religiosas. Isso exige uma reflexão contínua e a adaptação das práticas desportivas para estarem em sintonia com os princípios de equidade e diversidade proclamados pelos movimentos globais em prol dos direitos das mulheres. A seguir, analisaremos as medidas que as federações desportivas têm implementado para impulsionar a participação de mulheres muçulmanas no desporto.

4 Navegando pelas restrições: Mulheres muçulmanas e a evolução das políticas desportivas

Como mencionado anteriormente, a participação das mulheres muçulmanas no desporto é um tópico complexo, influenciado ao longo dos anos por uma variedade de políticas e regulamentações. Esse contexto é moldado em grande parte pelo ressurgimento e crescimento notável do Islão nas últimas décadas, como discutido por autores como Esposito and Mogahed (2007). Em 2015, o Pew Research Center estimou que havia 1,8 bilhão de muçulmanos no mundo, representando cerca de 24% da população global, solidificando o Islão como a religião de crescimento mais rápido (Lipka, 2017). No entanto, essa

expansão religiosa foi acompanhada por desafios e preconceitos. Eventos como os ataques de 11 de setembro de 2001 e intervenções ocidentais no Iraque e no Afeganistão, deram origem à islamofobia⁷, não apenas no Reino Unido, (Smith & Richardson, 2004) mas também na Europa (Fekete, 2008) e em várias partes do mundo (Esposito & Mogahed, 2007). Esse cenário, por sua vez, reforça o senso de pertença dos muçulmanos a uma comunidade global. Essas dinâmicas globais também influenciam o mundo do desporto. Hargreaves (2000, p. 68) sugere: "Há um senso progressivo de Islão global no movimento desportivo internacional de mulheres muçulmanas, que cresce em força e eficácia". Portanto, a importância do diálogo e da negociação relativamente à religião e às necessidades religiosas é imprescindível para qualquer esforço em direção a um desporto inclusivo, voltado para o desenvolvimento e a paz (Benn & Dagkas, 2013).

A ideia de "fé incorporada" (Benn, Dagkas, et al., 2011) é fundamental para compreender como as mulheres muçulmanas vivenciam e praticam a sua fé, e as preferências de algumas em participar desporto cobertas e/ou em ambientes separados por sexo. Essa perspectiva revela a complexidade das práticas religiosas das mulheres muçulmanas. A seguir serão abordadas as maneiras como as estruturas e políticas do desporto moderno interagem com essas práticas corporais islâmicas que afetam a vida das mulheres muçulmanas que praticam desporto.

4.1 *Hijab*, modéstia e o regulamento de vestimenta desportiva

Um dos desafios mais notáveis enfrentados por mulheres muçulmanas no mundo desportivo diz respeito ao seu vestuário. Ao longo dos anos, as restrições impostas sobre o uso do *hijab* em competições desportivas mantiveram-se como um problema persistente, afetando a igualdade de oportunidades. A Carta Olímpica afirma claramente que "é vedada qualquer forma de manifestação ou

⁷ A islamofobia é o medo, o preconceito e o ódio contra os muçulmanos que leva à provocação, à hostilidade e à intolerância por meio de ameaças, assédio, abuso, incitação e intimidação de muçulmanos e não muçulmanos, tanto no mundo on-line quanto off-line Nations, U. (2023). *What is Islamophobia?* Retrieved 16/09/2023 from <https://www.un.org/en/observances/anti-islamophobia-day>.

promoção política, religiosa ou racial em qualquer instalação, ou espaço vinculado aos Jogos Olímpicos” (I. O. Committee, 2021). Esse princípio tem gerado um debate constante relativamente ao uso do *hijab*, que pode ser interpretado como uma expressão clara de convicções religiosas, o que, nesse caso, seria proibido. No entanto, reconhecendo a importância da inclusão das mulheres no desporto, o Comité Olímpico Internacional tomou a decisão de permitir o uso do *hijab* durante as competições. A pioneira nesse sentido foi a atleta iraniana Lyda Fariman, que utilizou o *hijab* nos Jogos de Atlanta em 1996. É importante destacar que a autorização para o uso do lenço na cabeça durante as competições desportivas fica a critério das federações desportivas, sob a supervisão do COI. Entidades desportivas de renome, como a FIVB, FIFA e FIBA, discriminaram mulheres muçulmanas por décadas, proibindo-as de usar as suas vestimentas culturais e religiosas, incluindo o véu na cabeça.

Entretanto, a partir de 2008, testemunhamos o início de uma transformação significativa nesse cenário, com um número crescente de atletas muçulmanas desafiando as restrições impostas. Esgrimistas como Shaimaa El Gammal, velocistas do Bahrein como Al Ghasara, a velocista afegã Robina Muqimyar e a remadora iraniana Homa Hosseini, apenas para citar algumas, competiram usando o *hijab* nos Jogos Olímpicos de Pequim em 2008. Essa mudança representou um marco crucial no debate sobre o *hijab*, o desporto e o desempenho das atletas muçulmanas, abordando questões de religiosidade, identidade corporal e realizações desportivas (Amara, 2012).

Em 2011, a Federação Mundial de Badminton tentou obrigar o uso de saias curtas por todas as mulheres para aumentar a "atratividade do desporto". Isso foi revogado depois que as atletas apontaram a natureza sexista da medida, bem como seu potencial de exclusão de algumas mulheres por motivos religiosos e culturais (Público, 2021). Após uma década, no Jogos de Tóquio 2020, presenciamos a participação da jogadora de iraniana, Soraya Aghaei Hajiagha, que usou vestido, leggings e o *hijab* em sua partida contra a chinesa He Bing Jiao. Em contrapartida, em 29 de junho de 2011, a Federação Internacional de Levantamento de Peso (IWF) anunciou a inclusão de "unitards" que cobrem braços e pernas nas suas normas de vestuário, a fim de abrir mais

oportunidades para as mulheres muçulmanas (Benn & Dagkas, 2013). A cobertura da cabeça sempre foi permitida pela IWF.

Em 2012, a Federação Internacional de Voleibol (FIVB) alterou suas regras de vestuário, permitindo que as jogadoras usem uniformes mais compridos. Até então, as regras sobre os uniformes femininos de vôlei de praia determinavam que os biquínis deveriam ser usados com "a parte de cima ajustada bem ao corpo [e] a largura da cueca deve ser de no máximo 7 cm" (Hersi et al., 2017). A Associação Internacional de Vôlei foi forçada a flexibilizar as suas regras durante o primeiro campeonato mundial de vôlei de praia que aconteceu em Chennai, na Índia, em 2008. A equipa feminina indiana se recusou a adotar o código de vestimenta oficial e os oficiais foram forçados modificar as regras, permitindo o uso de t-shirt sem mangas e calças. A mudança foi feita em Chennai para respeitar o sentimento religioso, cultural e ético do país (Kala, 2008). Foi nos Jogos Olímpicos do Rio 2016 que o Egito fez sua primeira participação olímpica no vôlei de praia feminino. Suas representantes foram as atletas Doaa El-Ghobashy e Nada Meawad, que competiram com mangas compridas e calças compridas em observância à cultura de modéstia islâmica do Egito; Elghobashy também usava *hijab* (Lang, 2016). Algumas reportagens aplaudiram essas mulheres por sua coragem e desempenho em quadra; no entanto, muitas outras criticaram o *hijab* da jogadora, referindo-se a eles como opressivo e desnecessário. Apesar dessas críticas, Elghobashy manteve o compromisso tanto com sua fé quanto com o vôlei. Em uma entrevista, ela fez a seguinte declaração: "*O hijab não me impede de fazer as coisas que amo, e o vôlei de praia é uma delas.*" (Hersi et al., 2017). O porta-voz da FIVB, Richard Baker, disse: "*Muitos desses países têm exigências religiosas e culturais, por isso o uniforme precisava ser mais flexível*" (Lang, 2016).

Em 2014, a FIFA suspendeu a proibição do uso do *hijab* (ver p. 31). Desde então, temos visto cada vez mais jogadoras, tanto a nível profissional quando amador, praticando a modalidade sem terem que negociar a sua identidade. A Copa do Mundo Feminina da FIFA 2023 simbolizou essa evolução, quando a jogadora marroquina, Nouhaila Benzina, fez história ao ser a primeira jogadora de futebol ao usar o *hijab* em um jogo de Copa do Mundo (Hall, 2023). Embora

esse acontecimento tenha poder tanto na mídia, com uma mudança de narrativa e normalização de atletas usando o *hijab*, quando na nova geração de meninas muçulmanas que almejam jogar futebol profissional, há muito a ser feito para combater a islamofobia e a discriminação. Em junho de 2023, o principal tribunal administrativo da França decidiu que a Federação Francesa de Futebol (FFF) pode continuar a proibição do uso do *hijab* durante os jogos. Lar de uma das maiores comunidades muçulmanas da Europa, a França implementou leis destinadas a proteger a sua forma rígida de secularismo, conhecida como “laicidade” (Reuters, 2023). Em 2016, a França também proibiu o uso de burkinis⁸ nas praias e piscinas públicas, alegando que o uso dessas vestimentas são uma ameaça ao secularismo francês (France24, 2022).

Em 2017, a Federação Internacional de Basquetebol (FIBA) marcou um momento significativo ao revogar a proibição, permitindo que o *hijab* e a quipá⁹ fossem usados em partidas profissionais de basquetebol (Aljazeera, 2017). Além disso, outras federações esportivas, como a Federação Internacional de Tênis (ITF), a União Internacional de Patinação (ISU) e a Federação Internacional de Taekwondo (ITF), embora não tenham diretrizes explícitas nos seus regulamentos relativamente ao uso do *hijab* durante as competições, têm demonstrado flexibilidade em casos específicos, promovendo a participação das mulheres muçulmanas que optam por competir com o *hijab*.

Embora seja inegável que esses desenvolvimentos representam um avanço notável em direção à aceitação da diversidade cultural e religiosa no cenário desportivo, é evidente que há uma necessidade premente de educação e diálogo contínuo entre todas as partes envolvidas. A questão da participação de atletas muçulmanas usando *hijab* não é apenas uma questão desportiva, mas também uma questão de identidade, liberdade religiosa e cultural. É importante reconhecer que a comunidade muçulmana muitas vezes enfrenta o estigma associado a comportamentos extremistas que não representam a maioria dos muçulmanos. A decisão de permitir o uso do *hijab* no desporto não deve ser vista como uma promoção do extremismo, mas sim como um reconhecimento e

⁸ Burkini é um traje de banho feminino que cobre todo o corpo, deixando apenas as mãos, os pés e o rosto expostos.

⁹ Quipá ou Yarmulke é o chapéu, boina, touca ou outra peça de vestuário utilizada pelos judeus.

celebração da liberdade individual de escolha e da diversidade cultural e religiosa num contexto desportivo. Um exemplo recente ilustra essa complexidade: durante a Copa do Mundo, a participação de Benzina gerou debates na França. Enquanto o mundo celebrava sua inclusão no torneio, a mídia francesa criticava a permissão para que Benzina jogasse com o *hijab*, argumentando que isso representava um retrocesso aos direitos e liberdades das mulheres (Atti, 2023). No entanto, essa crítica ignora que muitas mulheres muçulmanas veem o *hijab* como parte intrínseca da sua identidade e como um símbolo de quem são. Portanto, é essencial promover um diálogo construtivo que considere todas as perspetivas e cultive uma compreensão mútua. A educação sobre as razões e significados por trás do uso do *hijab*, bem como sobre a diversidade na comunidade muçulmana, pode ajudar a dissipar mal-entendidos e preconceitos.

O *hijab*, longe de ser a única barreira à participação das mulheres muçulmanas no desporto, tornou-se um símbolo de determinação e identidade. Para muitas atletas muçulmanas, a escolha de competir usando o *hijab* não só representa a sua fé, mas também demonstra um compromisso inabalável com os seus sonhos, transformando-se assim em exemplos para as futuras gerações e defensoras da inclusão no desporto. No entanto, o caminho para o sucesso no desporto foi marcado por diversos desafios que vão além da questão do vestuário. Nesta secção final, aprofundaremos nos obstáculos adicionais que essas mulheres enfrentaram e exploraremos como, em meio a tantas adversidades, elas provaram ser possível alcançar o sucesso no mais alto nível desportivo sem comprometer as suas crenças religiosas ou identidade cultural.

5 Quebrando barreiras: Mulheres muçulmanas que redefiniram o jogo

Quando contemplamos a glória no cenário desportivo contemporâneo, frequentemente a vinculamos às medalhas olímpicas, aos pódios e às conquistas em competições de elite. No entanto, é crucial reconhecer que, para grupos minoritários, como as mulheres muçulmanas, cujas realizações muitas vezes passam despercebidas sem os holofotes das vitórias expressivas, a verdadeira essência da glória desportiva e o impacto se estendem para além dos troféus e das classificações finais. Nas últimas duas décadas, há um crescente interesse académico na participação desportiva das mulheres muçulmanas nas

sociedades islâmicas e ocidentais. Vários estudiosos têm se dedicado a analisar as barreiras que historicamente limitaram o envolvimento de meninas e mulheres muçulmanas no desporto. Estas barreiras incluem a influência da família, as expectativas socioculturais impostas às mulheres muçulmanas, a persistência do patriarcado, as complexidades da identidade étnica e as considerações religiosas (Abdul Razak et al., 2010; Benn, Dagkas, et al., 2011; Kay, 2006).

O dilema enfrentado por muitas mulheres muçulmanas que buscam se destacar como atletas ou apenas praticar atividade física, é complexo e desafiador. Essa dualidade entre ser uma “boa mulher” e uma “boa atleta” reflete as expectativas e pressões socioculturais que frequentemente recaem sobre elas. Por um lado, ser uma “boa mulher” muitas vezes implica em cumprir papéis tradicionais de género, incluindo responsabilidades domésticas, cuidado com a família e conformidade com normas culturais e religiosas. Essas expectativas podem ser particularmente rígidas em algumas comunidades muçulmanas, o que significa que as mulheres enfrentam o desafio de equilibrar essas obrigações com as suas ambições desportivas. Por outro lado, ser uma “boa atleta” exige um alto nível de comprometimento, treino árduo, competições frequentes, viagens e uso de certos tipos de vestuário que podem violar as normas religiosas. Isso pode entrar em conflito com as expectativas tradicionais de género, que muitas vezes pressupõem que as mulheres devem priorizar as suas responsabilidades familiares e domésticas.

A lutadora egípcia, Hayat Farag, sabia muito bem, por exemplo, *"que a sociedade espera que as mulheres não façam mais do que terminar a escola, casar e constituir família". Eu queria quebrar essa regra*", disse ela à revista Egypt Today (Pfister, 2010, p. 2945). No entanto, ela não queria abandonar a sua fé e destruir o seu futuro. Para ela, não era o contacto físico inerente ao desporto que representava um desafio para suas crenças religiosas, mas sim o traje usado na luta livre, que considerava uma violação das normas religiosas. Foi essa convicção pessoal que a levou a tomar a decisão difícil de deixar o desporto competitivo após os Jogos Olímpicos de Pequim em 2008, optando por seguir o que ela acreditava ser o caminho de uma boa mulher muçulmana (Pfister, 2010).

Essa tensão é frequentemente agravada pela falta de apoio e oportunidades para as mulheres muçulmanas no desporto. A ausência de infraestrutura desportiva adequada, escassez de financiamento e, em alguns casos, barreiras culturais que limitam a participação das mulheres em competições desportivas podem tornar ainda mais difícil a busca por uma carreira atlética. Mohamed Ibrahim, ex-presidente da Federação Egípcia de Levantamento de Peso, mencionou numa entrevista que *“as carreiras desportivas das mulheres são de curta duração devido à cultura árabe e egípcia. As atletas podem ser proibidas de continuar a praticar o levantamento de peso por seus noivos ou pais”*. Portanto, não faz sentido que as federações desportivas façam grandes investimentos em atletas do sexo feminino, pois não se pode ter certeza de que elas terão uma carreira longa (Pfister, 2010, p. 2945).

Ambas as citações abordam a questão da hierarquia de gênero e o papel das mulheres na família e na sociedade em geral, destacando que, nas culturas islâmicas, esses aspetos são regulamentados pela Sharia. Conforme a tradição islâmica, a respeitabilidade familiar e a honra dos membros masculinos da família dependem da integridade moral das suas esposas e da virgindade das suas filhas (Hussain et al., 2023). O desporto pode afetar a respeitabilidade das mulheres e a honra das suas famílias de várias maneiras. A participação das mulheres no desporto faz com que elas não sejam controladas pela família, mas a reputação da família também pode ser ameaçada se os seus membros femininos se envolverem em atividades consideradas não femininas, imorais, contrárias às leis islâmicas ou prejudiciais ao corpo feminino (Nakamura, 2002).

Para as mulheres muçulmanas, a integridade é de suma importância, implicando a observância das regras islâmicas relacionadas ao corpo e à sua apresentação em público. Nas comunidades muçulmanas tradicionais, os corpos cobertos das mulheres se tornaram ícones simbólicos do Islão. Segundo Hargreaves (2007, p. 76) "Os corpos das mulheres são fundamentais na mistura de religião, política e cultura. [...] são centrais na construção de uma “sociedade muçulmana” na diáspora e verdadeiramente global”. No entanto, é importante destacar que o conceito “cobrir” assume várias formas e significados, variando conforme a afiliação religiosa, o contexto ambiental, as nuances culturais e as

tradições regionais. Em muitos países de maioria muçulmana, o *hijab* abrange o corpo inteiro, com exceção do rosto e das mãos; em outros lugares, as mulheres têm o direito de escolher se desejam cobrir o cabelo e, caso afirmativo, de que forma desejam fazê-lo (Pfister, 2010)

As razões pelas quais as mulheres optam por seguir os princípios do Islão na sua vestimenta são variadas e frequentemente interligadas. Pode haver uma variedade de fatores que influenciam essa escolha. Alguns desses motivos incluem coerção, decisão voluntária, crenças religiosas, preocupações com modéstia, proteção contra o olhar masculino, considerações de moda, hábitos pessoais e até mesmo a manifestação de solidariedade com as tradições islâmicas e resistência à ocidentalização (Hargreaves, 2007). Para muitas mulheres religiosas, vestir-se conforme os preceitos islâmicos representa uma forma de submissão a Deus, uma demonstração da sua fé e devoção. Em outros casos, o *hijab* pode ser uma escolha de moda ou uma prática que se tornou parte das suas vidas quotidianas (Thorpe et al., 2022). É importante notar que, em alguns casos, o uso do véu não é necessariamente motivado por crenças religiosas, mas pode ser visto como um gesto de solidariedade com as tradições islâmicas e uma forma de resistência à influência ocidental. Nos últimos anos, há um aumento no número de meninas e mulheres, mesmo em países seculares, como a Turquia, que têm redescoberto a religião, reinterpretado o Islão e adotado o véu como parte das suas identidades pessoais e políticas.

Outra barreira enfrentada pelas mulheres muçulmanas, em especial aquelas que fazem parte da diáspora, diz respeito à disponibilidade de ambientes considerados “seguros” para a prática desportiva. Esses ambientes englobam a necessidade de obter aprovação por parte dos pais, da família ou do cônjuge, bem como a existência de espaços dedicados exclusivamente às mulheres. Nestes locais, elas podem expressar e incorporar as suas identidades religiosas e culturais sem o receio de enfrentar preconceito ou discriminação, conforme destacado por Thorpe et al. (2022). Os espaços exclusivos para mulheres oferecem às mulheres muçulmanas oportunidades de desporto e recreação ativa, onde elas podem manter a “respeitabilidade” e não arriscam comprometer a sua izzat (honra e reputação) ao serem vistas praticando atividade física na

presença de homens (Thorpe et al., 2022). No entanto, é importante notar que a disponibilidade e a acessibilidade desses espaços seguros têm sido uma área de conflito em várias regiões da Europa e Oceânia. Estudos conduzidos nessas áreas destacam a tensão entre as comunidades muçulmanas e os governos locais no que diz respeito à criação e manutenção desses espaços. Países como o Reino Unido (Dagkas & Benn, 2006; Miles & Benn, 2016), Dinamarca (Lenneis et al., 2022), Países Baixos (Rana, 2022), Noruega (Tjonndal & Hovden, 2020) e a Nova Zelândia (Ahmad et al., 2020) têm enfrentado desafios na adaptação das suas políticas e infraestruturas desportivas para acomodar as necessidades específicas das meninas e mulheres muçulmanas.

Por um lado, é comum que autoridades governamentais expressem preocupações sobre a preservação da identidade cultural, o que por vezes leva a restrições na participação desportiva das mulheres muçulmanas. Entretanto, nas comunidades desses países, tanto entre muçulmanos quanto entre não muçulmanos, há um esforço conjunto para promover a inclusão e a educação física e desportiva. Uma dessas medidas envolve a alocação de horários específicos para mulheres em instalações desportivas, como piscinas (Ahmad et al., 2020). Além disso, uma iniciativa notável é a oferta de aulas exclusivas para mulheres, abrangendo modalidades como kickboxing (Rana, 2022) e outros desportos. Essas ações não apenas estabelecem um ambiente seguro para a prática desportiva, mas também contribuem para o fortalecimento da autoconfiança dentro deste grupo, bem como promovem um senso de comunidade e pertencimento (Walseth, 2006a).

No meio de todas essas adversidades, surgiram mulheres que desafiaram incansavelmente estereótipos, críticas e ameaças, brilhando e influenciando as gerações futuras de meninas muçulmanas. Independentemente das barreiras impostas, da opressão e do preconceito, essas mulheres demonstraram ser possível se envolver no desporto, seja no nível profissional ou de lazer, sem comprometer a sua fé. Elas expuseram ao mundo que são muito mais do que uma visão simplista e homogeneizada frequentemente perpetuada pela mídia ocidental. Elas possuem desejos, identidade e uma voz poderosa. Na nossa pesquisa, destacamos conquistas notáveis de atletas como a esgrimista norte-

americana, Ibtihaj Muhammad (p.32;36), a lutadora de taekwondo iraniana, Kimia Alizadeh (p. 32;36) e a velocista argelina, Hassiba Boulmerka (ver p.35). Nesta secção, dedicámo-nos a enaltecer não apenas essas realizações, mas também as de inúmeras outras mulheres, algumas das quais talvez nunca alcancem o pódio olímpico. No entanto, através da sua dedicação ao desporto, elas impactam profundamente a vida das meninas muçulmanas, inspirando-as e proporcionando esperança para um futuro mais promissor.

5.1 O impacto das mulheres muçulmanas no desporto

Em 2021, a tenista tunisina Ons Jabeur fez história ao tornar-se a primeira mulher árabe e do norte da África a chegar às quartas de final de Wimbledon. No ano seguinte, em 2022, ela alcançou as finais tanto de Wimbledon quanto do US Open. Em 2023, mais uma vez, brilhou ao chegar à final de Wimbledon, consolidando a sua posição de destaque no cenário do ténis internacional. O sucesso de Jabeur está a atrair mais pessoas para o desporto. Segundo a Associação de Ténis Feminino (WTA), o número de membros da Federação Tunisina de Ténis cresceu e o número de jovens tunisinas que demonstram interesse pelo desporto aumentou com o sucesso de Jabeur (Taylor & Mathewson, 2023). Quando questionada sobre a sua habilidade de inspirar meninas a jogarem ténis, Jabeur respondeu: *"Espero poder enviar uma mensagem poderosa de que, se eu consegui chegar aqui, todo mundo pode chegar. Especialmente para mulheres de diferentes países, especialmente para mulheres do Médio Oriente, do mundo árabe"* (Taylor & Mathewson, 2023).

Embora Jabeur não use o *hijab* durante as competições, é importante destacar que ela enfrenta desafios únicos devido à sua religiosidade, especialmente durante o Ramadão. Em uma entrevista realizada em 2017, Jabeur reconheceu que conciliar o jejum e a sua carreira profissional como atleta de elite durante os torneios pode ser extremamente desafiador. Ela compartilhou: *"É difícil pensar no Ramadã... Quero dizer, não posso ficar sem comer ou beber... obviamente não posso ficar 30 dias seguidos. Mas tenho que fazer isso antes do próximo Ramadã, com certeza."* (Sport, 2021).

Com apenas 28 anos, a inspiradora Zahra Lari fez história como a primeira patinadora artística dos Emirados Árabes Unidos (EAU) e do Médio Oriente a competir internacionalmente, bem como a primeira patinadora profissional que usa *hijab* (Rai, 2023). No entanto, o caminho rumo ao sucesso não foi fácil. Zahra enfrentou desafios significativos, começando pela necessidade de convencer a sua família a apoiar as suas ambições. Enquanto a sua mãe, que também atua como a sua agente, apoiava as suas ambições desde o início, o seu pai inicialmente precisou ser persuadido de que a patinação artística era uma escolha adequada para sua filha. Além disso, a localização geográfica dos EAU apresentou um obstáculo adicional. Como uma nação no deserto, o país carecia de infraestrutura desportiva para apoiar a modalidade (Longman, 2017).

O compromisso de Zahra com o desporto e a sua determinação em superar adversidades ficaram evidentes desde o início da sua carreira. A sua primeira competição foi marcada por desapontamento, quando ela teve pontos descontados por usar o *hijab*. Isso resultou de um mal-entendido cultural, no qual os juízes classificaram o *hijab* como um “adereço”, sem compreender o seu significado religioso e a expressão de modéstia associada. No entanto, Zahra se reuniu com a União Internacional de Patinação (ISU), convencendo-os a permitir que patinadoras muçulmanas cobrissem os seus cabelos (Rai, 2023). Essa vitória abriu portas para outras atletas muçulmanas e exemplificou a capacidade de uma pessoa em provocar mudanças significativas. Alguns anos mais tarde, a Nike a convidou para colaborar no design e lançamento da campanha Nike Pro *Hijab*. Na época, Zahra comentou: *“É um lembrete para nós, mulheres muçulmanas, de que podemos alcançar qualquer coisa no mundo”*.

A popularidade da patinação no gelo nos EAU está a crescer, graças em parte ao sucesso e à campanha inspiradora de Zahra. Os EAU se tornaram o primeiro estado árabe a associar-se à ISU, e o Emirates Skating Club, fundado pela família Lari, agora tem mais de 100 membros, muitos deles competindo em nível internacional. Zahra lidera a campanha #DreamBigPrincess, cujo objetivo é empoderar mulheres no desporto não apenas no Médio Oriente, mas em todo o mundo (Rai, 2023).

Enquanto figuras como Ons Jabeur e Zahra Lari estão a protagonizar transformações no cenário desportivo, é importante reconhecer que mulheres muçulmanas também desempenham papéis cruciais nos bastidores, contribuindo significativamente para o desenvolvimento do desporto em posições de gestão e liderança. Um exemplo é o caso das irmãs paquistanesas, Karishma Inayat e Sumaira Inayat, que criaram sua própria liga de futebol feminino em 2018 - a Gilgit Baltistan Girls Football League (GBGFL) (Hussain et al., 2023). Elas estão usando a liga de futebol para desafiar o sistema patriarcal, os tabus sociais e empoderar as mulheres paquistanesas.

Outra protagonista é Aya Medany, ex-pentatleta olímpica de 34 anos. Ela fez história ao ser a primeira pentatleta¹⁰ olímpica a competir usando um *hijab*, representando o Egito nos Jogos de Londres em 2012. Entretanto, a sua jornada enfrentou desafios significativos relacionados aos regulamentos de trajes de natação, que acabaram por influenciar a sua decisão de se afastar das competições em 2013. A Federação Internacional de Natação (FINA), atualmente World Aquatics, anunciou a proibição dos trajes de corpo inteiro em competições a partir de 2010, levando Medany a ponderar sobre a sua aposentadoria. Para ela, essa proibição era problemática, pois desejava manter a sua modéstia, cobrindo completamente os braços, as pernas e o tronco, um princípio religioso que ela valoriza (Taylor & Mathewson, 2023).

Alguns anos depois, Medany voltou a competir internacionalmente no pentatlo e na esgrima individual. Nesse processo, contou com o apoio essencial da sua família e da equipa de treino, que a auxiliaram a lidar com os conflitos espirituais decorrentes dos regulamentos de trajes de banho. No entanto, a sua segunda aposentadoria em 2020 foi motivada pela pandemia. Um ano depois, Medany foi indicada para o parlamento egípcio, tornou-se membro ativo da Comissão de Atletas do Comité Olímpico Internacional e ensina esgrima para meninas em um campo de refugiados na Jordânia em nome da ONG Peace and

¹⁰ O pentatlo é um evento composto por cinco esportes diferentes: corrida, natação, esgrima, tiro e equitação. Todos esses eventos, com exceção da natação, permitem que as mulheres muçulmanas se vistam com modéstia.

Sport. Os desafios enfrentados por Aya Medany como atleta a inspiraram a se dedicar à missão de tornar o desporto mais acessíveis para mulheres e meninas de diversas origens. Ela afirmou: *“Ok, um dia estarei na outra posição, na posição deles, e vou ouvir as pessoas para saber o que elas têm, o que elas precisam”* (Taylor & Mathewson, 2023).

Em 2014, a Dra. Rimla Akhtar MBE fez história ao se tornar a primeira mulher muçulmana e asiática a integrar o Conselho da Football Association (FA), a associação de futebol mais antiga do mundo. Em reconhecimento ao seu excepcional trabalho em prol da igualdade no desporto, Akhtar foi honrada como Membro da Ordem do Império Britânico (MBE) em 2015. Capitã da equipa de futebol feminino muçulmano britânico em 2005 nos Jogos Islâmicos Femininos, Akhtar continuou a trilhar um caminho de sucesso. Em 2018, foi destacada pela FORBES como uma das mulheres mais influentes no cenário desportivo internacional (Forbes, 2018). Por impressionantes 13 anos, ela liderou a *Muslim Women's Sport Foundation* (MWSF), onde deixou a sua marca notável. Em colaboração com a FA, como parte da iniciativa *Equal Playing Field*, Akhtar dedicou-se a promover o futebol entre meninas na Jordânia, impactando positivamente mais de 700 jovens atletas por meio de clínicas desportivas.

Um dos feitos mais significativos de Akhtar foi sua atuação na campanha pela permissão do uso do *hijab* em competições da FIFA. Em uma entrevista ao Telegraph (2018), ela enfatizou: *“Ajudamos a derrubar a proibição do hijab pela FIFA em 2007; lutamos contra isso durante sete anos com colegas da FIFA e da FA. Foi uma decisão tomada por homens brancos e mais velhos que não compreendiam o impacto que isso teria sobre as mulheres que desejavam jogar futebol”*. Para Akhtar, o verdadeiro legado é que *“mulheres de todo o mundo estão se unindo para apoiar umas às outras”*, e ela espera que milhares de meninas de toda a Jordânia comecem a jogar futebol.

A jornada dessas mulheres muçulmanas no mundo do desporto ilustra o poder da paixão, resiliência e determinação em desafiar estereótipos. Elas abrem caminho para uma nova era no desporto e foram constantemente desafiadas a equilibrar a sua identidade religiosa e desportiva, seja como atletas, gestoras ou praticantes de atividades físicas. E triunfaram. No entanto, é

essencial reconhecer que as mulheres muçulmanas não são um grupo homogêneo; elas têm identidades culturais e religiosas diversas. Portanto, qualquer esforço para promover a participação desportiva das mulheres muçulmanas deve considerar essa diversidade e evitar generalizações simplistas.

O *hijab*, por exemplo, é um aspeto importante da identidade religiosa de algumas mulheres muçulmanas, e a sua consideração nos programas desportivos é crucial para garantir a inclusão. É fundamental que olhemos além desses estereótipos simplistas, que são prejudiciais e limitadores. Embora casos extremos de opressão e violação dos direitos das mulheres ocorram, eles não representam a realidade completa. A diversidade entre as mulheres muçulmanas deve ser reconhecida, valorizada e respeitada.

O papel do contexto cultural específico na participação desportiva das mulheres muçulmanas é crucial. Isso implica a necessidade de evitar a aplicação de perspetivas ocidentais ou estereótipos da mídia que retratam as mulheres muçulmanas como passivas, oprimidas e marginalizadas. A visibilidade é uma ferramenta poderosa para o avanço da causa das mulheres muçulmanas no desporto. À medida que mais atletas muçulmanas se destacam nas suas respetivas disciplinas, elas não apenas inspiram outras mulheres a participar do desporto, mas também desafiam estereótipos arraigados.

A presença de mulheres muçulmanas no cenário desportivo pode contribuir para uma mudança cultural mais profunda, criando um ambiente mais inclusivo e igualitário. O segundo capítulo dessa dissertação apresenta uma revisão sistemática da literatura, intitulado “Participação das mulheres muçulmanas no desporto através das suas próprias vozes: um estudo de revisão sistemática da literatura”. Optou-se pela realização de uma revisão sistemática, pois se trata de uma metodologia rigorosa, cientificamente orientada que pode ser replicada. Esta revisão visou retratar a participação e a vivência das mulheres muçulmanas no desporto, mas apenas através da voz delas, dando-lhes viabilidade.

CAPÍTULO II. ESTUDO CONCTUAL

ESTUDO I

Participação das mulheres muçulmanas no desporto: um estudo de revisão sistemática da literatura

Resumo

A presença de mulheres muçulmanas no desporto é um tema que tem dado origem a um debate e contestação consideráveis ao longo dos anos, envolvendo questões religiosas, culturais e de género. O objetivo desta revisão sistemática foi mapear o estado atual do conhecimento da literatura empírica que aborda os determinantes que influenciam a participação das mulheres muçulmanas no desporto. A pesquisa foi efetuada nas bases de dados Scopus e B-on para identificar artigos e trabalhos de investigação relevantes publicados entre 2000 e julho de 2023. Foram incluídos trinta e dois artigos e os dados foram sistematizados em três categorias principais: mulheres muçulmanas como atletas, mulheres muçulmanas na gestão do desporto e mulheres e raparigas muçulmanas na educação física e na atividade física. Os resultados evidenciam os desafios que as mulheres e raparigas muçulmanas enfrentam e sublinham a importância de abordar os fatores culturais, religiosos e específicos do género que têm impacto no seu envolvimento em várias áreas relacionadas com o desporto. Além disso, a revisão destaca a necessidade de políticas e iniciativas mais inclusivas na indústria do desporto para promover a diversidade e capacitar as mulheres muçulmanas para participarem ativamente no desporto como atletas, gestores do desporto e praticantes de educação física. A investigação futura deve continuar a explorar esta área para promover um ambiente desportivo mais inclusivo e equitativo para as mulheres muçulmanas em todo o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: MULHERES MUÇULMANAS; ATLETAS; GESTÃO DO DESPORTO; EDUCAÇÃO FÍSICA; IGUALDADE DE GÉNERO.

Abstract

The presence of Muslim women in sports is a topic that has given rise to considerable debate and contestation over the years, involving religious, cultural, and gender issues. This systematic review aimed to map the current knowledge of the empirical literature that addresses the determinants that influence Muslim women's participation in sports. The search was conducted across Scopus and B-on databases to identify relevant articles and research papers published from 2000 to July 2023. Thirty-two articles were included, and the findings are divided into three main categories: Muslim women as athletes, Muslim women in sports management, and Muslim women and girls in physical education and physical activity. The results highlight the challenges Muslim women and girls face and underline the importance of addressing the cultural, religious, and gender-specific factors that impact their involvement in various sports-related areas. Furthermore, the review highlights the need for more inclusive policies and initiatives within the sports industry to promote diversity and empower Muslim women to actively participate in sports as athletes, sports managers, and physical education practitioners. Future research should continue to explore this area to foster a more inclusive and equitable sports environment for Muslim women worldwide.

KEYWORDS: MUSLIM WOMEN; ATHLETES; SPORT MANAGEMENT; PHYSICAL EDUCATION; GENDER EQUALITY.

1. Introdução

No contexto do desporto moderno, uma esfera que transcende fronteiras geográficas e culturais, emerge uma questão que vai para além das linhas de partida e das arenas competitivas: a participação das mulheres, especialmente das mulheres muçulmanas, no cenário desportivo contemporâneo. No meio da constante busca pela igualdade de género e pelo empoderamento feminino, o desporto apresenta-se como um campo de batalha emblemático, onde estereótipos antiquados e barreiras de género são desafiados e redefinidos.

O desporto moderno, enraizado nas tradições atléticas das civilizações antigas e moldado pelas evoluções subsequentes, frequentemente negligenciou o potencial transformador e a presença das mulheres como protagonistas (Pfister, 2010). Entretanto, este paradigma está em constante mutação, à medida que as presenças das mulheres muçulmanas emergem como uma força propulsora no panorama desportivo global (Ahmed & Ali, 2021). Este é um tema que tem suscitado considerável debate e contestação ao longo dos anos, envolvendo questões religiosas, culturais e de género. Essa controvérsia é complexa e multifacetada, refletindo a diversidade de interpretações do Islão e as normas socioculturais que moldam a participação feminina no desporto.

Em primeiro lugar, é crucial reconhecer que o Islão, como religião, não proíbe a participação das mulheres em atividades desportivas. Os princípios islâmicos enfatizam a importância da saúde física e mental (Walseth & Fasting, 2003). As considerações culturais também desempenham um papel importante na limitação da participação das mulheres no desporto. Muitas comunidades muçulmanas estão imersas em tradições arraigadas, que podem ser mais restritivas relativamente às mulheres. As normas de vestimenta, por exemplo, variam amplamente entre diferentes culturas muçulmanas, desde aquelas que exigem o uso do *hijab* até aquelas que permitem um maior grau de liberdade na escolha de roupas desportiva.

É importante notar que a experiência das mulheres muçulmanas varia amplamente nas situações políticas, linguísticas, económicas e socioculturais

assim, qualquer tentativa de generalização das vivências dessas mulheres seria inadequada. Para algumas, o desporto pode ser uma forma de expressar a sua identidade cultural e religiosa (Abdul Razak et al., 2010; Hussain & Cunningham, 2021; Mitra, 2009; Walseth, 2006b), ao passo que, para outras, pode representar um desafio às normas tradicionais de género nas suas comunidades (Hussain et al., 2023; Walseth & Fasting, 2003). Essas motivações variadas influenciam a intensidade e o comprometimento com o desporto. A compreensão e o reconhecimento dessa diversidade são fundamentais para explicar as diferentes abordagens que essas mulheres adotam ao se envolverem no desporto, abrangendo desde os níveis recreativos até as competições olímpicas.

Este estudo se origina da complexidade e multiplicidade de fatores que influenciam a vida e, por extensão, a participação das mulheres muçulmanas no mundo desportivo. Frequentemente, essas questões são discutidas sob uma ótica ocidental, com regulamentações predominantemente estabelecidas por homens. Isso resultou na representação das mulheres muçulmanas como oprimidas, marginalizadas e silenciadas. No entanto, quem são realmente essas mulheres? Quais são seus pensamentos, aspirações e perspectivas?

Nesse contexto, o principal objetivo desta revisão sistemática foi mapear o estado atual do conhecimento da literatura empírica que aborda os determinantes que influenciam a participação das mulheres muçulmanas no desporto. Mais especificamente, este estudo visa responder às seguintes perguntas de pesquisa:

1. Qual é o enquadramento teórico e quais os métodos utilizados nos estudos sobre esse tema?
2. De que maneira as mulheres muçulmanas se inserem no cenário desportivo?
3. Quais são as experiências das mulheres muçulmanas em relação à sua participação no desporto?
4. Quais são os obstáculos que as mulheres muçulmanas enfrentam ao buscar o acesso ao mundo desportivo?

2. Metodologia

2.1 Pesquisa de Literatura e Processo de Seleção de Estudos

Este artigo assume a natureza de uma revisão sistemática da literatura, caracterizada por adotar uma metodologia rigorosa e cientificamente orientada, passível de replicação. O presente estudo segue as diretrizes estabelecidas por Petticrew e Roberts (2008) e Siddaway et al. (2019). A abordagem passo a passo empregue compreende seis etapas primordiais de uma revisão sistemática, as quais foram estritamente seguidas neste estudo. O delineamento constitui a primeira fase, na qual os autores iniciam a abordagem da revisão, fundamentando as suas questões de pesquisa. Neste contexto, as questões de pesquisa definidas foram as seguintes: (1) *De que maneira as mulheres muçulmanas se inserem no cenário desportivo?* (2) *Quais são as experiências das mulheres muçulmanas em relação à sua participação no desporto?* (3) *Quais são os obstáculos que as mulheres muçulmanas enfrentam ao buscar o acesso ao mundo desportivo?* Em sequência, a pesquisa evoluiu para o planeamento abrangente da revisão, com a delimitação das palavras-chave e critérios de inclusão. A terceira fase centrou-se na identificação (pesquisa), materializada por um processo meticuloso de busca bibliográfica nas bases de dados pertinentes. Subsequentemente, a etapa de triagem foi realizada, incluindo a importação das referências para um gerenciador de bibliografias, o *Endnote*, a eliminação de duplicados e a exclusão de estudos que não se alinhavam com a temática em questão. Na quinta etapa, denominada elegibilidade, procedeu-se à análise minuciosa dos artigos para determinar a sua pertinência em relação ao estudo em causa. A sexta etapa foi dedicada à avaliação da qualidade dos estudos, onde se empenhou em identificar qualquer viés que influenciasse os resultados do estudo.

Com o intuito de delinear as palavras-chave, foram examinados artigos científicos e trabalhos previamente realizados na área, resultando na seleção da seguinte equação de investigação: muslim AND (wom*n OR femal*) and sport*. Esta equação de pesquisa foi empregada na exploração de duas bases de dados, nomeadamente a B-on e a Scopus. A escolha destas duas bases foi

embasada na expectativa de que elas abarcariam uma amostra abrangente de artigos provenientes do meio acadêmico global, proporcionando uma base sólida para a realização de uma revisão sistemática.

Os critérios de inclusão estabelecidos abrangiam estudos empíricos redigidos em português, espanhol ou inglês, com o texto integral disponível, publicados entre janeiro de 2000 e julho de 2023. A escolha desse período temporal se justifica em virtude da virada do século XXI, um período caracterizado por mudanças significativas na sociedade global, englobando avanços tecnológicos, transformações culturais e sociais, bem como desenvolvimentos políticos. Consequentemente, a imagem das mulheres muçulmanas como “*outsiders*” começou a passar por uma transformação, ainda que de maneira gradual. Desde o início do novo milênio, o desporto adquiriu uma crescente importância como símbolo de conquista e progresso, impulsionando novos desenvolvimentos no desporto feminino. Todo o processo de revisão, desde a busca nas bases de dados até a seleção dos estudos elegíveis e artigos incluídos, foi conduzido por outro pesquisador independente com experiência em revisões na área de gestão do desporto. Os resultados obtidos foram confrontados ao final de cada etapa para verificar a concordância das descobertas.

A pesquisa foi conduzida durante a primeira quinzena de julho de 2023. Na base de dados B-on, foram identificados 269 artigos, enquanto na Scopus foram encontrados 95, totalizando 364 referências. Após a importação dessas referências para o *EndNote*, foi realizado um processo de eliminação de duplicatas, resultando na exclusão de 110 referências. Além disso, durante a análise dos títulos, foram identificadas mais 37 referências duplicadas, as quais haviam sido importadas de forma triplicada para o *EndNote*. Como resultado, das 364 referências iniciais, restaram 217.

O passo subsequente envolveu a avaliação dos resumos com o objetivo de verificar a relevância em relação ao objeto de estudo. Nesta etapa, foram eliminadas 143 referências que não se relacionavam com a temática, não estavam redigidas em uma das línguas aceites, não eram artigos científicos ou não era possível aceder o texto completo, nem por meio das bases de dados,

nem através de pesquisas suplementares utilizando outros motores de busca. Isso resultou em 74 referências selecionadas para a leitura integral. Após a análise completa de cada estudo, outras 42 referências foram excluídas por não estarem alinhadas com a temática, visto que o foco principal era dado aos estudos que captassem as experiências das mulheres muçulmanas em relação ao seu envolvimento no desporto. Assim, foram considerados apenas estudos que proporcionassem voz às mulheres muçulmanas.

A figura 1 apresenta o fluxograma que ilustra o processo de seleção dos 32 estudos incorporados na revisão:

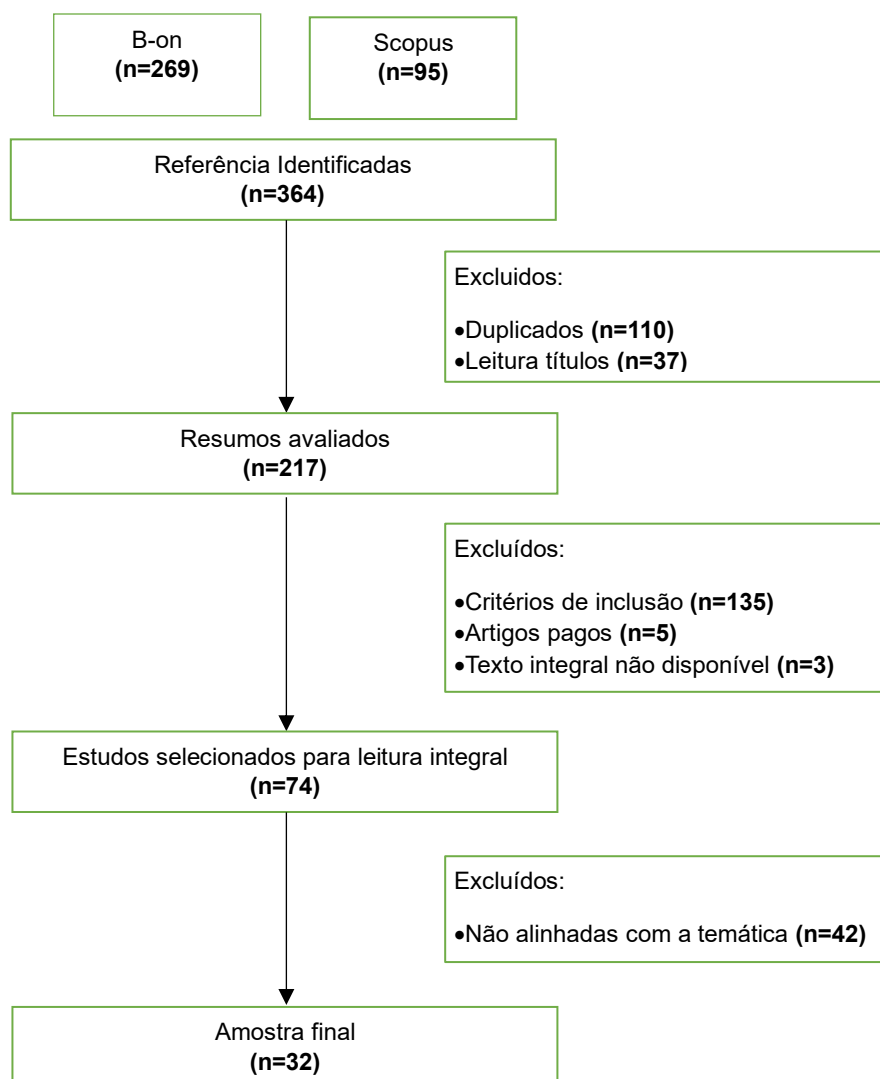


Figura 1 – Fluxograma da seleção dos artigos

2.1 Estrutura analítica

Os 32 artigos foram submetidos a uma análise temática (Braun & Clarke, 2012), orientada pelas questões de investigação. Este processo de análise temática seguiu quatro fases distintas: a) a leitura individual de cada artigo e o registo das suas conclusões principais; b) a consolidação das múltiplas conclusões de cada artigo num documento no formato Word; c) a atribuição de códigos preliminares às conclusões individuais de cada artigo, antes de serem agrupadas em categorias mais amplas; e d) a organização das categorias amplas em temas, em conformidade com as questões de investigação.

Na primeira etapa, foi realizado um mapeamento descritivo da literatura, que desempenha um papel fundamental na compreensão do panorama global dos estudos sobre as mulheres muçulmanas no desporto. Nesta fase, o objetivo principal foi oferecer uma visão abrangente dos autores envolvidos, dos periódicos onde esses estudos foram publicados, dos locais onde as pesquisas foram conduzidas e das metodologias adotadas, incluindo informações sobre os participantes e os instrumentos de pesquisa utilizados.

Em seguida, na segunda etapa, procedemos à organização dos estudos em torno de um tema central: a percepção da mulher muçulmana em relação à sua participação no mundo desportivo. Este tema central foi subdividido em três subtemas fundamentais, cada um oferecendo uma perspetiva única sobre a participação das mulheres muçulmanas no desporto. Esses subtemas compreendem a participação da mulher muçulmana como atleta profissional, gestora do desporto e praticante de atividade física. Essa subdivisão procura responder como as melhores muçulmanas se inserem no cenário desportivo. Cada secção mapeia as experiências dessas mulheres e os obstáculos que elas enfrentaram ao buscar acesso ao mundo desportivo. Vale ressaltar que, em alguns casos, os estudos analisados poderiam ser apropriadamente enquadrados em mais de um desses subtemas. A decisão de inclusão num tema específico foi baseada na categorização que melhor se adequasse à natureza da pesquisa, assegurando uma organização lógica e clara do estudo.

3. Resultados

A exposição dos resultados é organizada em duas secções distintas, visando oferecer uma apresentação meticulosa e minuciosa das conclusões obtidas. A primeira secção destaca, detalhadamente, os elementos descritivos de todos os estudos incorporados neste trabalho. São abordados elementos essenciais, como a identificação dos autores, o ano de publicação, a localização geográfica das pesquisas, os meios de divulgação onde os estudos foram publicados, bem como os métodos utilizados e a caracterização dos participantes envolvidos em cada investigação. Na segunda secção, são exploradas as experiências das mulheres, pertencentes à comunidade muçulmana, no que concerne à sua participação em atividades desportivas, divididos por três esferas distintas: a mulher atleta, a mulher gestora do desporto e a mulher praticante de atividade física.

3.1 Análise descritiva

No âmbito da presente investigação, os 32 estudos em análise direcionam a sua atenção para as experiências de meninas e mulheres muçulmanas no que concerne à sua participação em atividades desportivas. Observa-se uma marcada preponderância do idioma inglês, evidenciando-se a integralidade dos 32 artigos redigidos nesse idioma.

Numerosos autores empenharam os seus esforços na exploração deste campo temático, merecendo particular destaque Kristin Walseth, cujo contributo se consubstancia em quatro abordagens distintas datadas de 2003 (1), 2006 (2), 2015 (1). Paralelamente, Nida Ahmad e Holly Thorpe conferiram uma significativa contribuição, perfazendo um total de três investigações publicadas, respetivamente em 2020 (2) e 2022 (1). Os outros autores também contribuíram com uma variedade de estudos, trazendo uma série de perspetivas. É interessante destacar o trabalho de Symeon Dagkas e Tansin Benn, que colaboraram em dois estudos nos anos de 2006 e 2011. Além disso, é relevante mencionar a participação ativa de Ummer Hussain e George B Cunningham, que publicaram três estudos, sendo dois em 2021 e um em 2023.

No que concerne aos anos de publicação, constatou-se uma notável heterogeneidade na quantidade de estudos. No período compreendido entre 2000 e 2019, o número oscilou entre zero e três estudos por ano. Em 2020, emergiu uma tendência ascendente, atingindo o ponto máximo de quatro estudos. Esta tendência manteve-se, ainda que de forma ligeiramente decrescente, em 2021, com três estudos. O ano de 2022, por sua vez, registou um novo pico, com novamente quatro estudos. Quanto ao ano de 2023, os dados não permitem uma análise conclusiva, devido à restrição cronológica imposta até julho desse ano (Figura 2).

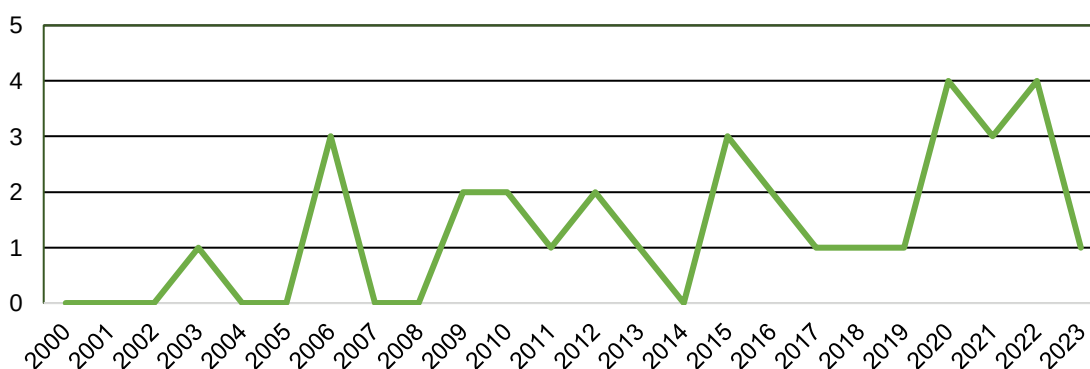


Figura 2: Distribuição de estudos por ano de publicação.

O *Sport, Education & Society* lidera o número de publicações com cinco publicações. A seguir, a *International Review for the Sociology of Sport* contribui com três publicações. As demais publicações são distribuídas de forma equitativa, com um registo em cada, à exceção do *Leisure Studies*, *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, bem como *Sport in Society*, que apresentam duas publicações cada (Figura 3).

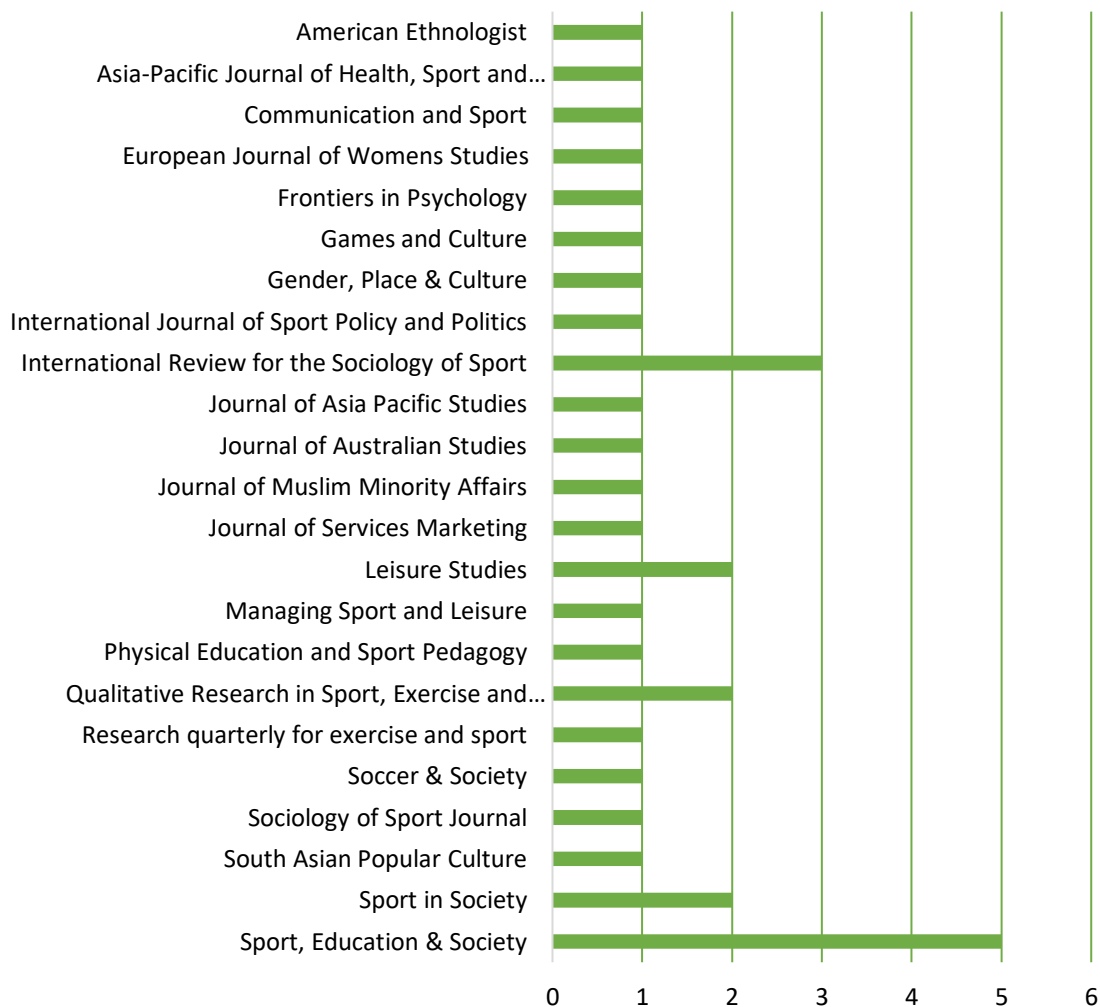


Figura 3: Número de artigos publicados por jornal.

Relativamente à área geográfica onde os estudos foram realizados, os Estados Unidos destacam-se com seis estudos, seguido pela Noruega com cinco estudos. O Reino Unido e a Austrália contam com quatro estudos cada, enquanto a Nova Zelândia e a Dinamarca possuem três estudos cada. Por sua vez, o Canadá, China, França, Irlanda, Israel, Malásia e Países Baixos contribuem com apenas um estudo cada (Figura 4).

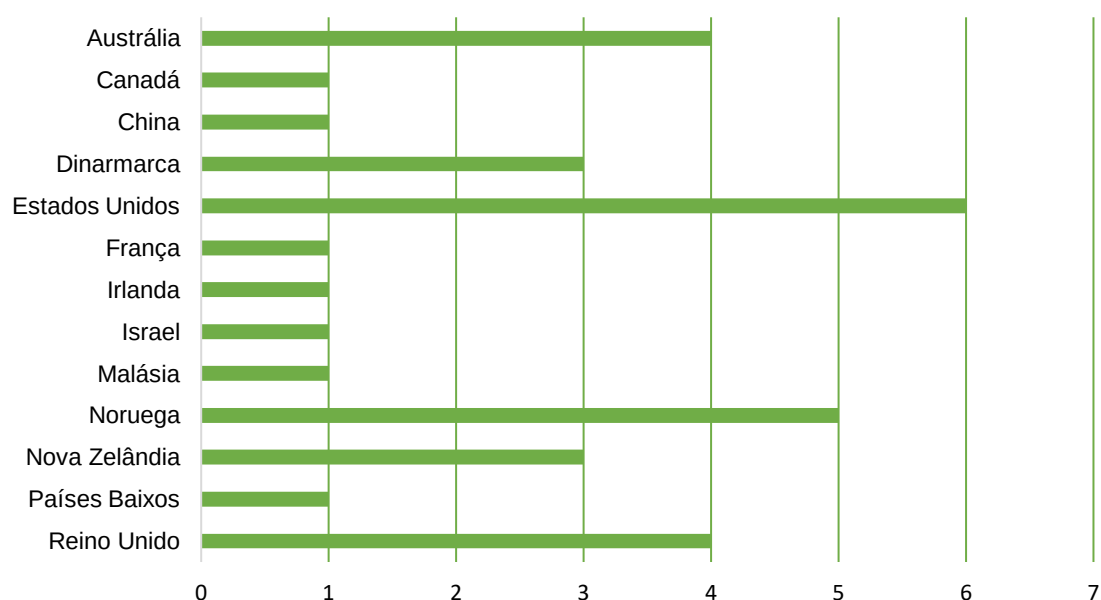


Figura 4: Análise geográfica da publicação de artigos.

Em termos de métodos de coleta de dados, destaca-se a prevalência da utilização de entrevistas semiestruturadas, observadas em 16 estudos, seguidas pelas entrevistas de histórias de vida, presentes em seis estudos. Questionários e grupos focais emergem com três estudos cada, enquanto um estudo combinou ambos os instrumentos. Adicionalmente, além destas abordagens, foram empregues diversas modalidades de análise, incluindo a análise de dados provenientes de estudos empíricos, análise de conteúdo, bem como análise documental e a etnografia.

Após a análise dos participantes nas diversas investigações, é notório que a amostra mais representativa era composta por 357 participantes, ao passo que a menos representativa se limitava a apenas dois. De forma geral, os instrumentos foram entrevistas ou questionários junto de raparigas e mulheres muçulmanas envolvidas, em diferentes graus, na prática desportiva e em atividades relacionadas ao desporto.

A maioria dos estudos não definiu claramente o enquadramento teórico; apenas 20 estão bem identificados, sendo visível uma grande dispersão entre eles. Apesar da dispersão dos enquadramentos teóricos, o mais relevante baseia-se na interseccionalidade, com destaque para: (i) O conceito de

interseccionalidade, proposto por (Crenshaw, 1989) que enfatiza a impossibilidade de analisar o género isoladamente, sem considerar também como a etnia, raça, religião, sexualidade e/ou classe social influenciam a experiência de uma pessoa, (ii) Valentine (2007) argumenta que as análises de interseccionalidade devem incorporar o espaço e as relações de poder, uma vez que as estruturas de poder e as configurações espaciais dominantes desempenham papéis fundamentais na determinação das capacidades individuais. Ela advoga por uma compreensão interseccional das identidades sociais, teorizando-a como um processo em que os indivíduos conseguem transcender categorias fixas limitadoras, como ser oprimido ou representar uma ameaça à segurança.

Além disso, outros enquadramentos teóricos cruciais incluem: (i) O feminismo transnacional, originado no terceiro mundo e no feminismo pós-colonial, que critica o feminismo ocidental por homogeneizar as mulheres não ocidentais como vítimas passivas e rejeita a noção de uma "irmandade global" (Lenneis et al., 2022); (ii) O conceito de fé incorporada, que implica que a apresentação do corpo, a aparência, a fisicalidade, a interação social e o comportamento são elementos intrínsecos à identidade religiosa e à vivência diária da crença religiosa. A fé incorporada se manifesta exteriormente de maneira inseparável da crença interiorizada (Benn, Dagkas, et al., 2011).

Essa diversidade de enquadramentos teóricos ressalta a complexidade e a riqueza das perspectivas adotadas na análise das questões relacionadas à identidade, género, religião e a presença das mulheres muçulmanas no desporto.

3.2 Análise temática

3.2.1 Participação das mulheres muçulmanas no desporto enquanto atletas.

O tema da participação das mulheres muçulmanas no desporto enquanto atletas foi objeto de aprofundamento em cinco estudos (Tabela 2).

Tabela 2 - Participação das mulheres muçulmanas no desporto enquanto atletas.

Autor (Ano)	Enquadramento teórico/ Contexto literário	Métodos/ Instrumento	Participantes/ Tamanho da amostra
Carr e Power (2020)	Este artigo utiliza uma abordagem de estudos culturais sustentada por um quadro teórico que consistia nos conceitos de Bourdieu (1986) sobre capital cultural e social e no trabalho de Kemper e Collins (1990) sobre interações de nível micro, de modo a explorar a política de participação quando essa participação pode ser policiada por membros da comunidade que controlam os comportamentos conforme as normas preferidas do grupo.	Qualitativo Discussão em grupo focal	n = 15 jogadoras de futebol muçulmanas
Cheng (2019)	Embora os governos democrático-liberais ocidentais tenham considerado a religiosidade islâmica como contrária aos valores democrático-liberais ocidentais e, portanto, prejudicial à integração, os académicos e os governos consideram o desporto como uma ferramenta importante para melhorar a coesão social e aumentar o capital social para minorias étnicas e grupos marginalizados. O estudo demonstra os limites de conceituar a participação desportiva em termos binários de “integração” ou “exclusão”, com descobertas que fornecem nuances sobre como as mulheres muçulmanas percebem a relação entre a religião e a prática desporto competitivos.	Qualitativo Entrevista aprofundada	n = 10 jogadoras de futebol muçulmanas e 3 jogadoras não muçulmanas
Hamzeh (2015)	O estudo emprega uma visão crítica de estudiosos feministas árabes e muçulmanos sobre o <i>hijab</i> como multidimensional — visual, espacial, ético e espiritual (Mernissi, 1991) — e teoriza como os corpos das mulheres muçulmanas são regulados por duas <i>hijabofobias</i> intersectadas, a islamista e a islamofobia ocidental.	Qualitativo Entrevista Materiais produzidos pelas jogadoras Revisão de diários pessoais das jogadoras Análise de correspondências por e-mail Investigação de conteúdo online relacionado ao assunto	n = 5 jogadoras muçulmanas da seleção nacional de futebol da Jordânia
Tjønndal e Hovden (2020)	A abordagem teórica baseia-se na <i>interseccionalidade</i> para analisar a identidade das mulheres como multidimensional (Crenshaw, 1989; Salem, 2018) e para investigar as opressões e privilégios interligados de jovens boxeadoras muçulmanas na Noruega. Também utilizou teorias sociológicas para descrever como o desporto moderno pode representar um espaço de alegria, paixão e entusiasmo para as mulheres atletas (Elias e Dunning, 1986)	Qualitativo Histórias de vida	n = 2 boxeadoras muçulmanas imigrantes

**Hussain e
Cunningham
(2021)**

O estudo baseou-se na tradição de Bourdieu (1958, 1977, 1990b) de entender o evento social combinando pontos de vista fenomenológicos (Husserl, 1931) e sociológicos (Go, 2013) para entender as experiências vividas pelas participantes. Neste estudo, os autores primeiro elucidam como as participantes de desportos tradicionais são sistematicamente marginalizadas ao compreender a interseção de várias forças sociológicas por meio das lentes de reprodução social de Bourdieu (1958, 1977). Em segundo lugar, eles explicaram por meio de uma abordagem de feminismo transnacional (Grewal e Kaplan, 2006) como as participantes na subjugação sistemática usam os desportos tradicionais como um meio de libertação por meio da fenomenologia existencial (McMullin, 2019).

Qualitativo
Entrevista
semiestruturada

n = 16 atletas
muçulmanas

A análise destacou uma série de fatores que impactam a participação de mulheres muçulmanas que buscam se envolver em atividades desportivas de forma estruturada e competitiva. A religião emergiu como um tema universal nos cinco estudos analisados. O Islão, nesse contexto, representa um componente abrangente e integrado à vida das mulheres, englobando comportamentos, pensamentos e atitudes. Ele serve como um guia moral para a vida quotidiana e promove a saúde e o bem-estar, alinhando-se com a prática desportiva (Carr & Power, 2021; Cheng, 2019; Hussain & Cunningham, 2021).

É importante notar que, embora em alguns casos a religião não tenha uma influência significativa na decisão das mulheres de praticarem desporto como futebol e boxe (Carr & Power, 2021; Cheng, 2019; Hamzeh, 2015; Tjonndal & Hovden, 2020), o estudo com atletas paquistanesas revelou que a religião desempenha um papel fundamental na sua participação em atividades físicas, levando-as a escolher desportos tradicionais, como Kho-Kho e Kabaddi (Hussain & Cunningham, 2021). Para essas atletas paquistanesas, os desportos tradicionais representam um meio de emancipação, dadas as significativas barreiras socioculturais que impedem a participação em desportos modernos. As praticantes de Kho-Kho, em particular, enfatizam a sensação de segurança e conforto associada a esse desporto praticado predominantemente por mulheres, que também permite a adesão às crenças religiosas e mantém a separação de género, alinhando-se com os valores islâmicos.

Além da religião, a influência da família e do contexto geográfico também se mostrou relevante na participação dessas mulheres no desporto. As reações das famílias variaram amplamente, com algumas proibindo ou desencorajando

a prática desportiva (Cheng, 2019; Tjonndal & Hovden, 2020), e outras oferecendo apoio ativo e acompanhando as competições (Carr & Power, 2020; Cheng, 2019). Essa diversidade de reações familiares sugere que a oposição à participação feminina no desporto não está exclusivamente relacionada à religião islâmica, mas está atrelada a uma série de outros fatores, incluindo sexismo, crenças em estereótipos de género, preocupações com lesões e falta de conhecimento sobre o desporto. No que diz respeito ao contexto geográfico, o estudo com atletas paquistanesas revelou que as crenças sociais relacionadas à virgindade das mulheres e à integridade do hímen podem afetar as perspetivas de casamento, criando barreiras significativas para a participação em desportos, especialmente os ocidentais (Hussain & Cunningham, 2021).

O vestuário também se mostrou um fator crucial na decisão das mulheres muçulmanas de praticar desporto e na escolha de modalidades desportivas específicas. A falta de adaptação das regulamentações desportivas aos requisitos de vestuário dessas mulheres representou um dos principais obstáculos à participação (Tjonndal & Hovden, 2020). No contexto do futebol, por exemplo, as jogadoras muçulmanas tiveram que enfrentar desafios relacionados às regulamentações de entidades como a FIFA, relativamente ao uso do *hijab* (Carr & Power, 2020; Hamzeh, 2015). No entanto, as jogadoras muçulmanas enfatizaram que o uso do *hijab* não deve ser uma barreira à participação no desporto, defendendo a inclusão, independentemente da nacionalidade, religião ou vestuário. Elas também reconheceram a importância de se tornarem modelos para jovens que desejam praticar desporto enquanto usam o *hijab*. Por outro lado, em modalidades como o futebol australiano, as atletas muçulmanas tiveram menos dificuldades relativamente ao vestuário, uma vez que as regulamentações da AFL permitiam o uso de mangas compridas, leggings ou collants sob o uniforme padrão, bem como um *hijab* ajustado (Cheng, 2019).

Os artigos analisados também destacaram como essas atletas muçulmanas desafiaram os estereótipos de género ao participarem de desportos tradicionalmente considerados masculinos, como futebol, futebol australiano e boxe (Carr & Power, 2020; Cheng, 2019; Tjonndal & Hovden, 2020). Ao fazê-lo,

elas rejeitam a ideia de que esses desportos são exclusivamente para homens e realçam a sua força e capacidades, contrariando os pressupostos baseados no género sobre o desporto. No entanto, a falta de equipas de futebol adequadas para jovens mulheres, especialmente aquelas de origem muçulmana, permanece como um obstáculo significativo, com muitas delas expressando o desejo de jogar, mas encontrando dificuldades em encontrar equipas apropriadas (Carr & Power, 2020).

As experiências dessas atletas muçulmanas destacam o conceito de interseccionalidade, onde múltiplos aspetos da sua identidade, como género, religião e etnia, se entrelaçam para criar desafios únicos e multifacetados. Elas enfrentaram discriminação e marginalização em todos os estudos citados, predominantemente por homens, dentro de suas próprias famílias e comunidades e através das regulamentações desportivas. Esse status de minoria contribui para sentimentos de isolamento e exclusão. Consequentemente, essas atletas assumiram uma postura desafiadora relativamente às normativas preexistentes, buscando a sua integração em clubes e comunidades desportivas. Isso não apenas conferiu-lhes um senso de pertença, mas também estabeleceu tais ambientes como plataformas propícias para a expressão das suas identidades pessoais, incluindo dimensões culturais e religiosas (Carr & Power, 2020; Cheng, 2019; Hussain & Cunningham, 2021; Tjonndal & Hovden, 2020).

3.2.2 Participação das mulheres muçulmanas no desporto enquanto gestoras do desporto.

O tema da participação das mulheres muçulmanas no desporto enquanto gestoras do desporto foi objeto de apenas um estudo. Embora tenham sido realizados diversos estudos sobre as barreiras enfrentadas pelas mulheres muçulmanas na participação em atividades desportivas, é notável a lacuna na literatura que aborde as experiências vivenciadas por aquelas que atuam como gestoras do desporto. Este estudo, conduzido por Hussain et al. (2023) surge com o propósito de preencher essa importante lacuna, focando-se nas vivências de duas gestoras do desporto paquistanesas que, por sua vez, integram um

grupo vulnerável no contexto paquistanês. É relevante mencionar que essas gestoras do desporto foram as pioneiras na criação de uma liga de futebol feminino na região de Gilgit Baltistan, no Paquistão.

Os autores adotaram uma abordagem interseccional, reconhecendo a intersecção de múltiplos aspetos da identidade dessas mulheres, como género, religião e etnia, como ferramentas cruciais para uma compreensão aprofundada dos desafios enfrentados, tanto dentro quanto fora das suas comunidades. Este estudo, caracterizado por um método qualitativo, empregou uma perspetiva de análise centrada em narrativas co-construídas. Os resultados revelaram que as gestoras do desporto utilizam a liga de futebol como um veículo para desafiar o sistema patriarcal, os tabus sociais e empoderar as mulheres paquistanesas. O futebol emerge como um poderoso meio de capacitação, permitindo a essas mulheres romper com os tradicionais papéis de género. É importante notar que a comunidade Aga Khani desempenhou um papel crucial na socialização dessas gestoras e das jovens da comunidade relativamente ao desporto. Os espaços religiosos, como o Jamat-Khana, desempenham um papel fundamental na introdução das jovens no desporto e na promoção de um senso de identidade comunitária.

No entanto, as gestoras do desporto enfrentam desafios interdependentes enquanto promovem a liga de futebol. Tais desafios abrangem desde a resistência interna e externa dentro das suas comunidades até a desconfiança e a resistência relativamente às influências ocidentais. Não obstante essas barreiras, essas mulheres usam o futebol como uma ferramenta para proporcionar uma saída para as mulheres marginalizadas da região, bem como para desafiar as normas sociais e os estigmas associados às mulheres no desporto. O futebol se tornou uma iniciativa para combater questões complexas, como o suicídio entre jovens da região, tabus sociais, incluindo casamento na infância, medo do lesbianismo e preocupações relativamente à preservação do hímen.

As pressões exercidas pelas famílias e pela comunidade local também constituem obstáculos significativos para as gestoras. Elas observaram ao longo do tempo como algumas jovens comprometem as suas ambições desportivas

devido a pressões familiares e expectativas sociais, especialmente relacionadas aos papéis de gênero e ao vestuário ocidental. O uso de calções, por exemplo, é considerado inaceitável na sua sociedade, dificultando a sua participação. Além disso, a expansão da liga de futebol na comunidade com o apoio de patrocinadores externos enfrenta desafios devido à desconfiança, particularmente em relação ao ocidente. Líderes e membros da comunidade temem influências externas e a exploração da sua comunidade.

Este estudo enfatiza que o mundo muçulmano é diverso e as mulheres que vivem em países muçulmanos têm perspectivas variadas. Por exemplo, neste estudo, as gestoras do desporto não enfrentaram problemas significativos com o vestuário ocidental. Tais conclusões ressaltam a importância de adotar quadros teóricos, como o da interseccionalidade, que expliquem as complexas experiências vividas por mulheres muçulmanas no contexto dos sistemas normativos.

3.2.3 Participação das mulheres muçulmanas no desporto enquanto praticantes de atividade física.

O tema da participação das mulheres muçulmanas no desporto enquanto atletas foi objeto de 26 estudos (Tabela 3).

Tabela 3 - Participação das mulheres muçulmanas no desporto enquanto praticantes de atividades física.

Autor (Ano)	Enquadramento teórico/ Contexto literário	Métodos/ Instrumento	Participantes/ Tamanho da amostra
AbdulRazak et al. (2010)	Este estudo desenvolve os conceitos de mulheres muçulmanas no desporto, considerando que o Islão é símbolo de saúde e boa forma, além de um princípio. O objetivo é demonstrar a relação entre as jovens muçulmanas e o desporto. Diferentes nacionalidades, tradições culturais e étnicas criam uma variedade considerável na maneira como o Islão é praticado e interpretado.	Qualitativo Entrevista semiestruturada	n = 15 jovens árabes muçulmanas
Agergaard (2016)	Este estudo empregou um modelo analítico de Walseth e Strandbu (2014) e o modelo teórico sobre a fé incorporada (Benn et al. 2011) para abranger a variedade de maneiras pelas quais os informantes combinaram a sua cultura religiosa com a participação em desporto e atividades físicas.	Qualitativo Entrevista Observação exploratória	n = 10 jovens muçulmanas; 5 técnicos e dirigentes de clubes de futebol

Ahmad et al. (2020)	Este artigo baseou-se em pesquisas anteriores, explorando os conhecimentos e as experiências das mulheres muçulmanas e dos gestores do desporto em Aotearoa, Nova Zelândia. Ele explora as interseções entre as experiências desportivas das mulheres muçulmanas e as percepções daqueles que trabalham em várias organizações desportivas em Aotearoa, Nova Zelândia.	Qualitativo Entrevista Discussão em grupo focal	n = 38 mulheres muçulmanas; Gestores desportivo: ♀ = 10 / ♂ = 4
Ahmad e Thorpe (2020)	Este artigo estende o conceito de invasores de espaço de Puwar (2004) em diálogo com os invasores de espaço digital de Leurs (2016) para explorar as práticas e políticas digitais das atletas muçulmanas. Para entender e contestar os discursos problemáticos que envolvem as mulheres muçulmanas, este estudo adotou uma abordagem feminista para a etnografia digital.	Qualitativo/ Etnografia digital Análise de perfil de mídia social Entrevista semiestruturada	n = 50 perfis de mídia social (Facebook, Instagram, Snapchat e Twitter); 20 atletas muçulmanas
Alamri (2015)	O estudo empregou a teoria racial crítica (TRC), usando a investigação narrativa por meio de entrevistas e métodos de estudo de caso e teorias de identidade social como estrutura analítica. De acordo com Reynolds, Rizvi e Dolby (2009), a TRC pode ser empregue para entender a nova forma de racismo que surgiu após o 11 de setembro, que se refere principalmente à discriminação baseada em religião.	Qualitativo Entrevista semiestruturada Grupo focal	n = 11 estudantes muçulmanas; 4 professoras responsáveis por atividades desportivas nas escolas
Arar e Rigbi (2009)	É amplamente divulgado que a educação física (EF) é menos popular entre as meninas do que entre os meninos. Às vezes, isso é explicado com referência às mudanças físicas relacionadas à puberdade associadas à crescente consciencialização dos estereótipos de gênero. Quando se trata de sociedades conservadoras relativamente ao papel da mulher, como a sociedade árabe-israelense muçulmana, surge um quadro mais complicado quanto à participação das meninas nas aulas de educação física. Este estudo tenta compreender se a influência de fatores socioculturais cria diferenças de gênero nas atitudes relativamente à educação física no caso estudado.	Misto Entrevista semiestruturada Questionários	Entrevista ♀ = 8 ♂ = 8 Questionários ♀ = 110 ♂ = 72
Dagkas e Benn (2006)	À medida que o mundo enfrenta um desafio crescente relativamente à crescente islamofobia alimentada pela mídia no Ocidente e a um discurso latente de “polarização de civilizações” entre o Islão e o Ocidente, é importante examinar as experiências de grupos semelhantes em diferentes comunidades da diáspora (Allen & Nielsen, 2002; Richardson, 2004). A justificativa e o valor dos estudos comparativos são “para obter maior consciencialização e uma compreensão mais profunda da realidade social em diferentes contextos nacionais” (Hantrais, 1995, p. 2). Este estudo utiliza estudos comparativos para explorar semelhanças e diferenças em experiências transnacionais.	Qualitativo Entrevista semiestruturada	n = 44 mulheres muçulmanas
Dagkas et al. (2011)	Este estudo adota uma abordagem de pedagogia crítica para identificar questões situacionais que atuam como barreiras para a inclusão de meninas muçulmanas na educação física e no desporto escolar. Isso é importante porque evita uma abordagem que usa um modelo preconceituoso relativamente às meninas muçulmanas e, em vez disso, desafia os sistemas educacionais que não oferecem ambientes de aprendizagem adequados para a participação (Macdonald et al., 2009). Aqui, as vozes dos diretores, professores e alunos são fundamentais no processo de identificação de desafios e sucessos em situações reais.	Misto Entrevista aprofundada Questionários	Entrevista n = 19 diretores e professores, 109 jovens e 32 pais. Questionários n = 50

Hamzeh e Oliver (2012)	O modelo teórico se baseia em abordagens feministas críticas pós-coloniais que questionam a tendência de racionalizar e culturalizar os muçulmanos em contextos transnacionais e diaspóricos. Autores também se inspiraram em críticos educacionais que abordaram desafios enfrentados por alunos marginalizados em escolas americanas, bem como em académicas feministas pós-estruturais que desconstruíram discursos normativos. Além disso, o modelo incorpora perspectivas de académicas feministas árabes muçulmanas que destacaram questões de género na vida de mulheres muçulmanas e promoveram a exposição e interrupção dessas questões. O trabalho de teóricas feministas comprometidas com a justiça social também desempenhou um papel fundamental na metodologia do projeto, incentivando a consideração de diversos métodos ao trabalhar com jovens muçulmanas.	Misto Questionários Fotos digitais Registos em diários particulares Gravações de conversas informais	n = 4 meninas muçulmanas
Hussain et al. (2021)	Para entender os motivos e as experiências vividas pelas participantes, os autores empregaram a teoria de Usos e Gratificação (U&G) (Blumler, 1979; Lazarsfeld, 1940). A premissa central da teoria U&G é que as pessoas usam diferentes plataformas de mídia para satisfazer as suas diferentes necessidades psicológicas (Blumler, 1979).	Qualitativo Entrevista aprofundada Observação de participantes	n = 9 mulheres muçulmanas
Jiwani e Rail (2010)	Os autores optaram por trabalhar dentro de uma perspectiva pós-estruturalista e pós-colonial feminista (Bhabha, 1994; Brah, 1996; Foucault, 1972, 1977; Rail, 2002; Said, 1978; Spivak, 1988; Weedon, 1987, 1999). A orientação pós-estruturalista feminista forneceu os conceitos para entender como as relações de poder de género são reproduzidas e contestadas (Weedon, 1987).	Qualitativo Entrevista	n = 10 mulheres pertencentes à comunidade muçulmana xiita
Knez et al. (2012)	Os resultados apresentados foram situados em uma estrutura interpretativa (Macdonald et. al, 2002). Os autores estavam particularmente interessados em saber como era a atividade física na vida das 11 participantes. Foi por meio das perspectivas das participantes que eles apresentaram uma história alternativa de participação em atividade física que pode “responder” a algumas das crenças populares sobre o que as mulheres muçulmanas podem ou não “fazer” e compartilhar as “vozes” das jovens (Iisahunter, 2009).	Qualitativo Entrevista semiestruturada	n = 11 jovens muçulmanas
Laar et al. (2022)	Este estudo descreveu as crenças religiosas das mulheres paquistanesas, concentrando-se no fato de que a suas crenças inibem a sua participação em atividades físicas (AFs). Ele faz isso por meio da lente teórica do feminismo no desporto.	Quantitativo <i>Santa Clara Strength of Religious Faith Questionnaire (SCSRFQ)</i>	n = 357 mulheres muçulmanas sunitas
Lenneis et al. (2022)	Este estudo baseou-se no feminismo transnacional, descrito como uma abordagem teórica que visa “reorientar a forma como os encontros das mulheres muçulmanas com o desporto são conceituados para explicar as dimensões inter-relacionadas de poder, conhecimento e solidariedade relativamente aos fluxos globais que moldam as várias identidades e encontros das mulheres muçulmanas com o desporto” (Toffoletti e Palmer 2017, 152–53). O feminismo transnacional acusa os feminismos ocidentais de homogeneizar as mulheres não ocidentais como vítimas passivas e rejeita ideias de uma “irmandade global”.	Qualitativo Entrevista semiestruturada Observação de participantes	n = 14 mulheres muçulmanas e 2 dirigentes de clubes
Lenneis e Pfister (2017)	Este estudo baseou-se em abordagens teóricas, incluindo teorias de socialização e os conceitos de habitus e gostos de Bourdieu (1984).	Qualitativo Entrevista semiestruturada	n = 26 mulheres muçulmanas

Miles e Benn (2016)	Para explorar completamente as “experiências vividas” das mulheres muçulmanas na atividade física, os autores basearam-se no modelo de Bourdieu (1984) de “habitus”, “gosto” e conceito de “corpo”.	Misto Entrevista aprofundada Questionários	Entrevista n = 6 estudantes muçulmanas Questionários n = 34
Palmer (2009)	Este estudo baseou-se no contexto de que “os corpos das mulheres muçulmanas no desporto são vivenciados e mediados por diferentes interpretações ideológicas do Islão [e] dentro dos arranjos políticos particulares de países específicos” (Hargreaves, 2007). Também foi considerado que, para as mulheres muçulmanas, a sua experiência no desporto envolve uma série de decisões e declarações sobre os seus corpos que são pessoais e políticos ao mesmo tempo. O estudo se preocupa principalmente com as maneiras pelas quais essas jovens refugiadas articulam as suas identidades sociais por meio das tradições do Islão e dos recursos da cultura popular ocidental.	Qualitativo Entrevista Observação de campo	n = 13 jogadoras de futebol muçulmanas
Rana (2022)	O pressuposto geral, nos Países Baixos e na Europa Ocidental de forma mais ampla, é que o desporto feminino é uma forma de empoderamento secular e feminista; a participação das mulheres muçulmanas exemplifica, portanto, a incongruência do Islão com o Estado-nação moderno e secular. Contestando esse ponto de vista, Rana mostrou que as jovens muçulmanas que praticam kickboxing estabeleceram um “eu” ativo ao desafiar as normas de género, as expectativas e viver as suas subjetividades religiosas. Além disso, elas romperam com os parâmetros europeus ocidentais de secularidade e religiosidade. Elas abordam o seu desporto, não como uma busca de integração cultural ou emancipação das suas comunidades muçulmanas, mas como uma forma de entrelaçar formas religiosas e seculares de autoaperfeiçoamento.	Qualitativo/ Estudo etnográfico Entrevista Observação de campo	n = 7 mulheres muçulmanas
Samie (2013)	Este estudo se baseia no pensamento feminista pós-colonial para ir além das representações dicotômicas acrílicas que têm sistematicamente negado às diversas mulheres muçulmanas desportistas uma identidade ou presença corporal fora da identidade discursiva do véu.	Qualitativo/ Estudo etnográfico Entrevista Observação de campo	n = 15 mulheres britânicas muçulmanas
Soltani (2021)	A interseccionalidade é um conceito contestado que chama a atenção para o modo como as categorias socialmente construídas se cruzam e “criam diferenças sociais” (Nayel, 2017, p. 80). A autora baseou-se na teorização da interseccionalidade de Valentine et al. (2009) como uma lente para explorar como a identidade religiosa, entre as outras identidades sociais das mulheres muçulmanas, se cruza com relações mais amplas de poder, como normas de género e discursos sobre diversidade.	Qualitativo Entrevista semiestruturada Análise de conteúdo online	n = 20 mulheres muçulmanas
Summers et al. (2018)	Presume-se que as mulheres muçulmanas não estejam interessadas ou sejam impedidas de praticar exercícios e atividades físicas devido a suas práticas religiosas (Hamzeh e Oliver, 2012; Zaman, 1997; Walseth, 2006; Maxwell e Taylor, 2010). O material de Walseth (2006) sobre o trabalho de identidade forneceu uma estrutura sólida para entender como a religiosidade pode afetar as motivações das mulheres muçulmanas para se exercitarem.	Qualitativo Entrevista Grupo focal	n = 27 mulheres muçulmanas

Thorpe et al. (2022)	Este artigo está localizado na interseção de três importantes corpos de literatura: pesquisa sobre a participação de mulheres muçulmanas no desporto e na atividade física, geografias desportivas e geografias muçulmanas. Trabalhando na interseção dos estudos feministas sobre desporto e lazer e geografias muçulmanas, e particularmente envolvendo o conceito dos três <i>hijabs</i> (Hamzeh 2011; Mernissi 1991), os autores procuraram revelar a islamofobia de género como “um processo que ocorre em diferentes escalas” (Najib e Teeple Hopkins 2020, 449) no desporto: campos de jogo, instalações internas, política organizacional, discurso, corpos em movimento e emoção.	Qualitativo Entrevista Grupo focal	n = 38 mulheres muçulmanas
Walseth (2006)	De acordo com Cohen, a autora tentou entender o sentimento subjetivo de integração do indivíduo “tentando captar algum sentido das suas experiências e o significado que atribuem a elas” (Cohen, 1985: 38). Com base em pesquisas anteriores e no debate atual sobre se o desporto pode ser usado como meio de integração de jovens de minorias, Walseth tentou responder se a participação no desporto cria sentimentos de integração e quais são as razões para o desenvolvimento desse sentimento.	Qualitativo História de vida	n = 21 mulheres muçulmanas
Walseth (2006)	O conceito de “trabalho de identidade” foi usado para enfatizar o aspeto dinâmico da construção da identidade. O conceito de identidade usado neste estudo baseia-se em uma compreensão de identidade que não é essencialista, mas dinâmica, contextualizada e construída por meio da diferença. Isso implica o reconhecimento de que é somente por meio da relação com o Outro, a relação com o que não é, que a identidade pode ser construída (Hall, 2000).	Qualitativo História de vida	n = 21 mulheres muçulmanas
Walseth (2015)	O trabalho está posicionado na terceira onda do feminismo e, como tal, pretende ser sensível a questões de diversidade cultural e religiosa. A terceira onda feminista é geralmente vista como a geração que liderou a rejeição generalizada do essencialismo, minando o tipo de identidade de género fixa na qual as duas primeiras se baseavam (Spencer, 2007). Em termos de identidade, a terceira onda prefere a contradição, a multiplicidade e a diferença. Este documento também ampliou a análise das questões de género para a interseção de género, etnia e religião.	Qualitativo História de vida	n = 21 mulheres muçulmanas
Walseth e Fasting (2003)	O objetivo era criar uma compreensão do significado que o Islão tem para a participação desportiva das mulheres egípcias, organizando os dados em categorias. As explicações e a discussão dos resultados do estudo são de carácter ideográfico. O estudo não teve, portanto, o objetivo de explicar o significado do Islão para a participação desportiva das mulheres muçulmanas em geral, porque se centrou num caso/lugar específico.	Qualitativo Entrevista Observação de campo	n = 27 mulheres muçulmanas

A análise dos estudos apresentados na tabela 3 enfatiza a diversidade das vivências das mulheres muçulmanas e como isso influencia a participação desportiva. A maioria das mulheres muçulmanas entrevistadas demonstrou uma atitude positiva relativamente ao desporto, influenciada por interesses pessoais e crenças religiosas (Abdul Razak et al., 2010; Jiwani & Rail, 2010; Lenneis et al., 2022; Samie, 2013; Summers et al., 2018; Walseth & Fasting, 2003). O Islão,

em geral, promove um estilo de vida saudável e incentiva a atividade física para ambos os sexos. Embora tenham uma atitude positiva relativamente ao desporto, elas enfrentam barreiras culturais e étnicas que limitam a sua participação ativa, incluindo normas sociais e de género, vestimenta (uso do *hijab*), interpretações erróneas da religião e pressões familiares (Abdul Razak et al., 2010; Agergaard, 2016; Alamri, 2015; Lenneis & Pfister, 2017; Soltani, 2021). As barreiras à participação muitas vezes também estão relacionadas a interpretações culturais da religião, que variam entre comunidades, famílias e contextos geográficos (Agergaard, 2016; Laar et al., 2022; Lenneis & Pfister, 2017; Miles & Benn, 2016). As mulheres muçulmanas frequentemente não se sentem adequadamente apoiadas ou compreendidas em relação à sua participação em atividades desportivas, e uma das principais barreiras identificadas é a falta de acesso a espaços seguros e inclusivos onde as suas identidades culturais, étnicas e religiosas são respeitadas (Ahmad et al., 2020; Alamri, 2015; Dagkas et al., 2011).

No que diz respeito à promoção do desporto, especialmente para as jovens da diáspora que residem em países não muçulmanos, dois atores desempenham um papel fundamental nesse processo: os pais e as escolas. Os pais desempenham uma função crucial como facilitadores ou obstáculos na participação das jovens muçulmanas em atividades físicas. As suas crenças religiosas e culturais podem criar desafios, como durante o Ramadão ou em atividades que envolvem contacto físico com o sexo masculino (Arar & Rigbi, 2009; Dagkas et al., 2011; Hamzeh & Oliver, 2012; Knez et al., 2012). As escolas também desempenham um papel importante na promoção da participação das jovens muçulmanas no desporto, mas podem enfrentar desafios relacionados ao desconhecimento das necessidades religiosas e de género. Estudos realizados na Austrália (Alamri, 2015), Reino Unido (Dagkas & Benn, 2006; Dagkas et al., 2011) e Noruega (Walseth, 2015) ilustraram essa relação entre os pais, a religião e as escolas, e como isso influencia a prática desportiva das jovens. As estudantes muçulmanas destacam que as atividades mistas e os códigos de vestuário desportivo não atendem às suas necessidades islâmicas nas atividades desportivas escolares. Apesar das escolas oferecerem oportunidades

para participação em atividades desportivas, as alunas muçulmanas alegam que a estrutura dessas atividades não promove plenamente o seu envolvimento, por vezes, até o inibe. Outro fator que influencia a participação das estudantes muçulmanas nas atividades desportivas escolares é a falta de compreensão das escolas e professores em relação às suas necessidades islâmicas. Elas mencionam casos em que professores as pressionaram a praticar atividades intensas durante o Ramadão, enquanto estavam em jejum. Além disso, os professores observaram que fatores como classe económica, nível de educação, estilo de vida e cultura das famílias têm um impacto decisivo. Famílias economicamente desfavorecidas tendem a desencorajar a participação, enquanto pais instruídos ou com interesse em desporto tendem a incentivá-la. É importante notar que, ao analisar as narrativas das alunas muçulmanas, fica claro que o que os professores chamam “cultura” é referido pelas estudantes como “ensino islâmico”.

O desporto é uma ferramenta empoderadora para mulheres muçulmanas, permitindo-lhes desafiar estereótipos de género e expressar a sua identidade autêntica, muitas vezes enfrentando normas culturais dominantes (Thorpe et al., 2022). Esse processo de autodefinição é ampliado pela influência das mídias sociais e do mundo dos esportes. Um exemplo notável desse fenómeno é o estudo de Rana (2022) que revelou como mulheres muçulmanas nos Países Baixos adotam o kickboxing como uma forma de redefinir as suas identidades de género, conectando-as com a sua etnia e religião. Para essas mulheres, o kickboxing representa um caminho para construir identidade e pertencimento, desafiando as normas ocidentais de secularismo e religiosidade num contexto culturalmente restritivo. Embora muitas vezes incompreendidas pelo público, essas mulheres abraçam a prática desportiva como uma maneira de unir o seu crescimento pessoal, religioso e secular, sem necessariamente buscar a integração cultural ou emancipação das comunidades muçulmanas. Além disso, o avanço tecnológico ofereceu às mulheres muçulmanas uma plataforma para reivindicar o controle sobre as suas representações e narrativas individuais, como evidenciado pelo estudo de Ahmad and Thorpe (2020). As redes sociais, em particular, desempenham um papel crucial ao proporcionar a oportunidade

de serem notadas, uma vez que a mídia tradicional muitas vezes negligencia, estereotipa e sub-representa essas vozes femininas. Para essas mulheres, a mídia social é um espaço valioso onde podem compartilhar aspectos das vidas cotidianas, resistindo aos estereótipos e desafiando as diversas normas sociais e culturais presentes na sociedade. No mundo dos esportes, como destacado por Hussain et al. (2021), mulheres muçulmanas paquistanesas encontraram nos esportes uma plataforma para expressar a sua identidade e escapar da influência da cultura coletivista e das normas sociais. Essa escolha é motivada por diversos fatores sociais e psicológicos, tornando os esportes uma forma de emancipação e liberdade para essas mulheres.

O desporto pode ser uma poderosa ferramenta para as mulheres muçulmanas, permitindo-lhes conectar-se à comunidade criada em torno da modalidade praticada e construir o seu próprio ambiente seguro, afastado da discriminação e do racismo. Além disso, essa prática desportiva também pode desempenhar um papel importante no fortalecimento do sentimento de pertença em jovens de grupos minoritários. Palmer (2009) e (Walseth, 2006a) mostraram que jovens muçulmanas construíram uma forte ligação através do desporto, onde a participação em desportos coletivos as aproximou de comunidades tradicionais, ao mesmo tempo, em que atividades expressivas e individualizadas também geraram esse sentimento de conexão. Para algumas delas, o desporto funcionou como um “refúgio”, mas é importante observar que nem todas sentiram essa mesma ligação. A equipa de futebol, em particular, se tornou um espaço único para explorar a identidade das jovens refugiadas na contemporânea Austrália. Refugiadas num novo país, elas frequentemente se sentem “fora do lugar”, enfrentando deslocamento geográfico e desajuste cultural entre as tradições islâmicas e a cultura local. As suas identidades sociais e desportivas são moldadas pelas relações com colegas, pais e a comunidade, refletindo uma notável fluidez e capacidade de adaptação às mudanças nas esferas política, social e cultural.

4. Discussão

Nos últimos anos, observamos um crescente interesse acadêmico nas experiências das mulheres muçulmanas envolvidas no contexto desportivo (Agergaard, 2016; Ahmad et al., 2020; Benn, Dagkas, et al., 2011; Hussain et al., 2023; Pfister, 2010; Walseth & Fasting, 2003). Um conjunto substancial de estudos delineia que essas vivências estão profundamente enraizadas numa interseção complexa de fatores, que incluem religião, cultura, gênero e contextos sociopolíticos. Segundo Ahmad et al. (2020), as mulheres muçulmanas raramente têm a oportunidade de liderar ou contribuir para discussões que, em última análise, afetam seu envolvimento no desporto e atividades físicas. O objetivo desse estudo foi mapear as experiências dessas mulheres e compreender como esses fatores impactam a participação delas no desporto.

É importante ressaltar que a religião em si geralmente não se configura como uma barreira à participação desportiva para as mulheres muçulmanas (Carr & Power, 2020; Cheng, 2019; Tjonndal & Hovden, 2020). Na verdade, muitas delas encaram o Islão como uma fonte de apoio para a adoção de um estilo de vida saudável e ativo (Walseth & Fasting, 2003). As suas crenças religiosas frequentemente promovem a importância do cuidado com o corpo e da atividade física como componentes integrantes de uma vida equilibrada. Entretanto, é válido salientar que essa relação positiva com o desporto pode ser desafiada por interpretações restritivas da religião, um dos principais obstáculos enfrentados por essas mulheres. Essa diversidade nas interpretações do Islão, que varia entre comunidades, famílias e contextos geográficos, acrescenta uma camada de complexidade à experiência das mulheres muçulmanas no desporto (Benn, Pfister, et al., 2011; Pfister, 2010).

No decorrer de diversos estudos, emergiram as barreiras culturais e étnicas como obstáculos significativos para a participação ativa das mulheres muçulmanas no âmbito desportivo (Hamzeh & Oliver, 2012; Sfeir, 1985). Normas sociais, vestimentas como o *hijab*, interpretações errôneas da religião e pressões familiares são todos fatores que podem inibir o envolvimento desportivo dessas mulheres. Enquanto algumas encontram apoio nas suas comunidades para praticar desportos tradicionais (Hussain & Cunningham, 2021), outras enfrentam

resistência devido a normas culturais e religiosas mais rígidas. Além disso, a falta de compreensão cultural por parte de treinadores, instrutores e instituições desportivas pode limitar ainda mais as oportunidades para essas mulheres, enfatizando, assim, a complexidade das suas realidades e a variabilidade de experiências (Thorpe et al., 2022).

Por outro lado, os estudos também revelam que as mulheres muçulmanas ativamente buscam soluções para superar essas barreiras. As mídias sociais emergiram como uma plataforma poderosa, permitindo que essas mulheres expressem as suas identidades, desafiem estereótipos e narrativas negativas, além de construírem uma comunidade de apoio (Ahmad & Thorpe, 2020). Essas plataformas proporcionam-lhes a capacidade de reivindicar o controle sobre as suas próprias representações e narrativas individuais, algo que é frequentemente negligenciado pela mídia tradicional.

A influência da família também desempenha um papel relevante. Algumas famílias oferecem apoio ativo às mulheres que desejam praticar desporto, enquanto outras podem desencorajar ou proibir essa participação. As pressões familiares muitas vezes estão relacionadas a preocupações sobre a integridade cultural e religiosa das mulheres (Kay, 2006). Essas pressões podem ser agravadas pelo contexto geográfico, onde normas sociais específicas podem afetar as perspetivas de casamento (Hussain et al., 2023). O vestuário também se configura como uma barreira significativa que influencia a participação das mulheres muçulmanas no desporto. Os regulamentos desportivos frequentemente não são adaptados para atender aos requisitos de vestuário das mulheres, como o uso do *hijab*, o que pode limitar severamente as suas opções desportivas (Benn & Dagkas, 2013; Hamzeh, 2015; Pfister, 2010). No entanto, é importante enfatizar que muitas atletas muçulmanas estão atualmente lutando pela inclusão, defendendo a ideia de que o uso do *hijab* não deve ser uma barreira à participação no desporto (Hamzeh, 2015; Jiwani & Rail, 2010). Além disso, muitas mulheres muçulmanas desafiam estereótipos de género ao se envolverem em desportos tradicionalmente considerados masculinos, demonstrando uma determinação em quebrar as barreiras de género e se envolver em atividades do seu interesse (Rana, 2022; Samie, 2013; Tjonndal &

Hovden, 2020). No entanto, a falta de equipas femininas e instalações apropriadas para mulheres muçulmanas, permanece como um obstáculo significativo a ser superado.

A compreensão do conceito de interseccionalidade é fundamental para apreender as complexas experiências das mulheres muçulmanas no desporto. Vários aspetos das suas identidades, incluindo género, religião e etnia, entrelaçam-se para criar desafios únicos e multifacetados (Soltani, 2021; Tjonndal & Hovden, 2020). Isso ressalta a importância de adotar quadros teóricos, como o da interseccionalidade, para uma compreensão mais abrangente dessas experiências. Relativamente às mulheres muçulmanas que atuam como gestoras do desporto, embora haja uma lacuna de pesquisa significativa nessa área, os resultados de um estudo indicam que essas mulheres enfrentam desafios semelhantes em termos de resistência interna e externa, normas culturais e religiosas e pressões familiares (Hussain et al., 2023). No entanto, elas utilizam o desporto como uma ferramenta de empoderamento, desafiando o sistema patriarcal e promovendo a igualdade de género nas suas comunidades.

Com a intensificação da globalização, o aumento das comunidades diaspóricas e a crescente politização do Islão, as questões relacionadas à inclusão de mulheres muçulmanas no contexto desportivo tornaram-se pertinentes tanto em países de maioria muçulmana quanto em países não muçulmanos (Benn & Dagkas, 2013). Para avançar na discussão e promover a inclusão efetiva, é imperativo envolver uma variedade de partes interessadas. Isso inclui não apenas as próprias atletas muçulmanas, mas também políticos, formuladores de políticas desportivas, empresários do setor desportivo e provedores de instalações desportivas e oportunidades em todos os níveis (Ahmad et al., 2020; Benn & Dagkas, 2013). Essas partes interessadas desempenham um papel vital na definição de políticas, na criação de oportunidades e no estabelecimento de um ambiente inclusivo para as mulheres muçulmanas no desporto.

É crucial reconhecer que podem surgir pontos de conflito nesse processo. Diferentes perspetivas culturais, religiosas e políticas podem colidir, criando

desafios para a inclusão. As partes envolvidas precisam encontrar maneiras de conciliar diferenças e criar políticas desportivas que respeitem as necessidades e os direitos das mulheres muçulmanas, ao mesmo tempo, em que promovem os princípios da igualdade e da inclusão. É importante observar que a responsabilidade pela formulação de políticas desportivas muitas vezes recai sobre países ocidentais secularizados, o que pode explicar, em parte, a falta de atenção dada às questões religiosas e às necessidades das atletas muçulmanas no passado (Benn & Dagkas, 2013). No entanto, à medida que a diversidade cultural e religiosa se torna mais evidente no desporto global, há uma crescente necessidade de considerar e abordar essas questões de forma mais abrangente e sensível.

Por fim, a autora deste estudo concorda com Ahmad et al. (2020) quanto à importância do apoio às mulheres muçulmanas para ocupar cargos de liderança no âmbito desportivo. Como observado por Maxwell and Taylor (2010), essa medida não apenas proporcionaria modelos significativos para outros membros da comunidade, mas também enriqueceria a compreensão cultural nas organizações desportivas. Ahmad et al. (2020, p. 650) vai além e argumenta que, embora “alguns possam alegar que é “muito difícil” encontrar mulheres dispostas e ansiosas para buscar tais oportunidades, os estudos revelam que as mulheres muçulmanas estão ativamente buscando e perseguindo oportunidades no campo do desporto e da atividade física, em níveis locais, regionais e nacionais. Essas mulheres demonstram uma profunda paixão pelo potencial transformador do desporto e da atividade física, não apenas nas suas próprias vidas, mas também nas vidas de outras pessoas. Possuem uma rica compreensão das alegrias, desafios e barreiras enfrentadas pelas mulheres muçulmanas nesse contexto. São essas vozes autênticas e experientes que os líderes desportivos e formuladores de políticas devem ouvir com atenção, especialmente se estiverem comprometidos em efetivamente implementar políticas de diversidade e inclusão.” Através do reconhecimento e valorização dessas vozes, pode-se verdadeiramente avançar em direção a uma maior representatividade e igualdade no mundo do desporto.

5. Conclusão

A reflexão profunda sobre as experiências das mulheres muçulmanas no cenário desportivo revela uma complexidade que transcende generalizações simplistas, frequentemente observadas no contexto ocidental. Em resposta às questões delineadas neste estudo, as mulheres inserem-se no desporto como atletas, gestoras do desporto e praticantes de atividades físicas. As suas experiências relativamente à participação no desporto são intrincadamente moldadas pela interseção de fatores que abrangem religião, cultura, género e contextos sociopolíticos. As perceções e experiências das atividades desportivas variam entre diferentes grupos muçulmanos, destacando nuances culturais e religiosas. Algumas mulheres encontram no desporto um meio de expressão, empoderamento e realização, enquanto outras podem enfrentar desafios específicos devido a normas culturais ou falta de compreensão sobre as suas necessidades particulares. Os obstáculos enfrentados pelas mulheres muçulmanas ao buscar acesso ao mundo do desporto podem incluir barreiras culturais, religiosas e sociais, tais como perceções negativas, falta de representação e compreensão insuficiente das suas necessidades específicas, como uniformes e regras que respeitem a sua fé.

Este estudo é uma chamada à comunidade académica e também um apelo à ação para os gestores do desporto. É imperativo que avancemos além da simples documentação das experiências das atletas muçulmanas e concentremos os nossos esforços na melhoria efetiva da participação desportiva dessas mulheres. Isso requer uma mudança de perspetiva da gestão do desporto, buscando entender e responder às necessidades específicas das mulheres muçulmanas. Uma área crucial de investigação futura é a perceção divergente das atividades desportivas entre os diferentes grupos muçulmanos. Compreender como os vários grupos do mundo muçulmano consomem e percebem o desporto pode enriquecer a nossa compreensão das nuances culturais e religiosas envolvidas na participação desportiva. A adaptação das regras desportivas e dos uniformes para atender às necessidades islâmicas, conforme demonstrado em alguns estudos, pode desempenhar um papel

significativo na promoção da participação das mulheres muçulmanas no desporto. Isso ressalta a importância de ajustes sensíveis que permitem que essas mulheres pratiquem desporto mantendo a sua fé.

Por fim, é fundamental que os gestores do desporto atuem como agentes transformadores, promovendo a inclusão efetiva das mulheres muçulmanas no cenário desportivo. Reconhecendo o desporto como uma plataforma inclusiva de valor inestimável, é essencial examinar como as políticas e práticas implementadas podem fomentar a acessibilidade e a aceitação das mulheres muçulmanas no mundo desportivo. Ao fazê-lo, podemos não apenas ampliar as oportunidades para essas mulheres, mas também enriquecer a diversidade e a inclusão no desporto, criando um ambiente mais equitativo e representativo para todos. Portanto, a gestão do desporto desempenha um papel vital na construção de um futuro mais inclusivo e igualitário no mundo do desporto, onde todas as vozes e identidades são valorizadas e respeitadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão da participação das mulheres muçulmanas no desporto é fundamental, visto que promove a inclusão e a diversidade nesse cenário. Este estudo se propôs a analisar essa complexa questão, com base numa análise de 32 estudos empíricos, destacando a necessidade de dar voz às mulheres muçulmanas e investigar as suas experiências para obter uma visão abrangente e precisa da realidade desportiva sob a perspectiva delas. Ao longo da pesquisa, analisamos a percepção das mulheres muçulmanas relativamente à sua participação no desporto, revelando um retrato fascinante dessas mulheres, que não se limitam a atletas, gestoras do desporto e praticantes de atividades físicas, mas também são agentes de mudança que desafiam estereótipos e reivindicam o direito de competir sem renunciar a sua fé.

Contudo, é lamentável que essas vozes muitas vezes sejam silenciadas devido à opressão de regimes, políticas discriminatórias e estereótipos preconceituosos. Reconhecer a disparidade entre a determinação e as aspirações dessas mulheres e a falta de representação e apoio que recebem se revela essencial. É evidente que as barreiras à participação no desporto são multifacetadas, moldadas por contextos culturais, interpretações religiosas e desafios de género específicos. Este estudo destaca como o Ocidente frequentemente simplifica e estereotipa a experiência das mulheres muçulmanas, o que também se reflete no mundo desportivo. Portanto, compreender profundamente essas experiências, é crucial para uma inclusão autêntica no desporto.

Os gestores e administradores do desporto desempenham um papel vital na promoção dessa inclusão, exigindo a implementação de políticas e iniciativas que respeitem as necessidades e preferências das mulheres muçulmanas. Além disso, a promoção da diversidade em cargos de liderança pode reformular a governança desportiva, tornando-a mais representativa e inclusiva. O empoderamento das mulheres muçulmanas no desporto depende da disponibilização de recursos, oportunidades e redes de apoio adequados, e as comunidades locais e as organizações desportivas têm um papel significativo a desempenhar na criação de um ambiente propício ao sucesso das mulheres muçulmanas no desporto.

À medida que avançamos, é imprescindível reconhecer a relevância de dar voz a essas mulheres e ouvir as suas visões singulares. Elas têm muito a contribuir para o mundo do desporto e a sociedade em geral. Portanto, como pesquisadores, gestores do desporto e membros da sociedade, devemos garantir que a suas vozes sejam ouvidas e respeitadas. Essa dissertação enfatiza a importância deste estudo como um passo fundamental em direção a uma compreensão mais profunda das complexidades da participação das mulheres muçulmanas no desporto. Além disso, destaca a necessidade contínua de pesquisa académica nessa área para monitorar o progresso, identificar desafios emergentes e informar mudanças de políticas. A promoção da inclusão no desporto é uma aspiração universal que transcende fronteiras religiosas e culturais, enriquecendo o cenário desportivo global por meio da diversidade e refletindo a verdadeira essência do desporto como uma linguagem universal que une pessoas de todas as origens.

Por fim, este estudo sublinha a importância de compreender as experiências das mulheres muçulmanas no desporto, reconhecendo a diversidade no Islão e os desafios específicos que enfrentam. É imperativo que as nossas perceções ocidentais estejam alinhadas com a realidade, e que os gestores do desporto adotem medidas proativas para promover uma inclusão genuína. Esta pesquisa reforça a importância de abordar fatores culturais, religiosos e de género para empoderar as mulheres muçulmanas no desporto, contribuindo assim para uma comunidade desportiva global mais diversa, inclusiva e respeitosa.

Bibliografia

- Abdul Razak, M. T., Sofian, M., Fauzee, O., & Abd-Latif, R. (2010). The perspective of Arabic Muslim women toward sport participation [Article]. *Journal of Asia Pacific Studies*, 1(2), 364-377. <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,shib&db=a9h&AN=51003312&lang=pt-pt&site=eds-live&scope=site>
- Adely, H. (2017). *First hijab-wearing barbie based on olympian Ibtihaj Muhammad*. Retrieved 11/09/2023 from <https://eu.usatoday.com/story/life/nation-now/2017/11/14/first-hijab-wearing-barbie-based-olympian-ibtihaj-muhammad/861272001/>
- Agergaard, S. (2016). Religious culture as a barrier? A counter-narrative of Danish Muslim girls' participation in sports [Article]. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 8(2), 213-224. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2015.1121914>
- Ahmad, A. (2011). British football: where are the Muslim female footballers? Exploring the connections between gender, ethnicity and Islam. *Soccer & Society*, 12(3), 443-456.
- Ahmad, N., & Thorpe, H. (2020). Muslim sportswomen as digital space invaders: Hashtag politics and everyday visibilities. *Communication & Sport*, 8(4-5), 668-691. <https://doi.org/10.1177/2167479519898447>
- Ahmad, N., Thorpe, H., Richards, J., & Marfell, A. (2020). Building cultural diversity in sport: a critical dialogue with Muslim women and sports facilitators [Article]. *International Journal of Sport Policy and Politics*, 12(4), 637-653. <https://doi.org/10.1080/19406940.2020.1827006>
- Ahmed, L., & Ali, K. (2021). *Women and gender in islam: Historical roots of a modern debate* [Book]. <https://www.scopus.com/inward/record.uri?eid=2-s2.0-85103684548&partnerID=40&md5=edb18e31a7693bc690b2d899db100508>
- Alamri, A. A. (2015). How Australian female Muslim students interpret challenges in high school sports [Article]. *Journal of Muslim Minority Affairs*, 35(2), 215-229. <https://doi.org/10.1080/13602004.2015.1051752>

- Aljazeera. (2017). *FIBA allows hijab in professional basketball*. Retrieved 15/09/2023 from <https://www.aljazeera.com/sports/2017/5/4/fiba-allows-hijab-in-professional-basketball>
- Amara, M. (2008). The Muslim world in the global sporting arena. *Brown Journal of World Affairs*, XIV(2), 67-75.
- Amara, M. (2012). Veiled Women Athletes in the 2008 Beijing Olympics: Media Accounts. *International Journal of the History of Sport*, 29(4), 638-651. <https://doi.org/10.1080/09523367.2012.658194>
- Arar, K. H., & Rigbi, A. (2009). 'To participate or not to participate?'—status and perception of physical education among Muslim Arab-Israeli secondary school pupils. *Sport, Education & Society*, 14(2), 183-202. <https://doi.org/10.1080/13573320902809088>
- Arnold, C. (2012). *Hassiba Boulmerka: Defying death threats to win gold*. Retrieved 13/09/2023 from <https://www.bbc.com/news/magazine-16962799>
- Atti, B. (2023). *French media describes Moroccan World Cup player's hijab as 'regression' in women's rights*. Retrieved 15/09/2023 from <https://www.newarab.com/news/french-media-says-moroccan-wc-players-hijab-regressive>
- Bayramli, N. (2023). *Iran approves women's entry into stadiums, fulfilling long-standing demand*. Retrieved 13/09/2023 from <https://caspiannews.com/news-detail/iran-approves-womens-entry-into-stadiums-fulfilling-long-standing-demand-2023-7-3-0/>
- Benn, T., & Dagkas, S. (2013). The Olympic Movement and Islamic culture: Conflict or compromise for Muslim women? [Article]. *International Journal of Sport Policy*, 5(2), 281-294. <https://doi.org/10.1080/19406940.2012.656677>
- Benn, T., Dagkas, S., & Jawad, H. (2011). Embodied Faith: Islam, Religious Freedom and Educational Practices in Physical Education. *Sport, Education and Society*, 16(1), 17-34. <https://doi.org/10.1080/13573322.2011.531959>
- Benn, T., Pfister, G., & Jawad, H. (2011). *Muslim women and sport*. Routledge.

- Byers, T., Slack, T., & Parent, M. M. (2012). Mega Events. In T. Byers, T. Slack, & M. M. Parent (Eds.), *Key Concepts in Sport Management* (pp. 102-105). SAGE Publications Ltd.
- Carr, J., & Power, M. J. (2020). More than a club, more than a game: the case of Diverse City [Article]. *Managing Sport and Leisure*, 25(1-2), 99-113. <https://doi.org/10.1080/23750472.2019.1679039>
- Carr, J., & Power, M. J. (2021). Inclusion through football: The case of Diverse City FC. *SAH: Studies in Arts & Humanities*, 7(1), 153-171. <https://doi.org/10.18193/sah.v7i1.206>
- Cheng, J. E. (2019). Religiosity, integration and sport: Muslim women playing Australian rules football [Article]. *Journal of Australian Studies*, 43(1), 55-70. <https://doi.org/10.1080/14443058.2019.1577287>
- Committee, I. O. (2021). *Olympic Charter*. Retrieved 16/09/2023 from https://library.olympics.com/default/olympic-charter.aspx?_lg=en-GB
- Committee, Q. O. (2021). *Qatar Women's Sport Committee*. Retrieved 13/09/2023 from <http://www.olympic.qa/programmes-and-initiatives>
- Title IX, Education Amendments of 1972, (1972).
- Crenshaw, K. (1989). Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics,". *University of Chicago Legal Forum*, 1989, 130-167.
- Dagkas, S., & Benn, T. (2006). Young Muslim women's experiences of Islam and physical education in Greece and Britain: a comparative study [Article]. *Sport, Education & Society*, 11(1), 21-38. <https://doi.org/10.1080/13573320500255056>
- Dagkas, S., Benn, T., & Jawad, H. (2011). Multiple Voices: Improving Participation of Muslim Girls in Physical Education and School Sport. *Sport, Education & Society*, 16(2), 223-239. <https://doi.org/10.1080/13573322.2011.540427>
- Dana. (2016). *Congratulatory message of the secretary general of the women's party of the Islamic Republic of Iran to Kimia Alizadeh*. Retrieved 11/09/2023 from <https://www.dana.ir/news/1032275.html>
- de Oliveira, N. (2020). *Me deixe jogar: a história de Title IX: A lei que mudou o futuro das meninas na América*. Retrieved 01/09/2023 from

<https://pt.linkedin.com/pulse/me-deixe-jogar-hist%C3%B3ria-de-título-ix-lei-que-mudou-o-futuro-oliveira>

- Dorsey, J. (2016). *The turbulent world of Middle East soccer*. Oxford University Press.
- Ellison, K. (2016). *Ibtihaj Muhammad*. Retrieved 11/09/2023 from <https://time.com/collection-post/4301357/ibtihaj-muhammad-2016-time-100/>
- Esposito, J., & Mogahed, D. (2007). *Who Speaks for Islam?: What a Billion Muslims Really Think*. Gallup Press.
- Farinha, J. (2023). Quero ser jogadora. *A Bola*(18.067), 25. Retrieved 13/09/2023, from <https://www.abola.pt/>
- Fekete, L. (2008). *Integration, islamophobia and civil rights in Europe*. Institute of Race Relations.
- FIFA. (2015). *Laws of the game 2015/2016*. Retrieved 06/09/2023 from <https://downloads.theifab.com/downloads/laws-of-the-game-2015-16?l=en>
- Forbes. (2018). *The most powerful women in international sports 2018*. Retrieved 17/09/2023 from <https://www.forbes.com/pictures/5aabea644bbe6f0fa82880d6/no-14-rimla-akhtar/?sh=2d18075b787f>
- France24. (2022). *Top French court upholds ban on 'burkini' swimsuits in Grenoble's public pools*. Retrieved 15/09/2023 from <https://www.france24.com/en/france/20220621-top-french-court-upholds-ban-on-burkini-swimsuits-in-grenoble-s-public-pools>
- Griffin, T. R. (2019). National identity, social legacy and Qatar 2022: the cultural ramifications of FIFA's first Arab World Cup. *Soccer & Society*, 20(7-8), 1000-1013.
- Grubic, A. (2022). Proud: Examining the Social Media Representation of Ibtihaj Muhammad. *Howard Journal of Communications*, 33(4), 396-411. <https://doi.org/10.1080/10646175.2022.2027297>
- Hall, R. (2023). *'It's a very proud moment': British Muslim women cheer hijab at World Cup*. Retrieved 15/09/2023 from

<https://www.theguardian.com/football/2023/aug/02/its-a-very-proud-moment-british-muslim-women-cheer-hijab-at-world-cup>

- Hamzeh, M. (2015). Jordanian national football Muslimat players: Interrupting Islamophobia in FIFA's hijab ban [Article]. *Physical Education and Sport Pedagogy*, 20(5), 517-531.
<https://doi.org/10.1080/17408989.2015.1050660>
- Hamzeh, M. (2017). FIFA's double hijabophobia: A colonialist and Islamist alliance racializing Muslim women soccer players [Article]. *Women's Studies International Forum*, 63, 11-16.
<https://doi.org/10.1016/j.wsif.2017.06.003>
- Hamzeh, M., & Oliver, K. L. (2012). "Because I am Muslim, I cannot wear a swimsuit": Muslim girls negotiate participation opportunities for physical activity. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 83(2), 330-339.
<https://doi.org/10.1080/02701367.2012.10599864>
- Hargreaves, J. (2000). *Heroines of sport: The politics of difference and identity*. Routledge.
- Hargreaves, J. (2007). Sport, exercise, and the female muslim body: Negotiating islam, politics and male power. In J. Hargreaves & P. Vertinsky (Eds.), *Physical culture, power, and the body* (pp. 74-100). Routledge.
- Harkness, G., & Islam, S. (2011). Muslim female athletes and the hijab. *Contexts: Understanding People in Their Social Worlds*, 10(4), 64-65.
<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,shib&db=edb&AN=67744167&lang=pt-pt&site=eds-live&scope=site>
- Hersi, A., Paul, K., & Neil, T. (2017). *Hijab in Sports: The controversy surrounding uniforms in beach volleyball*. Retrieved 15/09/2023 from <https://medium.com/@religionsclass/hijab-in-sports-5de7e1b47c04>
- Hussain, U., & Cunningham, G. B. (2021). 'These are "our" sports': Kabaddi and Kho-Kho women athletes from the Islamic Republic of Pakistan [Article]. *International Review for the Sociology of Sport*, 56(7), 1051-1069.
<https://doi.org/10.1177/1012690220968111>

- Hussain, U., Inayat, K., Inayat, S., & Cunningham, G. B. (2023). From the eyes of the beholders: the Shimshali sisters [Article]. *Sport in Society*, 26(4), 632-649. <https://doi.org/10.1080/17430437.2021.2021887>
- Hussain, U., Yu, B., Cunningham, G. B., & Bennett, G. (2021). "I Can be Who I Am When I Play Tekken 7": E-sports Women Participants from the Islamic Republic of Pakistan [Article]. *Games and Culture*, 16(8), 978-1000. <https://doi.org/10.1177/15554120211005360>
- IAPESGW. (2021). *Accept and Respect*. Retrieved 14/09/2023 from <https://iapesgw.com/declarations-position-statements/>
- Jahromi, M. K. (2011). Physical activities and sport for women in Iran. In T. Benn, G. Pfister, & H. Jawad (Eds.), *Muslim Women and Sport* (pp. 109-124). Routledge.
- Jiwani, N., & Rail, G. (2010). Islam, Hijab and young Shia muslim canadian women's discursive constructions of physical activity [Article]. *Sociology of Sport Journal*, 27(3), 251-267. <https://doi.org/10.1123/ssj.27.3.251>
- Kala, B. (2008). *Indian girls refuse to play in bikinis; beach volleyball authorities relax dress code*. Retrieved 15/09/2023 from <https://topnews.in/indian-girls-refuse-play-bikinis-beach-volleyball-authorities-relax-dress-code-253487>
- Kay, T. (2006). Daughters of Islam: Family influences on muslim young women's participation in sport [Article]. *International Review for the Sociology of Sport*, 41(3-4), 357-373. <https://doi.org/10.1177/1012690207077705>
- Kluka, D. A. (2011). Foreword. In T. Benn, G. Pfister, & H. Jawad (Eds.), *Muslim women and sport* (pp. XVI-XVII). Routledge.
- Knez, K., Macdonald, D., & Abbott, R. (2012). Challenging stereotypes: Muslim girls talk about physical activity, physical education and sport [Article]. *Asia-Pacific Journal of Health, Sport and Physical Education*, 3(2), 109-122. <https://doi.org/10.1080/18377122.2012.700691>
- Krug, M. (2022). The 1981 FIFA World Youth Championship in Australia as a transformative moment in Qatar's sporting history. In D. Reiche & P. M. Brannagan (Eds.), *Routledge Handbook of Sport in the Middle East* (pp. 43-51). Routledge.

- Laar, R. A., Ashraf, M. A., Zhou, S., Zhang, L., & Zhong, Z. (2022). Assessing the Association Between Pakistani Women's Religious Beliefs and Sports Participation. *Frontiers in Psychology*, 13, 1-9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.915521>
- Lang, C. (2016). *Egyptian women's volleyball team competed in hijab for their first olympic game*. Retrieved 15/09/2023 from <https://time.com/4443905/rio-olympics-2016-volleyball/>
- Lenneis, V., Agergaard, S., & Evans, A. B. (2022). Women-only swimming as a space of belonging [Article]. *Qualitative Research in Sport, Exercise and Health*, 14(1), 37-52. <https://doi.org/10.1080/2159676X.2020.1844790>
- Lenneis, V., & Pfister, G. (2017). When girls have no opportunities and women have neither time nor energy: the participation of Muslim female cleaners in recreational physical activity [Article]. *Sport in Society*, 20(9), 1203-1222. <https://doi.org/10.1080/17430437.2016.1269085>
- Lipka, M. (2017). *Muslims and Islam: Key findings in the U.S. and around the world*. Retrieved 15/09/2023 from <https://www.pewresearch.org/short-reads/2017/08/09/muslims-and-islam-key-findings-in-the-u-s-and-around-the-world/>
- Longman, J. (2017). *She finished last on ice, but move forward*. Retrieved 17/09/2023 from www.nytimes.com/2017/10/03/sports/olympics/zahra-lari-hijab-olympics.html
- Lopes, P. (2018). *Kathrine Switzer, a primeira mulher a correr oficialmente em Boston*. Retrieved 01/09/2023 from <https://www.ativo.com/corrída-de-rua/papo-de-corrída/kathrine-switzer-historia-da-corrída/>
- Louella. (2023). *About us*. Retrieved 11/09/2023 from <https://www.louellashop.com/about>
- Mattos, R. (2023). *Arábia Saudita gasta 15 vezes o valor do Brasil em contratações na janela*. Retrieved 13/09/2023 from <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rodrigo-mattos/2023/09/09/arabia-saudita-gasta-15-vezes-o-valor-do-brasil-em-contratacoes-na-janela.htm>

- Maxwell, H., & Taylor, T. (2010). A culture of trust: Engaging muslim women in community sport organizations [Article]. *European Sport Management Quarterly*, 10(4), 465-483. <https://doi.org/10.1080/16184742.2010.502745>
- Miles, C., & Benn, T. (2016). A case study on the experiences of university-based Muslim women in physical activity during their studies at one UK higher education institution [Article]. *Sport, Education and Society*, 21(5), 723-740. <https://doi.org/10.1080/13573322.2014.942623>
- Mitra, P. (2009). Challenging Stereotypes: The Case of Muslim Female Boxers in Bengal. *International Journal of the History of Sport*, 26(12), 1840-1851. <https://doi.org/10.1080/09523360903172424>
- Moore, K. (1992). *A scream and a prayer: Politics and religion are inseparable from sport in the lives of algeria's world-champion runners, Nouredine Morceli and Hassiba Boulmerka*. Retrieved 10/09/2023 from <https://vault.si.com/vault/1992/08/03/track-and-field-a-scream-and-a-prayer-politics-and-religion-are-inseparable-from-sport-in-the-lives-of-algerias-world-champion-runners-nouredine-morceli-and-hassiba-boulmerka>
- Muhammad, I. (2021). Retrieved 11/09/2023 from <https://www.ibtihajmuhammad.com/>
- Muhammad, I., & Sharps, L. (2018). *Proud: My Fight for an Unlikely American Dream*. Hachette Book Group.
- Nakamura, K. (2002). Beyond the hijab: Female muslim and physical activity. *Women in Sport & Physical Activity Journal*, 11, 21-48.
- Nations, U. (2023). *What is Islamophobia?* Retrieved 16/09/2023 from <https://www.un.org/en/observances/anti-islamophobia-day>
- Nawar, B. (2021). *Historic sports that actually originate from the middle east*. Retrieved 13/09/2023 from <https://scoopempire.com/sports-that-actually-originate-from-the-middle-east/>
- News, A. (2019). *Saudi Arabia stadiums welcome female football fans for first time*. Retrieved 13/09/2023 from <https://www.arabnews.com/node/1224436/saudi-arabia>

- News, A. (2022). *Saudi FA launches Women's Premier League, Division One*. Retrieved 13/09/2023 from <https://www.arabnews.com/node/2163496/sport>
- News, B. (2021). *Afeganistão: o que é a Sharia, lei islâmica que o Talebã quer aplicar no país?* Retrieved 05/09/2023 from <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-58251684>
- Nike. (2017). *The Nike pro hijab goes global*. Retrieved 11/09/2023 from <https://about.nike.com/en/newsroom/releases/nike-pro-hijab>
- Norwood, A. (2017). *Wilma Rudolph*. Retrieved 01/09/2023 from <https://www.womenshistory.org/education-resources/biographies/wilma-rudolph>
- Observatório. (2019). *Torcedora de futebol que ateou fogo no próprio corpo morre no Iraã*. Retrieved 13/09/2023 from <https://observatorioracialfutebol.com.br/torcedora-de-futebol-que-ateou-fogo-no-proprio-corpo-morre-no-ira/>
- Olivereau, V. (2022). Investing in sport: A comparison of Qatar, the United Arab Emirates and Saudi Arabia. In D. Reiche & P. M. Brannagan (Eds.), *Routledge Handbook of Sport in the Middle East* (pp. 297-309). Routledge.
- Palmer, C. (2009). Soccer and the politics of identity for young Muslim refugee women in South Australia. *Soccer & Society*, 10(1), 27-38. <https://doi.org/10.1080/14660970802472643>
- Pandey, M., & Farooq, I. (2023). *Women's World Cup 2023: 'Nouhaila Benzina is a role model to us'*. Retrieved 06/09/2023 from <https://www.bbc.com/news/newsbeat-66289236>
- Pfister, G. (2000). Women and the Olympic Games. In B. Drinkwater (Ed.), *Women in Sport* (pp. 3-19). Blackwell Science.
- Pfister, G. (2010). Outsiders: Muslim Women and Olympic Games - Barriers and Opportunities. *International Journal of the History of Sport*, 27(16-18), 2925-2957. <https://doi.org/10.1080/09523367.2010.508291>
- Prouse, C. (2015). Harnessing the hijab: the emergence of the Muslim Female Footballer through international sport governance [Article]. *Gender, Place*

- & *Culture: A Journal of Feminist Geography*, 22(1), 20-36.
<https://doi.org/10.1080/0966369X.2013.832664>
- Público. (2021). *Vestidos, saia-calção, hijabs: no badminton, as mulheres vestem o que lhes apetece*. Retrieved 15/09/2023 from
<https://www.publico.pt/2021/07/29/impar/noticia/vestidos-saiacalcao-hijabs-badminton-mulheres-vestem-apetece-1972237>
- Rai, M. (2023). *The value of vision – How Zahra Lari has broken the ice for others*. Retrieved 17/09/2023 from
<https://www.forbes.com/sites/mandeeprai/2023/04/26/the-value-of-vision-how-zahra-lari-has-broken-the-ice-for-others/?sh=7e8b01c5f3b7>
- Rana, J. (2022). Secular-religious self-improvement: Muslim women's kickboxing in the Netherlands [Article]. *American Ethnologist*, 49(2), 191-203.
<https://doi.org/10.1111/amet.13069>
- Reuters. (2023). *Top French court upholds ban on wearing hijab during soccer games*. Retrieved 15/09/2023 from
<https://www.reuters.com/world/europe/top-french-court-upholds-ban-wearing-hijab-during-soccer-games-2023-06-29/>
- Ritchie, J. R. (1984). Assessing the impact of hallmark events: Conceptual and research issues. *Journal of travel research*, 23(1), 2-11.
- Samie, S. F. (2013). Hetero-sexy self/body work and basketball: The invisible sporting women of British Pakistani Muslim heritage [Article]. *South Asian Popular Culture*, 11(3), 257-270.
<https://doi.org/10.1080/14746689.2013.820480>
- Santos, F., Novais, M., Vitral, J., Pires, B. A., Monteiro, I., & Mourão, L. (2023). Interdições às mulheres iranianas nos estádios de futebol: De offside a blue girl. *Revista Foco* 16, e1363.
- Santos, I. (2012). *O fim do tabu feminino nos Jogos Olímpicos*. Retrieved 01/09/2023 from
- Scott, R. (2015). *Ibtihaj Muhammad mixes business with fencing fame*. Retrieved 11/09/2023 from
<https://eu.usatoday.com/story/sports/olympics/2015/04/22/ibtihaj-muhammad-us-fencing-inspiring-muslim-american-athletes/26152323/>

- Sequeira, M. (2019). *IAAF vai mudar de nome para World Athletics a partir de outubro*. Retrieved 01/09/2023 from <https://revistaatletismo.com/iaaf-vai-mudar-de-nome-para-world-athletics-a-partir-de-outubro/>
- Sfeir, L. (1985). The Status of Muslim Women in Sport: Conflict between Cultural Tradition and Modernization. *International Review of Sport Sociology*, 20(4), 283-306. <https://doi.org/10.1177/101269028502000404>
- Smith, L., & Richardson, R. (2004). *Islamophobia: Issues, challenges and Action - A Report by the Commission on British Muslims and Islamophobia*. Trentham Books.
- Soltani, A. (2021). Hijab in the water! Muslim women and participation in aquatic leisure activities in New Zealand: an intersectional approach [Article]. *Leisure Studies*, 40(6), 810-825. <https://doi.org/10.1080/02614367.2021.1933143>
- Specia, M. (2019). *Saudi Arabia granted women the right to drive. A year on, it's still complicated*. Retrieved 13/09/2023 from <https://www.nytimes.com/2019/06/24/world/middleeast/saudi-driving-ban-anniversary.html>
- Sport. (2021). *Tennis star Ons Jabeur talks about her rise to fame*. Retrieved 17/09/2023 from <https://www.islamchannel.tv/blog-posts/tennis-star-ons-jabeur-talks-about-her-rise-to-fame>
- Summers, J., Hassan, R., Ong, D., & Hossain, M. (2018). Australian Muslim women and fitness choices – myths debunked [Article]. *Journal of Services Marketing*, 32(5), 605-615. <https://doi.org/10.1108/JSM-07-2017-0261>
- Tagg, B. (2008). Religion and athletic bodies: Western representations of islamic veils and muslim athletes. In C. Hallinan & S. J. Jackson (Eds.), *Social and cultural diversity in a sporting world* (pp. 51-64). Emerald Group Publishing Ltd.
- Taylor, S., & Mathewson, E. (2023). *'I'm not a model. I'm an athlete and people should focus more on my athleticism rather than my clothes'*. Retrieved 17/09/2023 from <https://edition.cnn.com/2023/01/16/sport/muslim-women-athletes-spt-intl/index.html>

- Telegraph, T. (2018). 'As a hijab-wearing Muslim I had a few stares but I feel part of the Liverpool football family'. Retrieved 17/09/2023 from <https://www.telegraph.co.uk/football/priceless-experiences/rimla-akhtar-british-muslim-futsal/>
- Telles, M. (2019). *Billie Jean King, maior símbolo da luta contra o sexismo no esporte, completa 76 anos*. Retrieved 01/09/2023 from https://www.espn.com.br/espnw/artigo/_/id/6345174/billie-jean-king-maior-simbolo-da-luta-contra-o-sexismo-no-esporte-completa-76-anos
- Thorpe, H., Ahmad, N., Marfell, A., & Richards, J. (2022). Muslim women's sporting spatialities: navigating culture, religion and moving bodies in Aotearoa New Zealand. *Gender, Place & Culture: A Journal of Feminist Geography*, 29(1), 52-79. <https://doi.org/10.1080/0966369X.2020.1855123>
- Tjonndal, A., & Hovden, J. (2020). 'Will God condemn me because I love boxing?' Narratives of young female immigrant Muslim boxers in Norway. *European Journal of Womens Studies*. <https://doi.org/10.1177/1350506820954885>
- UNESCO. (1978). *Carta Internacional da Educação Física e do Esporte da UNESCO*. Retrieved 01/09/2023 from https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000216489_por
- Valentine, G. (2007). Theorizing and researching intersectionality: A challenge for feminist geography. *The Professional Geographer*, 59(1), 10-21. <https://doi.org/https://doi.org/10.1111/j.1467-9272.2007.00587.x>
- Venkataraman, V. (2023). *Arab women athletes are changing the game, but hurdles remain*. Retrieved 14/09/2023 from <https://fastcompanyme.com/impact/arab-women-athletes-are-changing-the-game-but-hurdles-remain/>
- Viggiano, G. (2021). *Entenda as diferenças entre os principais tipos de véu islâmico*. Retrieved 20/09/2023 from <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/08/entenda-diferencas-entre-os-principais-tipos-de-veu-islamico.html>

- Walseth, K. (2006a). Sport and belonging [Article]. *International Review for the Sociology of Sport*, 41(3-4), 447-464. <https://doi.org/10.1177/1012690207079510>
- Walseth, K. (2006b). Young Muslim women and sport: The impact of identity work [Article]. *Leisure Studies*, 25(1), 75-94. <https://doi.org/10.1080/02614360500200722>
- Walseth, K. (2015). Muslim girls' experiences in physical education in Norway: What role does religiosity play? *Sport, Education & Society*, 20(3), 304-322. <https://doi.org/10.1080/13573322.2013.769946>
- Walseth, K., & Fasting, K. (2003). Islam's view on physical activity and sport: Egyptian Women Interpreting Islam [Article]. *International Review for the Sociology of Sport*, 38(1), 45-60. <https://doi.org/10.1177/1012690203038001727>
- Yi, G., Qi, Z., Miao, W., Lei, Z., Shusheng, S., & Rizwan Ahmed, L. (2022). Restrictions on Pakistani Female Students' Participation in Sports: A Statistical Model of Constraints [article]. *SAGE Open*, 12. <https://doi.org/10.1177/21582440221138771>
- Yildiz, M. C. (2019). Mapping the 'sports nahda': Toward a history of sports in the modern middle east. In D. Reiche & T. Sorek (Eds.), *Sport, Politics, and Society in the Middle East* (pp. 11-40). Oxford University Press.
- Ziaee, A., van Sterkenburg, J., & van Hilvoorde, I. (2023). Female elite sports achievements in Iran. The Case of the First Olympic Medalist [Article]. *International Review for the Sociology of Sport*, 58(1), 208-229. <https://doi.org/10.1177/10126902221088124>